

Gabriel Garcia Moreno

e sua contribuição científica no Equador

I

O EQUADOR E AS SUAS CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

A república do Equador formava, na época colonial, primeiro uma das sub-divisões do vice-reino de Lima e depois do de Santa Fé da Bogotá, quando aquela cidade foi elevada á categoria de capital. Quito constituiu uma audiência, chamada mais geralmente presidência, pela presença dum presidente de junta. Não deixou de ser uma das audiências mais esquecidas e isoladas na enorme extensão dos domínios espanhóis no Novo Mundo. A inacessibilidade da cidade de Quito, a reduzida população da audiência, e a relativa pobreza do único pôrto, Guayaquil, explicam parcialmente o sossêgo político e social e a esterilidade económica em que vegetou esta colónia. Não possuiu nem um reflexo da opulência do Perú ou de México, nem teve a oportunidade de fácil exploração como as Antilhas ou a região do Rio da Prata. O isolamento reduziu a importância para a coroa castelhana desta região equatorial. Porém se a vida económica e política foi rudimentar e sem sucessos dignos de muita atenção, a actividade intelectual e religiosa alcançou uma intensidade respeitável. Quem considera a audiência de Quito submersa nas trevas da ignorância e da inutilidade desconhece de certo o número elevado de nomes notáveis nas letras, na história e até nas ciências que aí viveram. Nos fins do século XVIII, o dr. Espejo, preclaro filho de Quito e mentalidade vigorosa escreveu largamente acerca da influência das doutrinas europeias e dos pensadores franceses na vida e na cultura quitenha. Chegaram de facto a esta remota capital as palpitações da realidade europeia. O influxo ocidental foi aproveitado pelos intellectuais equatorianos. Religiosamente falando, Quito foi centro de uma actividade extraordinária. Não será exagêro a afirmação da sua pre-

eminência entre as cidades coloniais americanas em arte religiosa, arquitectura eclesiástica e devoção públicas. Nesta cidade nasceu e santificou-se Marian de Jesus Flores y Paredes, a beata Mariana, denominada pelas suas esclarecidas virtudes a "Açucena de Quito".

Vejamos as características mais notáveis da geografia do Equador. Não há provavelmente extensão americana mais variada na sua configuração física e na sua flora que a antiga audiência de Quito. A cadeia dos Andes que cruza a Colombia, bifurca-se no Equador para formar dois ramais, que correndo paralelamente encerram o vale central chamado "a serra". Esta planície, protegida pelas alturas andinas constitue o centro da melhor civilização do Equador. Os elevados picos dos Andes e os numerosos vulcões isolam este planalto das outras duas bem demarcadas regiões em que se acha dividido o país. A região oriental estende-se das faldas dos Andes até ao Amazonas na fronteira do Brasil. Selva impenetrável, esta vasta extensão oriental é regada pelos rios Pastaza e Napo que confluem com o Amazonas. Ainda que extensa em área, esta região não tem desempenhado papel no desenvolvimento equatoriano. Ainda hoje é relativamente pouco conhecido. Povoado pelas tribus nómadas o Oriente tem sido porém campo de actividade missionária. As célebres missões de Mainas existiram no Oriente, até à expulsão dos jesuítas em 1767. A seguir caíram no esquecimento. Alguns dos governos equatorianos pretenderam rehabilitar as missões, dotando-as novamente de neófitos e de meios de evangelização. Gabriel Garcia Moreno obteve um verdadeiro resurgimento de interesse e de dedicação pelo Oriente. Entretanto, sem comunicações fáceis que o liguem com o mundo exterior, o Oriente não representa uma região produtiva para o Equador. ⁽¹⁾

A terceira extensão em que está dividido o Equador é a costa, o Litoral, desde os Andes até o Pacífico. Essencialmente tropical, na sua vegetação compara-se climatologicamente com a costa colombiana. Forma parte da estreita faixa que se estende do Panamá até os desertos do norte peruviano.

O Litoral pela sua vegetação, clima e geografia humana, é uma região bastante diferenciada das outras. A serra é o centro das populações indígenas, ainda que o Litoral também possua ainda alguns núcleos e inclua quasi a totalidade da população de origem africana da nação. O Equador não é assim uma perfeita unidade geográfica, mas três regiões distintas, cujo desenvolvimento é desigual nas suas potencialidades variadas.

O conhecimento geográfico do Equador não é completo ainda hoje. As características já mencionadas produzem bem marcadas diferenciações regionais, dando em resultado um regionalismo político e social que tem influido na história do país. ⁽²⁾ O Equador distingue-se pelos contrastes do seu terreno; o acidentado do seu solo e a

extrema variedade dos seus fenómenos naturais. Possui o país mais de vinte e dois montes perpétuamente cobertos de neve. O número de vulcões é notável vistas as reduzidas dimensões nacionais. Nêste particular a prodigalidade da natureza assombra. O Cotopaxi, o Chimborazo, o Tungurahua, o Cayamby e o Pichincha, que desde tempos imemorráveis ameaça a cidade de Quito, são as mais destacadas destas sentinelas que isolam ainda mais a serra equatoriana. Êstes detalhes geográficos peculiares, impedem a sua fácil conquista pelo homem. O problema de comunicações é ainda o obstáculo de maior pêso para a realização da exploração do país. Até meados do século XIX, não existia da costa à serra cousa que se podesse chamar um caminho. Foi a administração de Garcia Moreno que trouxe ao Equador engenheiros capazes de proceder à construção duma estrada para o Litoral. Até então só existia um caminho, não muito praticável, que partia de Nova Granada e seguia para o sul até Loja. A história do Equador tem sido, até certo ponto, a luta contra as inclemências e obstáculos naturais que impedem a plena expansão da colectividade nacional. García Moreno no seu empenho de fazer progredir a todo o custo a nação, deu para isso grande contribuição abrindo materialmente o país ao conhecimento humano e facilitando a penetração em tôdas as suas regiões.

Ainda que conquistado e cristianizado antes do fim do século XVI, os instrumentos modernos do conhecimento geográfico não foram ali introduzidos até ao século XVIII. Em meados dêste século, os jesuítas estabeleceram a imprensa que foi instalada originalmente na cidade de Ambato. A visita ao Equador dos académicos franceses, La Condamine, Godin e Bouguer, estimulou incrivelmente o interêsse pelo conhecimento geográfico desta região que ficava sôbre a mesma linha do equador. Ficaram êstes eruditos franceses no país de 1736 até 1742. E' preciso tomar esta visita como ponto de partida para o breve exame da história geográfica do Equador. ⁽³⁾

A história da geografia do Equador é coisa de pouco vulto. Durante a época colonial algumas pessoas, isoladamente, ocupavam-se das questões científicas segundo os meios reduzidos que estavam ao seu alcance. Assim a crónica dos geógrafos e dos cientistas de Quito colonial não é muito longa. A chegada dos três franceses despertou como de um sono eterno os quitenhos e estimulou a actividade dos naturais do país para a investigação séria da natureza física do Equador. A comissão francesa veio ao Equador com a finalidade de realizar pelo método experimental a confirmação dos conceitos de Newton e de Huygens relativos à verdadeira figura da terra. Faltava a estas deducções o apoio da experimentação pragmática. ⁽³⁾ Naturalmente a história do processo da verificação da exata configuração da terra é longa. Pelos fins do século XVII os cultores dêste ramo de saber, achavam-se divididos em dois grupos: os geógrafos sob a inspiração

de Cassini e os cartesianos que sustentavam que a terra era um elipsoide alongado, e, os partidários de Newton que insistiam que a terra era um elipsoide com um ligeiro achatamento nas regiões polares. O célebre matemático e académico francês, Pierre Bouguer apresentou claramente as bases do problema quando disse que tudo parecia indicar que a geometria e a física se achavam em conflito para os conhecimentos precisos da questão. Só por meio de verificações *sur place* nas regiões polares e equatorial se poderia resolver com exactidão o problema. O cientista francês, Luiz Godin propôs ao monarca Luiz XV o envio à Laponia e às imediações do Equador terrestre de duas comissões para realizar cientificamente as verificações indicadas. Godin, Bouguer e La Condamine, foram os três escolhidos para a viagem ao Equador para os trabalhos mencionados. Os três eram personagens de primeira categoria — conhecidos todos nos círculos científicos de França. Dos três, La Condamine era, provavelmente aquele que mais atraía a atenção pela sua cultura pessoal e as inegáveis qualidades de espírito que o adornavam. Ficou na América até 1744, voltando para a Europa pelo Amazonas, feito que realizou em companhia do ilustre sábio equatoriano Pedro Vicente Maldonado. Enquanto visitavam as possessões espanholas foram-lhes agregados pelo monarca castelhano, Felipe I os jovens oficiais de marinha, Antonio de Ulloa e Jorge Juan de Santacilia, nomes melhor conhecidos, pela publicação das já famosas *Noticias Secretas*, fonte sem igual para o estudo do estado das instituições e costumes da América Colonial.

As operações da comissão francesa marcam o começo da actividade científica no Equador. Com a fundação no 1871 da Escola Politécnica por García Moreno a obra tão brilhantemente iniciada pelos académicos vindos de França continua. A realização das operações que os haviam trazido ao Equador requeria o uso da triangulação, meio que os académicos decidiram empregar, escolhendo um lugar perto de Quito, o Yuraqui, ponto que dominava facilmente quasi sem interrupções uma planície extensa. Em 1737 começaram as operações trigonométricas de triangulação. Desnecessário é descrever os três anos incessantes de operações tanto geodésicas como astronómicas que realizaram com a maior minuciosidade e paciência. Foram três anos de trabalho que exigiu sacrifícios muito notáveis. Condições climatológicas desfavoráveis, métodos então atrasados, distâncias sem comunicações, são factores que tornam ainda mais maravilhosa a obra da comissão dos académicos franceses. O propósito foi simplesmente resolver o problema sobre a figura da terra. No ano de 1740, tendo voltado a Paris, não foi possível resistir mais à evidência deduzida por estes dignos e diligentes trabalhadores científicos.

A estado no Equador desta comissão revolucionou como era de esperar a attitude e até a intellectualidade da colónia. Os trabalhos dos

franceses exerceram uma influência enorme nos meios culturais. Pouco a pouco a audiência de Quito começou a produzir homens dedicados às ciências e ansiosos de resolver os problemas mais interessantes da geografia desta apartada região americana. Cresceu o número das pessoas e das instituições respeitáveis, no campo das ideias, das ciências e das letras. Em 1767 existia já uma Academia denominada Pichinchense, centro de cultura intelectual. O catedrático e filósofo Juan Bautista Aguirre, nascido em 1725 e expulso com os jesuitas, contribuiu algo para a difusão dos conceitos cartesianos em Quito. O suíço, Padre Magnin, introduzira estas ideias do célebre francês que não chegaram, contudo a generalizar-se, mas demonstraram pelo menos a existência de influências francesas marcadas. Juan de Velasco distinguiu-se na história, deixando a esplêndida *História del Reino de Quito*. Pedro Vicente Maldonado, companheiro de La Condamine, foi, provavelmente, o cientista mais notável da colônia. Riobambense de nascimento, iniciou-se nos estudos das ciências no país, apesar dos seus escassos recursos. Foi para a França com La Condamine e morreu em Londres, estimado nas esferas culturais do velho mundo pela sua mentalidade brilhante. Pedro Anagotia dedicou-se às matemáticas, à geografia e à física, interessando-se vivamente pela construção do caminho de Quito a Esmeralda. Sacerdotes dedicados às ciências não eram raros. Nomes como Casa Jijón distinguiram-se pelo entusiasmo que manifestaram pelo progresso material da colônia, contribuindo este para o conhecimento dos aperfeiçoamentos tanto na indústria como na agricultura.

Se a chegada dos académicos franceses foi um acontecimento de primeira importância, também não o foi menos a visita de Alexandre von Humboldt no mês de Janeiro de 1802. Com Bomplard, ficou até o mês de Junho do mesmo ano. José Caldas, o célebre neogranadino, também esteve em Quito aos começos do século XIX. As suas impressões são ainda uma fonte inestimável de informações sobre a sociedade e o ambiente daquele tempo. Não podemos encerrar esta brevíssima relação das actividades científicas de Quito colonial, sem fazer menção especial do mais ilustre dos intelectuais quitenhos da colônia, o dr. Eugenio Javier de Santa Cruz y Espejo, precursor da emancipação americana e considerado por um autor francês, com Nariño de Nova Granada e Miranda de Venezuela como um dos três que mais directamente contribuíram para o movimento separatista da Espanha. (4)

O dr. Espejo, de sangue indígena, nasceu em circunstâncias muito humildes, para logo, em 1767 obter o título de doutor em medicina, estudando com os padres dominicanos. Os betlemitas tinham contribuído de maneira positiva para o progresso da medicina em Quito durante o século XVIII. O médico Juan Senniargues chegou a Quito em companhia dos académicos franceses. São as obras de Espejo

que mais luz projectam sôbre os problemas da sua época e especialmente das influências científicas e intelectuais que se sentiram em Quito naquele tempo. ⁽⁵⁾ Em *El Nuevo Luciano*, Espejo expõe grande diversidade de questões, e nesta obra como em algumas mais, podemos achar a essência do seu pensamento. Espejo sentiu a influência dos pensadores europeus mais populares de então. Verney influenciou o seu pensamento, levando-o a manifestar-se contra os jesuitas. Quito acompanhava a metrópole no amor pelas novidades do pensamento. ⁽⁶⁾ Espejo conhecia Grocio, Hobbes, Locke, Puffendorff e os enciclopedistas. Nos seus escritos afirma que os leitores quitenhos conhecem Voltaire, pois certos livros dêste pensador chegaram à sossegada colônia. O jansenismo penetrou de uma maneira alarmante na colônia. Quási tôdas as correntes de pensamento europeu da época; o regalismo nas relações entre a Igreja e o Estado, o jansenismo com a influência sempre crescente de Port Royal, o utilitarianismo, e as doutrinas mais intrigantes de Rousseau, acharam éco na colônia de Quito. A sua inacessibilidade não foi impedimento para que estas novas doutrinas e noções não agitassem seriamente a tranqüilidade e até a ortodoxia dos americanos.

Esta confusão inevitável de valôres e de normas veio nas vésperas da emancipação. Quito foi teatro de muitos dos incidentes dos quinze anos de guerra entre espanhóis metropolitanos e coloniais. O primeiro grito de separação lançado no novo mundo brotou em Quito em 1809 seguido por outro no ano seguinte. Infelizmente a força dos espanhóis foi superior à temeridade dos americanos, do que resultou a rápida repressão dêste movimento libertador. Quito só foi libertado definitivamente no ano de 1822 com a batalha de Pichincha. Fazemos referência em outra parte dêste ensaio à decadência em tôdas as actividades que sofreu o Equador logo após a independência. Durante os oito anos da união com a Colômbia, o tempo foi gasto em intrigas, desordens e confusão. Os equatorianos não receberam dos colombianos a equidade e a justiça que pediam. Não consideravam aceitavel a continuação da unidade que só existiu precariamente durante a vida de Bolívar. A vida intelectual sofreu as consequências da intranquilidade. Os primeiros quarenta anos de independência não foram anos fecundos para o progresso das ideias. Muito bem afirma o ilustre historiador moderno do Equador, o Padre José Maria Le Gouhir, que “as ciências modernas, pode dizer, que não entraram a formar parte do nosso património intelectual; não obstante alguns sábios estrangeiros puderam iniciar em tais conhecimentos alguns jovens equatorianos”. ⁽⁷⁾ Em primeiro lugar merece menção o engenheiro francês Sebastião Wisse, logo amigo de Garcia Moreno, que ensinava em Quito as matemáticas e a física com uma abnegação admirável. Foi o primeiro em traçar os planos para a construção dos caminhos que se projectavam na república. O

doutor Parreño teve reputação de matemático excelente. O médico escocês, Guilherme Jameson dedicou-se ao ensino da história natural, colaborando na universidade na difusão de ideias modernas sobre estas ciências. Vários europeus visitaram o Equador em missões pessoais de investigação, como o italiano Asculati, que deixou uma apreciável relação das suas observações no Equador de 1847. ⁽⁸⁾ O francês Boussingault deixou também dados de importância sobre aspectos da história natural equatoriana. Mais tarde publicou-se a primeira geografia do Equador que pretende ser científica, a de Manuel Villavicencio, de utilidade ainda hoje, pela abundância de referências e pelos dados valiosos que regista. ⁽⁹⁾ E' a primeira obra geográfica de conjunto sobre o Equador antes da publicação da obra magna de Teodoro Wolf, já definitiva sobre a geografia e a geologia do país. A desorientação política, revoluções, governos incapazes de sair do labirinto das dividas e da falência económica, não favoreceram as ciências com aquela atenção que só um governo ilustrado pode dar-lhas. Esforços individuais, isolados, representavam o máximo do progresso científico e erúdito. Gabriel Garcia Moreno, cultor pessoal da ciências, distinguiu-se, como observaremos mais adiante, a-pesar das condições políticas tumultuosas. Mas foi só em 1870 que a instrução científica se organizou sobre uma base firme e sólida com garantia de seriedade e continüidade.

II

GABRIEL GARCÍA MORENO — O HOMEM E A ÉPOCA

Gabriel García Moreno, nasceu na cidade costeira de Guayaquil, alguns meses antes da ocupação definitiva de Quito pelas tropas libertadoras. A decisiva batalha de Pichincha, que libertou para sempre as províncias equatorianas da autoridade espanhola, efectuou-se no mês de Maio de 1822. Começam então os oito anos de dominação colombiana, durante os quais as três grandes regiões: a Venezuela, a Colômbia e o Equador pretenderam realizar o sonho magnifico de Bolívar, formando uma só nação com a união efectiva de Quito, Bogotá e Caracas. A mocidade de Garcia Moreno coincidiu com a formação da nacionalidade equatoriana e a sua criação como república independente. Foram êstes anos um periodo de dura prova para as províncias meridionais. As relações com a Colômbia não eram suportáveis. Repetidamente se evidenciavam as discrepâncias entre a unidade do sul e o centro da nação. Não foi necessário mais que uma questão de oportunidade para que a separação absoluta do Equador se realizasse. A personalidade de Simão Bolívar impediu a ruptura durante os anos do seu governo. Quando iniciou a ditadura

em 1828, logrou manter a unidade ameaçada, mas a sua retirada da vida activa da política em 1830 precipitou o desmembramento. Nêste ano logo o General Juan José Flôres proclamou a separação do Equador da Grã Colômbia. De 1830 a 1845, durante os quinze anos de maior significação no desenvolvimento intelectual de Garcia Moreno, dominou no país o seu distinto fundador. Ocupou a presidência por dois períodos e em 1843 obteve uma prolongação pessoal para uma terceira vez o que apressou a revolução que o expulsou do país. Houve, não obstante, um breve parentese de cinco anos de ascensão à presidência de Vicente Rocafuerte, entre 1835 e 1839. Chamado liberal, no sentido em que esta palavra se entendia no século passado, Rocafuerte encetou numerosas reformas de ordem educativa e administrativa. Garcia Moreno chegou a Quito para começar os seus estudos, precisamente na época de Rocafuerte. Pelo ano de 1836 ingressou no Colégio de São Fernando, para passar mais tarde à Universidade de Quito. Tinha manifestado já uma paixão pelo estudo e a investigação ciêntíficos. Os seus anos de escolar e de universitário serviram para dar rumo a esta inclinação já marcada. O Equador dêsse tempo vivia precariamente, sujeito às vicissitudes duma existência política turbulenta e incerta. Rocafuerte tinha dado ao país uma orientação mais firme e mais estável, mas ainda o militarismo, a política rasteira, a falta de oportunidades intellectuais e a incerteza nas esferas do govêrno, tornavam difícil a obra genuína da cultura. A política absorvia as energias e mesmo os ingressos nos lugares do estado. O sistema escolar segundo os dados apresentados por todos os presidentes às assembleias nacionais carecia de atenção e de reforma. No ensino superior preponderavam nêste tempo os princípios do regalismo, por meio dos quais se formava as mentes das gerações estudiosas. O regalismo equatoriano foi uma coisa de raízes fundas — datando de 1824 quando a Colômbia proclamara a continuação dos direitos do patronato. Êste princípio da supremacia indiscutível do Estado sôbre a Igreja, regia as lei, a legislação e os estatutos do Equador. Garcia Moreno formou-se num espírito de regalismo exagerado e de doutrinas contraditórias e caóticas.

García Moreno achou-se muito cedo atraído pela política. A carreira de direito oferecia vantagens certas para os ambiciosos. Fora das estreitas limitações da política e da jurisprudência, era impossível obter preferência alguma. Era inevitável que o talentoso moço havia de procurar o seu futuro nêste campo. García Moreno sacrificou as suas primeiras aspirações para buscar uma carreira na política militante. No ano de 1845 esperavam-se grandes sucessos. A hostilidade ao regime do General Flores crescia e formou-se em Quito uma sociedade, a da *Sociedad Filotécnica*. Até certo ponto reflectia os mesmos principios do muito célebre *Quiteño Libre* que se organizou contra Flores em 1835. García Moreno pertenceu a êste grupo. In-

trigou. Tramava-se então a morte do presidente. A sociedade, sem ser precisamente liberal segundo a significação moderna, opunha-se tenazmente à prepetuidade da presidência, ao militarismo e à administração deficiente de Flores. É preciso lembrar que o General Flores era venezuelano de nascimento. O seu ingresso nas filas do Libertador facilitou-lhe mais tarde tomar conta do govêrno do Equador. Foi êle, quem, quando chegou o momento oportuno, rompeu os laços que atavam o Equador ao centro. O militarismo contra o qual o *Quiteño Libre* e a *Sociedad Filotécnica* prêgavam, era também estrangeiro. Muitos dos soldados das guerras emancipadoras ficaram no Equador quando terminou o conflito. A primeira constituição equatoriana permitiu-lhes a nacionalização e participar activamente na vida política da nova nação. Assim foi que muita da opposição contra êste militarismo foi mais exactamente animosidade contra a primitiva nacionalidade do primeiro magistrado e dos veteranos da emancipação estabelecidos no país. Foi uma expressão expontânea de nacionalismo contra a influência estrangeira. García Moreno entregou-se à eloquência revolucionária que brotava em todos os peitos. Sacrificou, como já temos dito, as suas aspirações ciêntificas para entrar na política. Fez-se político e até conspirador.

A queda do presidente Flores abriu as portas às paixões políticas. As simpatias dividiram-se entre os dois candidatos mais eminentes que aspiravam à presidência, o poeta Joaquim Olmedo e Ramón Roca. García Moreno favoreceu as pretensões de Olmedo, considerado como o mais competente dos dois candidatos. Flores não foi decisivamente derrotado; após algumas semanas de hostilidade armada, o presidente deu um admirável exemplo de abnegação, retirando-se voluntariamente, com a garantia do novo govêrno e por acôrdo dêste, no qual se achavam estipuladas as disposições que o govêrno se comprometia a cumprir. A retirada do Presidente Flores deixou o campo aberto à confusão na política partidária. García Moreno fundou um jornal, *El Zurriago* — jornal violento que durou pouco e que foi sucedido pela publicação do *El Vengador*, estabelecido principalmente para fustigar o General Flores. Em 1846, êste foi acusado de preparar uma invasão europeia com o fim de reconquistar o Equador. Semelhante atentado contra a integridade nacional do Equador despertou uma onda de paixões, não sòmente no Equador, mas em tôda a América. Várias repúblicas ofereceram a sua ajuda material para defender os direitos e a soberania das nações americanas. Alguns observadores acusaram o General Flores de pretender uma restauração monárquica. ⁽¹⁰⁾ O que parece mais provável é que Flores, burlado nas suas pretensões de voltar ao Equador, depois do govêrno revolucionário haver repudiado os tratados formais feitos em 1845, intentasse organizar uma expedição de aventureiros, em Espanha, para ameaçar o Equador e obter assim as con-

cessões que desejava. Durante dois anos, o projeto de Flores preocupou enormemente o governo equatoriano, mantendo-o num estado de nervosismo e perpétuo sobressalto. O fracasso dos projectos de Flores logo o seu regresso à América, permitiram que no decurso de uma década, pouco mais ou menos, o Equador sofresse a ameaça constante das suas expedições armadas, organizadas no Perú. Um dos aspectos da história equatorina mais significativos no século XIX é a tendência contínua de Flores e depois de Urvina de obter o poder por meio de expedições sediciosas formadas no estrangeiro.

García Moreno mostrou-se nesta época extremamente liberal, partidário das crenças mais convencionais do liberalismo então popular. García Moreno não figurou na confusão política que veio complicar a vida do Equador nos anos sucessivos. No fim de 1849, partiu pela primeira vez para a Europa. Esta primeira viagem não foi tão fecunda nem proveitosa como a segunda, efectuada alguns anos mais tarde. Iniciou-se simplesmente na vida europeia e na cultura dos grandes centros do continente. Voltou, pronto a participar novamente na desequilibrada política da sua pátria. A sua actividade manifesta-se durante a presidência de Noboa, homem simples, inteligente, mas a quem faltaram recursos e energia. Uma sombra começa porém a escurecer o horizonte político do Equador: o General José Maria Urvina, caudilho clássico e eterno intrigante político. Noboa foi vítima fácil deste chefe militar. García Moreno encontrou-se no Panamá com alguns dos jesuítas recém expulsos da Nova Granada pelo governo do General Hilario López. Convenceu os jesuítas exilados de que no Equador achariam um refúgio e as portas da nação ser-lhes-iam abertas para irem estabelecer-se sem hostilidade oficial. Chegado a Guayaquil, obteve a aprovação e os jesuítas entraram no Equador onde foram recebidos com prazer e satisfação. García Moreno é agora jornalista e polemista. A sua *Defensa de los Jesuitas* constituiu famosa polémica para defender a natureza e as actividades da Sociedade de Jesus. Exilado no Perú, viveu aí algum tempo até a vida intelectual o obrigar a partir para a Europa. De Paiza vai á França pela segunda vez para dar começo á vida de estudioso. É notável sob todos os pontos de vista esta decisão do jóven político. Homem já de mais de trinta anos, decidiu dedicar-se á formação académica, exactamente como se fôsse um simples principiante sem actuação na vida pública. Tinha chegado a senador no ano de 1854, quando o governo de Urvina, então dominante, o impediu pela força de ocupar o seu legítimo posto. Abandonou o Equador deixando a esposa em Quito e passou muitos meses fora, entregue aos estudos e ás investigações. Em Paris matriculou-se na Sorbona, frequentando os cursos da sua predileção. Os progressos nas ciências exactas, realizados por García Moreno serão objecto de comentário nas páginas seguintes. Foi admitido como sócio da Sociedade Geológica de França.

Ao mesmo tempo que intensificou as suas actividades científicas, adquiriu uma piedade religiosa extraordinária. Foi duma perseverança sem limites e as suas convicções católicas aprofundaram-se. Converteu-se em católico à *outrance*. Observou o movimento católico no velho mundo e daqui data provavelmente a sua convicção da adaptabilidade das doutrinas de acção católica na Europa às necessidades políticas e sociais do Equador. Amnistiado, voltou à pátria em 1856, feita já a sua mentalidade, disciplinada, pronta à acção.

Chegou ao reitorado da universidade na qual desempenhou também o lugar de professor das cadeiras de química e de matemática. Breve foi a sua intervenção na vida académica todavia suficiente para estabelecer as bases da reforma universitária. O General Urvina, entre as muitas coisas que fez em detrimento da educação do país, introduziu a chamada liberdade de estudos, tão severamente condenada pelo grande eclesiástico e historiador equatoriano, Federico González Suárez. ⁽¹¹⁾ Permitia esta lei que o estudante cursasse as disciplinas que quisesse, estudasse pelo sistema que mais gostasse e aproveitasse os exames que fôsem do seu interesse. Sem obrigações e e sem disciplina, a vida académica decaiu deploravelmente. Garcia Moreno, nos poucos meses que presidiu à universidade, corrigiu alguns dos defeitos mais graves do novo sistema. Os acontecimentos de 1857, alarmantes para a pátria, arrancaram-o uma vez mais da vida tranqüila do reitorado para a política.

Foi senador nas legislaturas de 1857 e de 1858, época de fortes convulsões para o Equador, nelas intervindo com vigor e convicção. falou freqüentemente sobre todos os grandes projectos que interessavam ao país. Pertenceu à comissão de instrução pública, expressando-se com autoridade nesta matéria. Na histórica sessão de 1857 falou decisivamente sobre a fundação de novas universidades, a lei orgânica de instrução pública e o estabelecimento de uma faculdade de ciências. Em 1858, a sua influência impediu o uso ditatorial das faculdades extraordinárias concedidas ao presidente Robles. O espaço não permite um exame pormenorizado dêste período de grandes transtornos para a república. Os governos de José Maria Urvina e Francisco Robles, entre 1852 e 1859, foram caracterizados pela arbitrariedade e pela força. O militarismo nacional e o mais desenfreado caudilhismo dominavam completamente o ambiente. O governo do General Flores foi a época do militarismo estrangeiro; os de Urvina e de Robles, a do militarismo nacional. Trocaram-se os nomes e talvez as nacionalidades, mas a influência continuou como o factor mais notável da década de 1850 a 1860. Todas as formas de progresso e de adeantamento ficaram paralizadas. A instrução pública decaiu e as instituições religiosas chegaram a um estado deplorável de indisciplina. Foi a época da confusão e da decadência. O Perú, sob a inspiração do Presidente Ramón Castilla, intentou a in-

vação. O Equador fraccionou-se. Em Quito surgiu um movimento popular em Maio de 1859 que nomeou García Moreno chefe do governo provisório. Em Guayaquil, o General Guillermo Franco subleveu-se, formando um governo regionalista. Em Cuenca e em Loja verificaram-se alterações políticas análogas. Estalou então a guerra civil que foi longa e violenta. Os peruanos invadiram e bloquearam Guayaquil. As vicissitudes de García Moreno nêstes meses de incerteza fôram extraordinárias. Organizou o exército, sendo civil. Com a ajuda do General Flores, chegado do Perú, arranhou a campanha contra Franco. Castilla retirou-se desiludido de Guayaquil. Em Setembro de 1860 as armas do governo provisório triunfaram em Babahoyo para abrir o caminho que conduzia a Guayaquil. A cidade caiu em poder do governo de García Moreno. Acabou-se a guerra com esta vitória esmagadora.

No ano de 1860 começa a reforma interna do Equador. García Moreno, primeiro como chefe do governo provisório, como presidente eleito depois, iniciou as modificações necessárias para o progresso do país. Não é nosso propósito estudar a sua actividade de presidente. Isso pertence à história política. Muito está escrito e muitos juízos têm sido feito sôbre as suas administrações. A personalidade de García Moreno ainda desperta no Equador as mais violentas controvérsias e difícil seria pretender fixar com precisão histórica as bases para uma apreciação ampla e imparcial. Devemos anotar os factos mais notáveis dos seus quinze anos de serviço à pátria.

García Moreno organizou e consolidou o regime durante o período de 1860 a 1865. Fortemente combatido, impôs a ordem e suprimiu tumultuosas revoluções. García Moreno foi severíssimo com os seus opositores armados. Instituiu uma paz forçada para permitir, o período de tranquillidade indispensável, a obra de reedificação. Arranhou a famosa concordata entre o Equador e o Vaticano. Libertou a Igreja da dominação civil, permitindo-lhe pleno e livre desenvolvimento. A concordata foi a obra mais notável da primeira administração. Dois foram os problemas que afrontou com vigor: o acôrdo permanente das relações com a Igreja e a supressão das revoluções. As obras públicas, comunicações, institutos, centros de caridade e de beneficência, escolas, colégios, congregações, missões — todo êste movimento material e espiritual iniciou-se durante êstes anos, mas só se transformou em facto na segunda presidência. Nada escapou à sua constante vigilância. A fazenda progrediu extraordinariamente e as receitas aumentaram. O exército foi reduzido e o militarismo eliminado. García Moreno foi chamado com justiça o maior homem de Estado do país. O seu governo foi uma combinação de totalitarismo, animado pela devoção ao progresso intelectual e material, sob a influência indiscutível das doutrinas sociais católicas.

García Moreno achou a constituição de 1861 uma monstruosi-

dade, segundo a sua própria expressão. Feita para combater o militarismo, impossibilitava o presidente de toda a acção. A segunda administração começou com uma nova constituição, feita segundo os conceitos especiais de García Moreno. Católica na essência, tem sido condenada como teocrática. Instituiu a presidência, o executivo dotado com poderes para actuar em todos os ramos da administração. Durante os anos de 1869 a 1875 García Moreno realizou o mais notável progresso científico. São anos fecundos e duradouros. Destaremos a contribuição do presidente ao avanço das ciências e do conhecimento científico. O Equador não era ainda conhecido. A investigação rigorosamente científica dos seus recursos, do seu solo e dos seus fenómenos naturais estavam ainda por estudar. O Equador com os seus magníficos vulcões, as suas imensas regiões inexploradas oferecia um campo virgem à temeridade, à persistência e à curiosidade do explorador. Era um verdadeiro laboratório. A lembrança das glórias de von Humboldt, de Caldas e dos académicos franceses, tinha desaparecido já no século XIX. A política, e a vida ameaçada pelas bruscas e inesperadas mudanças que constituíam a existência equatoriana desses dias, não deixavam a serenidade necessária para os altos vãos do espirito. O Equador vegetou até García Moreno o sacudir dessa apatia ruínosa que o ia levando rapidamente à destruição espiritual. Homem dotado duma inteligência rara, espirito reconhecido superior pelos próprios inimigos; violento, impaciente, intolerante, García Moreno impôs-se duma maneira extraordinária. Não era uma personalidade que atraísse pela sua suavidade; pelo contrário, a sua severidade fez do Equador um povo que avançou enormemente pelo caminho áspero mas recto que elle tinha traçado. A sua própria mentalidade científica foi traduzida numa expressão colectiva. Impôs, entre os seus, o amor às ciências, à exactidão e à investigação. Precisamos examinar agora a forma e os resultados desta transformação.

Trata-se do aspecto limitado da sua contribuição para o progresso das ciências e de atenção especial às ciências experimentais; à geografia e à geologia. A sua personalidade de estadista e de homem público deixou, logicamente, na sombra, a sua importantíssima contribuição para o avanço intelectual. E' mister conhecer o homem erudito a par do homem empreendedor, para compreender em toda a sua amplitude a complexa personalidade duma das personagens mais destacadas que o mundo hispano-americano tem produzido. Falaremos primeiro de García Moreno como estudioso, e depois de García Moreno, propulsor da cultura científica. Formou-se nas rígidas disciplinas científicas para imprimir este critério ao país cuja direcção lhe foi conferida.

III

GABRIEL GARCÍA MORENO — CULTOR DAS CIÊNCIAS

Por uma inclinação natural do seu espírito, García Moreno dedicara-se no comêço da sua carreira ao estudo das matemáticas e das ciências físicas com um ardor e uma intensidade de verdadeiro investigador. Vistas as mediócrs facilidades acessíveis no Equador naquela época, é extraordinário como García Moreno conseguiu manter-se a par do movimento científico do século. Foi no ano de 1844 que pela primeira vez apresentou uma contribuição para o progresso dos conhecimentos geográficos do país, influenciada pelo francês Sebastião Wisse, que se dedicava a dar lições aos alunos mais estudiosos, entre os quais figurava García Moreno. A amizade que se travou entre o aluno e o professor foi duradoura, e de importância para a formação intelectual do jovem estudante. Juntos subiram o vulcão de Pichincha no ano de 1844, realizando uma exploração que mereceu os mais eloqüentes elogios do grande naturalista von Humboldt. O Pichincha tinha sido estudado por La Condamine e seus companheiros em 1737 onde passaram vários meses explorando a sua cratera. Depois, von Humboldt, fascinado pela majestade do imenso vulcão, escalou-o para contemplar a cratera; aí sentiu certa ocasião, um forte abalo de terra. Von Humboldt reconheceu os perigos de uma expedição de estudo à cratera e especialmente a coragem dos estudiosos que quisessem intentar tais excursões. As ascensões realizadas por García Moreno e o engenheiro Wisse foram duas: a primeira em fins de 1844 e a segunda em 1845; Wisse enviou para França as suas memórias sobre os resultados científicos destas duas expedições. Wisse e García Moreno examinaram o fundo da cratera, ficando muito tempo perto das entranhas sulfurosas do vulcão. Além do mérito científico que produziu esta façanha, vale a pena consignar o nome pessoal extraordinário de tal empresa. A descrição da exploração revela muitos detalhes do Pichincha que interessam a ciência e especialmente a geografia. Bastará que citemos a relação que foi publicada pelo eclesiástico Pólit Laso dos escritos e trabalhos de García Moreno ⁽¹²⁾ Tendo sido a expedição ao Pichincha a empresa mais notável da carreira científica de García Moreno, vamos examinar os pontos principais das conclusões.

O Pichincha está situado ao O. N. O. de Quito a uma distância de 18 quilómetros. Ainda que muito perto da cidade, pois a capital equatoriana está edificada na falda do Pichincha, é preciso percorrer uma distância considerável a cavalo, seguindo o caminho de Lloa para alcançar o cume. Saíram García Moreno e o engenheiro Wisse de Quito a 11 de Agosto de 1845. Chegaram ao cume a pé, seguindo um caminho mais curto do que o que se segue quando se vai montado.

Iniciaram logo os seus trabalhos. Vejamos as palavras textuais desta relação :

“Tendo chegado ao bordo do vulcão, começamos a levantar o mapa dos contornos das duas crateras, a primeira das quais, inteiramente apagada, está situada a maior altura e a leste da segunda. Ambas devem ser o resultado de duas erupções em épocas muito diversas; a primeira verificou-se na parte mais elevada do monte e abriu a cratera do leste; a outra, mais tremenda ainda, produziu a do oeste, contígua à primeira, mas mais funda na falda do antigo Pichincha. Depois de trabalhar até as quatro horas, voltamos ao Corral, de onde saímos no dia 13 para continuar as operações iniciadas na véspera. Foi impossível subir aos penhascos carregados dos instrumentos, pois soprava um vento forte. Resolvemos, então, baixar à cratera para concluir ali as operações com maior comodidade, e levando os instrumentos, começamos, pouco antes das duas horas a descer, o que era bastante difícil e perigoso, seguidos só de um índio. Um dos observadores chegou abaixo às duas e meia e o outro, acompanhado do índio viu-se tão rodeado de perigos que só logrou baixar às quatro horas”.
(¹³)

Descrevem-se as duas crateras, a escassa vegetação existente nelas e as configurações de ambas. “Observamos o estado actual do vulcão. O centro da cratera é um plano inclinado para a saída, situada ao oeste. Nêste plano, junto à saída, há um cerro pequeno que tem aproximadamente 418 m. de diâmetro e 84 de elevação sôbre o dito plano; e pelas partes que ainda se conservam intactas, deduz-se que antigamente a sua forma era cônica. Duas torrentes, que recebem as águas da chuva circundam-na, reunindo-se em um mesmo ponto de saída. Tôdas as bôcas actuais, acesas e apagadas estão nêste cerro, razão por que o denominamos cone de erupção; e em nenhum outro lugar temos achado vestigio de erupções modernas. O estado do cone de erupção mostra as violentas comoções que tem sofrido; quâsi tôda a superficie tem sido rasgada e destruída pelas tormentas subterrâneas. (Segue uma longa descrição da condição actual da cratera e do vulcão em geral). Terminadas estas observações empreendemos o nosso regresso pelas horas da tarde, a um tempo em que a névoa impedia distinguir os objetos próximos, e caía também uma enfadonha chuva que durou tôda a tarde. A nossa situação era penosa, achando-nos muito maltratados em consequência dos golpes que tínhamos sofrido, tivemos que tomar a resolução de passar uma terceira noite nêste albergue. Não tivemos força para subir até o cimo da cratera”. (¹⁴)

As conclusões gerais a que chegaram os exploradores foram três: 1.^a época: saíram do centro da terra, por cratera que desapareceram, os pórfidos e fonólitos que constituem a massa do vulcão — a elevação foi-se aumentando a pouco e pouco, até que se formou o Pi-

chinha. 2.^a época: algumas ou muitas erupções, separadas por longos períodos de tempo, destruíram o cume da montanha, fazendo baixar a sua elevação e abrindo as crateras semelhantes às de hoje. 3.^a época: destruíram-se as faldas e o cume do cone de erupção e as matérias arrojadas foram areia, cinzas e vapores sulfurosos. Em nenhuma parte do Pichincha acharam vestígios de lava. ⁽¹⁵⁾ Relata-se a evidência de erupções do famoso vulcão em 1539, 1577 e 1660. A conclusão geral da expedição foi que o perigo do Pichincha não está nas materias que arroja mas nos tremôres de terra, que são, causa ou consequência das erupções. Em todos os países vulcânicos, os tremores de terra são mais fortes e mais freqüentes. García Moreno ocupou-se dêste caso e do problema dos vulcões, assunto que o interessava extraordinariamente. Mais tarde, em 1868, quando se deu o desastroso abalo de Imbabura, um dos primeiros problemas que agitaram o seu espírito foi a sua causa. Concluiu a relação de 1845, a primeira contribuição especificamente ciêntifica da pena de García Moreno com alguns cálculos físicos de extremo interêsse, sôbre os fenómenos naturais do Equador. Em geral as conclusões a que chegaram García Moreno e Sebastião Wisse nesta ocasião foram confirmadas em 1870 e 1873 quando os alemães Reiss e Stübel fizeram uma viagem ao Equador.

Muitos anos mais tarde, em 1857, realizou-se ainda outra exploração do Pichincha, cujos resultados estão enunciados numa carta que García Moreno dirigiu ao dr. Giulhermo Jameson. Completou com esta nova investigação o seu conhecimento do grande vulcão e cimentou mais sólidamente ainda o seu prestígio de ciêntista sério e competente. Esta carta foi enviada em Janeiro de 1858 em momentos muito criticos para o Equador e quando o mesmo García Moreno fez, o estudo dos produtos vegetais do vulcão. O dr. Jameson, célebre professor de botânica na Universidade de Quito remeteu a relação traduzida em inglês para publicação no *Philosophical Journal* de Edimburgo. Estuda nêste ensaio as transformações efectuadas no vulcão durante os doze anos desde a primeira exploração e as emanações vulcânicas. ⁽¹⁶⁾ Relata nesta carta em forma sintética, a história das explorações do Pichincha, vulcão que durante todos os tempos tinha excitado a mais viva curiosidade dos ciêntistas. Esta nova expedição, a terceira que realizara García Moreno deu em resultado um estudo mais detido dos produtos vegetais do Pichincha. Em 1845 só a natureza geral do vulcão foi estudada. Baixou, ao cone de erupção. Segundo as observações iniciais o fundo do vulcão tinha sido teatro recente de convulsões. Parte da vegetação desaparecera do lado oriental, pois a actividade vulcânica do Pichincha aumentara notavelmente nêste lapso de tempo. Descreveu os produtos sólidos do vulcão e as plantas que recolheu na cratera, mais tarde classificadas pelo dr. Jameson. Concluiu, deixando vêr os perigos

do intrépido explorador que descera no abismo da cratera. “A 750 m. de profundidade entre rochas, onde as mãos servem mais de que os pés, um só passo temerário teria consequências fatais”. (17)

Em 1849 na véspera de partir para a Europa, e durante as convulsões que agitavam o Equador, García Moreno subiu o Sangay, numa das excursões mais ousadas registadas nos anais da ciência. Von Humboldt fez menção honrosa desta excursão. Falando da “montanha colossal” de 16,068 pés de elevação, que rugia quasi permanentemente. O célebre homem de ciência diz que sentia sempre o bramido do vulcão, que em diversas ocasiões, especialmente em 1842 e 1843 teve erupções de intensidade incrível. A carta de Gabriel García Moreno sobre a ascensão foi dirigida ao cunhado, Roberto de Ascásubi, e datada de Riobamba, 29 de Dezembro de 1849. A descrição desta aventura, tão penosa como arrojada, concretiza-se na forma seguinte: “Sexta-feira última, fui a Ichubamba, fazenda situada a nove léguas de distância; a 23 chegámos muito cedo a Pongo, quatro léguas mais acima e ali deixámos os cavalos — no mesmo dia 23 começámos a baixar a cordilheira com muita dificuldade e depois de quatro horas de caminho a pé fizemos alto onde prenoitámos. No dia 24 caminhámos todo o dia e perto das cinco horas da tarde, estávamos junto do rio que corre nas faldas do vulcão a duas léguas. A cada momento levantava-se uma coluna de fumo mais ou menos negro e poucos segundos depois ouvia-se a detonação que acompanha sempre as erupções. Durante a noite de 24, gozámos o espectáculo magnífico do vulcão em erupção; foram tão repetidas que, durante uma hora em que fui apontando os minutos e os segundos de cada uma delas — chegaram ao número quasi incrível de 240, quer dizer, quatro erupções por minuto. No dia 25, às seis horas da manhã, começámos a marcha — e logo nos achámos ao pé do cerro negro e funesto que desejávamos vêr. Comecei a ascensão acompanhado de um criado do sr. Wisse. A vida vegetal e animal não existe no Sangay. Voltámos à nossa cabana às sete horas da tarde, depois de treze horas de caminho sem descanso”. (18)

Apenas terminada esta excursão, partiu García Moreno pela segunda vez para a Europa. Sigamos o curso dos seus estudos por meio da correspondência inédita escrita na maior parte ao cunhado, Roberto Ascásubi, de Quito. Revelam estas cartas o progresso e o entusiasmo que sentia invariavelmente pelas investigações. A sua amizade com o distinto homem de ciência francês, Boussingault, de muito lhe serviu para obter as facilidades que desejava para prosseguir os seus estudos. Chegou a Paris, a tempo para matricular-se nos cursos oferecidos na Sorbona. Voltou, já homem, à vida de estudante. Foi, uma vida de intensa dedicação, durante a qual não deixava perder nem um instante do tempo preciso de que dispunha, para os seus estudos. Ao mesmo tempo que aperfeiçoava os conhecimentos ciên-

tíficos, intensificava a sua vida religiosa. O seu programa de estudos consistia em física, zoologia, química, análise de química orgânica, cálculo infinitesimal e algebra superior. Trabalhava no laboratório três dias da semana e mais tarde quando a oportunidade se apresentou, dedicou-se também aos estudos de botânica e de geologia. O seu entusiasmo sem limites manifesta-se na carta de 14 de Janeiro de 1856 quando dizia: “dança-me na cabeça a ideia de um pequeno aparelho de minha invenção para fabricar o ácido sulfúrico”. ⁽¹⁹⁾

O contacto com a intelectualidade francesa e as aulas que frequentava com os melhores mestres da ciência em França causavam-lhe uma pungente impressão que às vezes o desesperava. “Não me julgava tão ignorante como sou. O tempo é curto mas aprenderei alguma coisa”. ⁽²⁰⁾ Estudava principalmente com Boussingault e Duhamel e em Novembro 1856 quando dizia: “dança-me na cabeça a ideia de um pequeno aparelho sentado por d’Orbigny e Nugard. Os trabalhos nos laboratórios obrigavam-o a ficar todo o ano em Paris. Em Agosto preparava-se para ir à Inglaterra, para aperfeiçoar o seu conhecimento da língua inglesa. A sua estada em França permitiu-lhe obter muitos aparelhos científicos para levar para o Equador. Comprou à Escola Normal uma excelente coleção de mineralogia. O primeiro impulso que o conhecimento das ciências ia receber no Equador foi o proporcionado pelo ensino de García Moreno e pelas facilidades obtidas por ele durante a sua residência em Paris. Não é exagero insistir que Gabriel García Moreno de volta para a América do Sul, impulsionou pela primeira vez no século XIX o ensino e a investigação no seu país. Honra que não coube aos ditadores que têm afligido os países hispano-americanos.

Volto ao Equador para desempenhar diversas funções de importância na vida cultural do país. Foi elevado ao reitorado da Universidade, onde, durante meses, modificou o ensino e os métodos. Diz o dr. Julio Tobar Donoso, na sua excelente *García Moreno y la Instrucción Pública*: “O reitorado de García Moreno foi de enorme proveito para a universidade. Adeantou os melhoramentos materiais e enriqueceu a biblioteca. Dava então cursos de botânica o dr. Guillermo Jameson. O reitor criou as cadeiras de química e de ciências exactas; fez construir locais cómodos e adequados para o ensino destas disciplinas e ele mesmo, aproveitando o seu laboratório pessoal, desembolsando todas as despesas dos ensaios e as preparações requeridas, dictou pela primeira vez na universidade, com admiração dos seus ouvintes, aquela ciência”. ⁽²¹⁾

A sua breve intervenção na direcção da universidade não foi suficientemente longa para a sua metamorfose total. As obrigações da política chamavam a sua atenção. A política solicitava-o. Foram os anos de maior turbulência no Equador, quando as investigações e a

experimentação tiveram de ser necessariamente abandonadas pelas necessidades mais peremptórias do momento político. Pessoalmente García Moreno tinha-se mostrado apaixonado das ciências, estudioso, hábil e competente numa preparação académica incomparável. O seu interesse jámais esmoreceu. Frequentemente as suas inclinações foram prepostas pelas obrigações que a política lhe impunha. Não obstante, no período em que esteve fóra da presidência, em 1868, quando ocorreu o terrível tremor de terra de Imbabura, não deixou a oportunidade que lhe foi oferecida para realizar alguns estudos sobre as particularidades daquela catástrofe. Encarregado pelo governo de então da reconstrução da província destruída, García Moreno remeteu em Setembro de 1868 uma relação do desastre com algumas observações científicas sobre a sua provável causa. ⁽²²⁾

“Ontem, pela manhã, voltei da minha excursão — ruínas e morte, alterações terríveis do sólo, luto e misérias. — Creio chegado o momento de rectificar as numerosas inexactidões e falsidades que circulam em Quito, sobre o espantoso tremor de terra do dia 16 de Agosto, o qual foi precedido por um na tarde de 15, sentido débilmente em Quito. Ao vulcão Cotopaxi tem sido attribuido geralmente, e sem razão alguma, esta convulsão da natureza por aqueles que, confundindo os tremores de terra com as erupções, imaginam que aqueles são sempre o resultado destas. — Se me fóra permitido aventurar a minha opinião sobre a verdadeira causa da catástrofe que destruiu esta populosa e adeantada província de Imbabura, deixando de 15 a 20 mil cadáveres insepultos e sumidos na miséria 50 mil sobreviventes, diria que a erupção produzida por uma imensa onda de gases comprimidos que nas regiões internas do glóbo explodiram e saíram pelas cavernas subterrâneas dos Andes, semeando ruínas e cadáveres; que é, talvez, a maior de que temos noticias nos tempos históricos. ⁽²³⁾

Depois da guerra civil de 1859-1860 com o estabelecimento do governo provisório dirigido por García Moreno, êste não teve tempo nem energia para uma serena obra do laboratório. A vida do Equador era excessivamente vertiginosa para permitir estas preocupações. A sua administração não se distinguiu senão pelo desejo e pela necessidade de impôr ordem e disciplina, procurando dissipar as constantes nuvens de discórdia e de rebelião. A segunda presidência de Moreno, começada em 1869 foi, porém, extraordinariamente fecunda em realizações científicas. Conhecida a sua equilibrada mentalidade, não há motivo para se estranhar a sua dedicação às ciências e os esforços que fez no sentido de difundir do seu ensino. Logo em 1870 iniciou o que poderíamos, com justiça, chamar uma revolução intelectual. Converteu a antiga universidade num moderno laboratório; levou o conhecimento das ciências exactas a tôdas as províncias; introduziu nelas o que de melhor havia no pensamento europeu e ace-

lerou o estudo científico e profundo dos recursos, riquezas e possibilidades do sólo equatoriano. No capítulo que segue, estudaremos brevemente êsse aspecto da sua actividade.

IV

GARCÍA MORENO — PROPULSOR DA CULTURA CIENTÍFICA

Gabriel García Moreno, na magna obra da ilustração do seu povo, mostrou-se trabalhador infatigável a favor da instrução das massas, da sua elevação cultural e científica. Um certo número de princípios fundamentais expõe o seu programa educativo. Estuda com igual interesse as necessidades da instrução primária e superior. Ao mesmo tempo que concede facilidades aos camponeses, aos indígenas e às classes desprotegidas em geral, dedica-se com entusiasmo inabalável ao ensino avançado, para assim criar no Equador um sistema coordenado e não instituições isoladas que não correspondam a um conceito sistematizado de educação. Nêste ensaio, propomos desenvolver só algumas observações com respeito à sua contribuição para o ensino superior no sentido limitado da propagação de ideias científicas. Êste aspecto do seu labôr chama a atenção pela audácia e pela realização brilhante. García Moreno tem sido comparado por escritores adversos com muitos dos ditadores que a América espanhola tem produzido: com Rosas, na Argentina; com Francia, no Paraguai; com Guzmán Blanco, em Venezuela, e com Porfirio Díaz, no México. Não são justas estas comparações arbitrárias, pois as circunstâncias e os propósitos de cada um dêles se encarregavam de tornar diferentes os casos. E' por ventura admissível comparar-se García Moreno com Francia, que lutava para impedir a entrada na nação de estrangeiros, que fechou as portas do país aos elementos extranhos a êle? García Moreno gastou somas respeitaveis para importar os elementos necessários para a inauguração de reformas escolares e materiais. Um Rosas não revela na sua política de govêrno a intensa preocupação pelo avanço do povo que mostrou García Moreno. Um Porfirio Díaz, prestando atenção aos interesses que asseguravam o desenvolvimento material, descuidou o progresso moral e intelectual das massas do povo. México prosperou sob a sua administração, mas não progrediu sob o ponto de vista da ilustração. A diferença essencial do govêrno chamado no Equador *garciano* com os de outras regiões da América consiste em que García Moreno foi um ditador, mas não um ditador vulgar. Foi talvez o único homem de ciência que dirigiu um Estado em tais circunstâncias. Ahamos a sua filosofia do estado reflectida perfeitamente no empenho que mostrou, nos co-

mêços da sua segunda administração, em desenvolver o ensino das ciências e promover um alargamento do programa das investigações de história natural e dos recursos do país.

O estado garciano é coisa digna de estudo e de meditação. Muito tem sido escrito para louvá-lo ou para amesquinhá-lo. Ainda não existe uma obra que apresente sem paixão, sem prejuízos e sem *partis pris* a essência da estrutura desse estado. Examinemos antes de considerar a obra científica, as bases ideológicas da nação equatoriana sob García Moreno. O seu conceito de govêrno foi católico, baseado nas noções escolásticas das obrigações do estado e a sua organização. Inspirou-se numa doutrina social nitidamente católica, aplicando às necessidades nacionais as bases sobre as quais repousa a teoria política do catolicismo. E' falsa a afirmação do seu ultramontanismo inveterado ou a sua entrega sem limitações de tôdas as instituições nacionais ao clero. Aboliu, é verdade, o antigo patronato, para instituir a concordata, que libertou a Igreja da dominação até então exercida pelo estado. Há muita confusão na interpretação do alcance da concordata. Libertou a Igreja para permitir que a instituição eclesiástica funcionasse livremente, sem a preponderância absoluta do estado. A Igreja teve intervenção logo em muitas esferas do govêrno, mas o govêrno ao mesmo tempo retinha muitas funções sem permitir que nelas a autoridade eclesiástica tivesse interferência. A concordata especificava que no ensino geral, a autoridade da Igreja daria respeito à instrução de moral e de doutrina. Não dizia uma só palavra em relação ao ensino não religioso. O espírito do estado e a sociedade do Equador são católicos. A igreja, segundo êste importantíssimo acôrdo, aceitou funções perfeitamente definidas. García Moreno para estabelecer o novo sistema de instrução importou religiosos da Europa. O motivo foi em parte o desejo de consolidar o catolicismo e também a necessidade de realizar esta tarefa com a menor despesa possível. O jesuita, Teodoro Wolf, conhecido cientista que García Moreno trouxe ao país, argumenta, com razão, que teria sido impossível obter os serviços de homens eminentes de ciência da Europa com o dinheiro disponível sem recorrer às comunidades religiosas. Recebiam pouca gratificação, eram mais dedicados ao trabalho e como o espírito de sacrificio entrava em consideração, os religiosos asseguravam melhor estabilidade ao ensino. ⁽²⁴⁾ Devemos por isto examinar os resultados de ordem científica da reforma educativa de García Moreno.

Foi formalmente abolida a antiga Universidade de Quito para se edificar outra sobre bases mais sólidas. García Moreno reconheceu como muitos outros que têm observado a instrução na América do Sul que o ensino profissional predominava. A educação puramente literária não correspondia às necessidades do país. A Universidade sofria as desvantagens da liberdade de estudos decretada pelo Pre-

sidente Urvina. A consequência foi a desmoralização total do ensino. O estudante tornou-se autônomo no sentido mais amplo e a seriedade e o rigor do ensino decaíram. A abolição da universidade na sua forma antiga preparou o caminho para um novo organismo. García Moreno não quis certamente abolir as disciplinas clássicas. Quis estabelecer a investigação científica. Por outras palavras quis seguir o princípio que Vicente Rocafuerte, segundo presidente do Equador, enunciara quando dizia que a república não se achava possuída das “luzes do século”. Para provar até que ponto chegou García Moreno a dotar o Equador com um espírito científico, basta citar textualmente as interessantes palavras do francês, professor Domec, que foi contratado para a Faculdade de Medicina em Quito. Falando alguns anos mais tarde em França, descreveu a reforma do ensino no Equador nestes termos:

“Logo vieram as reformas no ensino secundário e para isto o regenerador infatigável dirigiu-se às ordens religiosas da Europa. Desde esse momento os estudos literários e científicos no Equador elevaram-se às alturas dos da Europa. Augurava-se um futuro brilhante aos numerosos moços saídos destes estabelecimentos com uma sólida e profunda instrução”. (25)

A dissolução da velha universidade foi seguida em Março de 1869 pelo restabelecimento da Faculdade de Direito. Os colégios dos jesuítas mantinham-se em excelentes condições depois do reingresso da Companhia em 1862. Quatro estabelecimentos principais desta congregação estavam funcionando neste tempo. Ninguém influiu tanto para a realização desta parte do programa do governo de García Moreno como o padre Terenziani, chamado por um panegirista, “o cavalheiro do direito, da ciência e da cruz”. (26)

A Faculdade de Medicina foi uma das grandes criações da segunda administração. Na primavera de 1874 García Moreno logrou contratar Dominique Domec, doutor em medicina de Montpellier para vir ao Equador reger uma cadeira de anatomia. Ofereceu a este ilustre galeno francês 12.000 francos anuais. A Faculdade foi organizada sob a inspiração de sábios europeus. O dr. Estevão Gayraud encarregou-se do decanato e da organização das aulas. A Faculdade ficou estabelecida na forma seguinte: (27)

Dr. Dominique Domec: Anatomia geral e descritiva.

Dr. Rafael Barahona: Fisiologia geral e especial; higiene privada e pública.

Dr. António Saenz: Patologia geral; anatomia patológica; medicina legal, toxicologia e obstetrícia.

Dr. Rafael Rodríguez Maldonado: Terapêutica; matéria médica e clínica interna.

Dr. Estevão Gayraud: Cirurgia.

Com comêços tão brilhantes progrediu notavelmente a nova faculdade. O dr. Domec prestou serviços inestimáveis à causa da instrução médica no Equador. Estabeleceu uma escola prática de demonstrações anatómicas com instrumentos comprados pelo govêrno equatoriano na Europa. García Moreno jâmais vacilou ante as despesas que representava êste progresso. A excelência dos homens trazidos pelo presidente ao Equador não permite nenhuma dúvida sôbre esta afirmação. Observa o erudito historiador, dr. Julio Tobar Donoso, que ao seu regresso à França, o dr. Domec foi nomeado professor da Universidade de Lille e o dr. Gayraud do Hospital Geral de Montpellier, nomeações que testemunham eloqüentemente a competência dêstes dois grandes médicos. Não só se dedicaram ao ensino na Faculdade, mas promoveram o estudo de muitos aspectos da medicina no Equador. Fizeram estudos sôbre a lepra, doenças venéreas, tuberculose e a influência na cura do meio natural do Equador. García Moreno fez trazer de Paris, D. Emília Sion, perita em obstetrícia para a instalação de uma maternidade no Equador. Estabeleceu um serviço com um luxo que era totalmente desconhecido nêsse tempo. ⁽²⁸⁾

Ainda que o impulso dado à medicina constituísse uma obra de mérito indiscutível, é a criação da Escola Politécnica que mais nos interessa por ser ela mais significativa da grande contribuição de Moreno para o ensino científico. A 30 de Agosto de 1869 decretou-se o estabelecimento da Escola Politécnica com o fim de preparar técnicos e investigadores no campo geral das ciências. Havia um ensino secundário ou geral para os que precisavam dos cursos preparatórios e logo os avançados e especiais para os que aspiravam a uma formação mais completa. "A instrução era gratuita e os estudantes não pagavam quantia alguma para as matriculas, exames ou diplomas". ⁽²⁹⁾

Os sucessos de 1870 com a iniciação do Kulturkampf na Alemanha por Bismarck ofereceu a García Moreno a oportunidade de obter os serviços de muitos jesuítas, expulsos daquela nação. Em Setembro de 1870 celebrou-se o contrato por sugestão do presidente, entre o Ministro de Instrução Pública, o dr. Francisco Javier León e o padre Agustín Delgado, visitador dos jesuítas. Fixou-se para êstes professores que se empregariam na nova Escola Politécnica a soma de 600 pesos anuais, mais as despesas das expedições e laboratórios. Construir-se-ia também o mais cedo possível um observatório astronómico.

Com a sua impaciência habitual, García Moreno autorisou a instalação da nova escola em Outubro de 1870. No mês de Março do ano seguinte, o govêrno ordenou ao cônsul equatoriano em Paris, que gastasse 100.000 francos na aquisição de um laboratório de química e máquinas de mineração ⁽³⁰⁾ Durante o ano de 1870 foram con-

tratados os seguintes jesuitas alemães: RR. PP. Juan B. Menten, Teodoro Wolf e Luiz Sodiro. Em 1871 vieram Luiz Dressel, Luiz Heiss, José Kolberg, José Epping, Christian Boetzkes, Emilio Millendorf e A. Wenzel. Em 1873 associaram-se à escola os padres Eduardo Brugier e Alberto Claesen. Em 1874 veio o padre Clemente Faller para ocupar-se do decanato da escola. Nem todos os professores eram religiosos, pois García Moreno contratou também em 1873 Jaime Albert para arquitectura e Nicolas Grünwalt para engenharia civil. Fez-se um contrato com Carlos Honshteter como dissecador e preparador de animais para o museu zoológico. Durante 1872 o programa definitivo do ensino foi redigido e decretado pelo presidente. As disciplinas obrigatórias para os alunos de preparatórios são muito interessantes pela sua precisão e pela sua amplitude. Nos três anos que cursavam estudos antes de começar a especialização que oferecia a Escola Politécnica, a preparação abrangia sólidos conhecimentos de língua e literatura latinas, matemáticas, geografia de ambas as Américas e da Europa, história antiga, da idade média, moderna e nacional, religião, e no campo da filosofia as divisões da lógica, metafísica e cosmologia. Ingressaram na escola mais do que as pessoas que aspiravam a um título, todos aqueles que desejavam aperfeiçoar os seus conhecimentos em contacto com os professores novamente trazidos da Europa. O presidente estabeleceu todos os meios possíveis para estimular os estudantes da escola. O governo concedia bolsas de estudo com contrato, que obrigava os candidatos a concluir o curso de quatro anos, durante os quais o estado pagava ao aspirante vinte pesos mensais empregando-os depois no serviço público. No caso de abandonar os estudos, sem poder devolver o dinheiro recebido, tinha a abrigação de passar às filas do exército. ⁽³¹⁾ O quadro do ensino superior durante o ano de 1873 demonstra a obra realizada pela Escola Politécnica. Abrangia êste programa de estudos de astronomia, geodésia, mecânica, zoologia, desenho geométrico, máquinas, matemáticas, em vista das necessidades dos alunos de Escola Militar, física, química, botânica, mineralogia, geologia, arte de minas e línguas modernas. Em 1875 êste quadro foi enriquecido pela inclusão de geometria descritiva, arquitectura, mecânica prática e farmácia. Os professores alemães eram notabilidades na sua especialidade. Muitos dêles eram conhecidos na Europa, e tanto na cátedra como nas revistas tinham contribuído para o avanço do conhecimento das suas disciplinas. Em pouco tempo, instalou-se em Quito um laboratório químico, outro de física e um museu de história natural de primeira importância para o conhecimento da fauna equatoriana. O dr. Domec afirmou em França que "se tinha formado em Quito com o nome da Escola Politécnica um centro de ensino que podia, não tememos dizê-lo, rivalizar com as nossas melhores faculdades de ciências". ⁽³²⁾ Concluiu o seu testemunho a respeito da excelência da

escola, chamando-a “êste foco científico, o primeiro talvez na América meridional”. (33)

Os professores da escola não se limitaram a dar as aulas para as quais foram contratados. Todos êles se ocuparam activamente da divulgação mais ampla dos seus conhecimentos. Indiquemos sòmente algumas das obras que foram produzidas pelos professores da Politécnica durante e depois da sua estada no Equador. Esta productividade de ordem científica é um dos monumentos erigidos à visão e imaginação de Gabriel García Moreno. Êle foi o único governante equatoriano e um dos poucos da América do Sul que fomentou e estimulou directamente pelo exemplo pessoal e pelo entusiasmo do seu espírito o avanço do conhecimento no campo científico. A lista parcial das produções dos professores revela as seguintes obras:

João B. Menten:

Textos de trigonometria. Texto de geodésia elementar e superior.

Observações astronómicas e meteorológicas em 1871 e 1872.

Estudo sòbre os limites do Equador com a Colômbia e o Perú.

Relação sòbre a expedição dos académicos franceses em 1736 para medir o arco do meridiano equatorial. 1873-76, Boletim mensal sòbre observações meteorológicas e astronómicas.

Construção do observatório astronómico em 1873.

Teodoro Wolf:

Boletim científico sòbre estudos geológicos (*El Nacional*, 1871).

Resultado da primeira viagem geognóstica ao Guayas (1874).

Geografia e geologia do Equador. Obra publicada em 1892 em língua espanhola em Leipzig e considerada a obra mais importante do seu género.

Formação de um museu de mineralogia.

Luis Sodiro:

Relação sòbre a erupção do Cotopaxi.

Reflexões sòbre a agricultura equatoriana.

Relação sòbre o fomento da agricultura equatoriana.

Programa da escola agronómica.

Contribuições ao conhecimento da flora equatoriana.

Gramineas equatorianas.

Criação do museu de botânica equatoriana.

Formação do jardim botânico.

Luis Dressel:

Tratado de química, 1873.

Táboas para a análise química qualitativa.

Monografia sobre fontes de águas termais no Equador, 1874.

Direcção do laboratório de química.

José Kölberg:

Tratado sobre álgebra superior.

Tratado sobre estradas e caminhos de ferro.

Elementos de arquitectura.

Construção de pontes.

Christian Roetzkes:

Tratado de zoologia geral.

Criação do museu zoológico.

P. Wenzel:

Gramática francesa.

Estas são somente algumas das muitas publicações e trabalhos úteis para o progresso do Equador que deixaram os professores contratados por García Moreno. ⁽³⁴⁾ A obra de Teodoro Wolf é notável entre todas. O seu trabalho sobre geologia e a geografia do Equador constitue o tratado mais notável e rico de todos os que se publicaram no Equador. Estes professores começaram sem dilacção a realizar o que o dr. Julio Tobar Donoso chama "a moderna extensão universitária". ⁽³⁵⁾ Foi uma espécie de universidade popular, coisa desconhecida até então no Equador. Entre as conferencias dadas pelos professores da Politécnica sobresaem as sobre o darwinismo, a antiguidade do homem segundo a evidência geológica, geologia industrial e agrícola do Equador, formação do sistema solar, o sistema planetário, a vegetação do Equador, arqueologia e muitas outras, verdadeira vulgarização da erudição, popularizando a ciência e tornando-a assimilável às classes sociais em geral.

E' necessário insistir que não houve limitação alguma à liberdade académica nem à científica. Em numerosos actos públicos deram os professores demonstrações científicas, especialmente de electricidade. Em 1874 houve na praça principal de Quito várias classes de projecções luminosas que deixaram fascinados os milhares de observadores que ali acudiram.

García Moreno acolhia invariavelmente os sábios que visitavam o Equador com todas as atenções que mereciam, concedendo-lhes o privilégio da liberdade mais absoluta para o estudo da especialidade. Assim foi que a visita de Reiss e Stübel foram especialmente provei-

tosas para o conhecimento das regiões vulcânicas do país. Este último, agradecido pela deferência com que foi tratado pelo presidente e conciente do progresso visível da república, disse que a sua viagem tinha sido "felizmente possível pelo longo espaço de paz que a presidência de V. Ex.^a pela primeira vez proporcionou à república do Equador". (36)

Um dos últimos actos que revelam a sua persistência pelo progresso científico foi a intenção de contratar o alemão A. Bastian para iniciar no Equador os estudos de arqueologia, pre-história e antropologia, que então não contavam com muitos devotos no país. A imprensa oficiosa fomentava os conhecimentos de tôdas as espécies, por meio de publicação de ensaios e trabalhos eruditos. (37)

No campo da geografia, a contribuição de García Moreno pode resumir-se nesta forma: Incitou os sábios alemães a que dessem a conhecer o país em todos os seus aspectos. Desenvolveu uma política de franca aprovação pelo conhecimento da república em todos os seus pormenores. Chegou até a investigar em Santa Helena as possibilidades da exploração petrolífera. No Oriente, restabeleceu as antigas missões, fomentando a defesa do Equador nessa longínqua região. Gabriel García Moreno foi um dos poucos chefes de estado na América, de temperamento estritamente científico. A sua contribuição neste vasto e proveitoso campo foi mais duradoura que no da teoria política.

NOTAS

- (1) A descrição geográfica mais adequada do Equador é a obra de Teodoro Wolf. *Geografía Geología del Ecuador*, Leipzig, Tipografía de F. A. Brockhaus, 1892 págs. 671.
- (2) Sobre o regionalismo produzido pela geografia, veja-se o trabalho: Bossano, Luiz, *Apuntes acerca del regionalismo en el Ecuador*. 2.^a ed. Quito, 1930 Tip. de la Prensa Católica, Págs. 178.
- (3) Veja-se para a época colonial a sugestiva obra de Barrera, Isaac J. *Quito Colonial* Quito, 1922 Imprensa Nacional. Págs. 163.
- (4) Clavéry, Edouard, *Trois Précurseurs de l'indépendance des démocraties sud-américaines*. Paris, 1932, Imprimerie F. Michel. Págs. 186.
- (5) Um dos estudos mais modernos sobre Espejo é de Arias, Augusto, *El Cristal Indígena*, Quito, Editorial América, 1934 Págs. 209.
- (6) A obra de Tobar Donoso, Julio, *La Iglesia ecuatoriana en el siglo XIX* Quito, Editorial Ecuatoriana, 1934, Págs. 630, contém uma exposição excelente do pensamento do fim do século XVIII.
- (7) Je Gouhir y Rodas, J. M. *Historia de la República del Ecuador*, Quito Editorial Ecuatoriana, 1935. I. Págs. 600.
- (8) Asculati, Gaetano, *Esplorazioni delle regioni equatoriali: Frammenti di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846, 47 e 48* Milano, Tip. Bernardoni, 1850 Págs. 318.
- (9) Villavicencio, Manuel, *Geografía de la República del Ecuador* New York, Imprensa de Robert Graighead, 1858 Págs. 505.
- (10) Um estudo interessante da Expedição de Flores acha-se em Basadre, Jorge *La Iniciación de la República: Contribución al estudio de la evolución social y política del Perú*. Lima, Librería Francesa, 1929 I. Págs. 65-68.
- (11) González Suárez, Frederico, *Memorias íntimas*, Quito, Editorial Gutenberg, 1931. Págs. 17.
- (12) Pólit Laso, Manuel Maria, *Escritos y Discursos de Gabriel Garcia Moreno*. (segunda edição) Quito, Tip. y Encuadernación Salesianas, 1923 Dois volumes. O primeiro volume contém os escritos científicos e pessoais
- (13) Polít Laso, *Escritos e Discursos* I. Págs. 289-90.
- (14) *Idem*. Págs. 295-96.
- (15) *Idem*. Págs. 300-01.
- (16) Veja-se esta carta em Pólit Laso, *ob. cit.* I. Pág. 307 seq.
- (17) Pólit Laso, *ob. cit.* pág. 312.
- (18) Pólit Laso, *ob. cit.* I. pág. 315.
- (19) Cartas ineditas, Garcia Moreno Ascásubi. Paris, 14 de Janeiro de 1856.
- (20) *Idem*. Paris, 29 de Janeiro de 1856.
- (21) Tobar Donoso, Julio, *Garcia Moreno y la Instrucción Pública* Quito, Imprensa de la Universidad, 1923, pág. 31.

- (22) Veja-se para este incidente, *El Nacional* (gazeta oficial) Quito, Nos. 336, 337, 338 e 344 que contem descrições abundantes do tremor de terra.
- (23) Pólit Laso, *ob. cit.* I. págs. 318-19.
- (24) Wolf, Teodoro, *Geografia y Geologia del Ecuador*, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1892 pág. 541.
- (25) Tobar Donoso, *ob. cit.* págs. 225-26.
- (26) Veja-se conferência do Dr. João Felix Proaño em Le Gouhir y Rodas, *ob. cit.* II. pág. 556.
- (27) Tobar Donoso, J, *ob. cit.* pág. 207.
- (28) *Idem.* pág. 216.
- (29) Perez, J. Gualberto, *Recuerdo Histórico de la Escuela Politécnica de Quito*. Quito, Tip. de la Prensa católica, 1921 pág. 3.
- (30) Perez, *ob. cit.* págs. 7-8.
- (31) *El Nacional* N.º 24 3 de Março de 1871.
- (32) Tobar Donoso, *ob. cit.* pág. 225.
- (33) *Idem.* pág. 226.
- (34) Perez, *ob. cit.* Nas páginas 9-14 aparece uma lista bastante completa das obras dos professores alemães.
- (35) Tobar Donoso, *ob. cit.* pág. 227.
- (36) Tobar Dodoso, *ob. cit.* pág. 244. Veja-se também, Reiss, W. *Carta a S. E. el Presidente de la República sobre sus viajes a las montañas del sur de la capital*. Quito, Imprenta Nacional, 1873 pág. 22.
- (37) Como exemplo da variedade de estudos publicados, citam-se as seguintes: *El Nacional* N.º 368 25 de Setembro de 1874: Artigos sobre a pronúncia das línguas mortas, uma carta do Libertador Bolívar, o Dahomé, os monumentos primitivos de América e o orçamento militar de França. Cada exemplar do jornal oficial publicava um quadro meteorológico, um índice das obras públicas e geralmente artigos sobre o cultivo de diversas plantas introduzidas no Equador.

BIBLIOGRAFIA

As principais biografias de Gabriel Garcia Moreno são as seguintes:

- Agramonte, Roberto, *Biografía del Dictador García Moreno*. La Habana Cultural S. A. 1936. Pags. 277.
- Andrade, Roberto, *Estudios históricos — Montalvo y García Moreno*. Guayaquil Imprensa La Reforma, 1925. Pags. 297. Vol. I.
- Berthe, Alfonse, *García Moreno. Président de l'Equateur. Vengeur et Martyr du droit chrétien*. Paris, Rétaux — Braz, Libraire, 1887. Pags. 313, 2 volumes.
- Cancio, Angel T. *Vida del Excmo Señor Don Gabriel García Moreno, restaurador y mártir de la tesis católica en el Ecuador*. Madrid, Imprensa de José Gil y Navarro. 1889. Pags. 253.
- Domecq, J. B. *García Moreno, président de la république de l'Equateur*. Tours, A. Cattier. 1896. Pags. 261.
- Fiori, Anselmo, *Vida de García Moreno*. Bilbao, Administración de "El Mensajero del Corazón de Jesús". 1921. Pags. 224.

George Kaufman, Amapá, *Don Gabriel Garcia Moreno, Präsident der Republik Ecuador*. Freiburg im Breisgau, Herder'sche Verlagsbuchhandlung. 1891. Pags. XI, 283.

Görlich, Ernst J. *Garcia Moreno*. Freiburg, Oäpstliche Druckerei. 1935. Pags. 63.

Herrera, Pablo, *Apuntes biográficos del gran magistrado ecuatoriano Señor Doctor Don Gabriel Garcia Moreno*. Quito, Tip. y Encuadernación de la "Prensa Católica". 1921. Pags. 104.

Josefá, M. T. *Garcia Moreno, président de la république de l'Equateur*. Paris, Tolra. 1892. Pags. 301.

Lambel, A. P. F. *Garcia Moreno, president de l'Equateur*. Lille, Paris, J. Lefort. 1890. Pags. 144.

Lanzac, Henri, *Gabriel Garcia Moreno, président de la république de l'Equateur* Paris, Imp. de Tinterlin. 1862. Pags. 170.

Le Gouhir y Rodas, José María, *Un gran Americano*. Tip. y Encuadernación de la "Prensa Católica". 1921. Pags. 393.

Masson, L. *Garcia Moreno*. Lyon, E. Vitte. 1901. Pags. 31.

Maxwell Scott, *Gabriel Garcia Moreno, Regenerator of Ecuador*. New York, Cincinnati e Chicago, Bensiger Bros. 1908 pags. 248.

Mera, Juan León, *Garcia Moreno*. Quito, Imprensa do Clero. 1904. Pags. 242.

Pellissier — Séguier, A. *Garcia Moreno, une république catholique dans l'Amérique du Sud*. Lille, Desclée de Brouwer et Cie. 1890. Pags. 72.

Rosselló, Victor, *El mártir del Ecuador; Consideraciones sobre la vida y muerte del Señor Don Gabriel Garcia Moreno*. Barcelona, Imprensa e Libreria religiosa e científica. 1875. Pags. 64.

Santinelli, Ciriaco, *Garcia Moreno — rasgos biográficos*. Barcelona, Libreria salesiana de Sarriá. 1908. Pags. 222.

Velloso Rebello, A. *Garcia Moreno — Estadista Catholico*, Rio de Janeiro, Instituto historico e geographico brasileiro. 1926. Pags. 133.

Entre as fontes impressas merecem atenção especial as seguintes:

El Nacional (jornal oficial) Nova Serie, 1859-1876.

Leys y decretos expedidos por la convención nacional de 1861. Quito, sem data.

Colección de leys y decretos dados por el congreso constitucional de 1863. Quito, 1864.

Ley y decretos dados por congreso extraordinario de 1864. Quito, 1865.

Colección de Leys, decretos y resoluciones dados por el congreso constitucional de 1865. Quito, 1865.

Colección de leys, decretos y resoluciones dados por el congreso constitucional de 1867. Quito, 1867.

Leys y decretos legislativos y circulares de 1869-70-71-72-73-74. Quito, 1874.

Leys y decretos congreso de 1865 y decretos ejecutivos del mismo año. Quito, 1891.

Naboa, Alejandro, *Recopilación de mensajes dirigidos por los presidentes y vice-presidentes de la república, jefes supremos y gobiernos provisorios a las convenciones y congresos nacionales desde el año de 1891 hasta nuestros días*. Guayaquil, Imprenta de A. Noboa. 1900-1906. Tres volúmenes.

Pólit Laso, Manuel María, *Escritos y discursos de Gabriel Garcia Moreno*. Quito Tip. y Encuadernación salesianas. 1923. Dos volúmenes.

Floriano Peixoto

(Conferencia)

Othelo Rosa

Eminente escriptor patricio, de limpida visão sociologica, referindo-se, certa vez, ao que elle chamou de “contraste providencial entre os dois aspectos preponderantes do espirito brasileiro” concluiu pela existencia de um

“binario constituido, de um lado, pela intelligencia do Sul, mais bem aparelhada de um conceito organico da realidade; e de outro, pela fantasia poderosa dos nortistas, de onde lhes advem, essencialmente, o genio poetico incomparavel”.

Nascido no Engenho “Rancho Grande”, no velho districto de Ipioca, na provincia das Alagoas, Floriano Peixoto seria um desmentido flagrante a essa tentativa de classificacão mental do brasileiro. Nortista, e condensando na estrutura da sua curiosa personalidade todos os attributos, bons ou maus, negativos ou positivos, do povo de que procede: sendo um exemplar typico da sua raca, Floriano irá affirmar-se, precisamente, pela ausencia da fantasia, por um senso crystallino de objectividade, por uma singularissima capacidade de adaptacão e de integracão ás realidades ambientes. Era, essencialmente, aquillo que hoje se chama um pragmatico. Surprehendia e desnorteava, mesmo, porque, entre as derivações do nosso romantismo, da nossa dramaticidade, da nossa invencivel tendencia á fuga dos aspectos concretos das coisas, elle mantinha a friesa de um raciocinio directo e apurado, o espantoso aprumo das attitudes medidas e reflectidas, o heroismo de uma paciencia e de uma pertinacia invulgares em nossa estirpe. Era no silencio que creava a sua força. E enquanto os outros, amigos ou inimigos, adeptos ou adversarios, exgotavam-se e enfraqueciam, na dispersão e no tumulto das frases, dos enthusiasmos descompassados, das conductas de impeto, das arrancadas generosas e frustaneas, Floriano — o homem que cala — apercebia-se de todas as fraquezas, conjugava todas as possibilidades, pesava e repesava todas as

circunstancias, era a vontade superior que coordenava e, depois seguramente decidia. Tinha, por isso mesmo, a antevisão da fragilidade alheia, e a consciencia da propria força. D'ahi, ninguém influenciar-o, e muito menos dominar-o. Elle passa, entre todos, subtil e incomprehendido, com a sombra do seu sorriso ironico e a ponta apagada do seu charuto, porque sabe que tem um destino a realizar por si mesmo e que a Providencia assignalou-lhe, na vida nacional, um lugar á parte, culminante e doloroso, a que elle terá de ascender pela "via crucis" do isolamento de uma vontade de ferro, entre o delirio de irmãos que se dilaceram e entredovoram, n'uma dessas horas pávidas, de agonia e de horror, que sinistramente pontilham a evolução de todos os povos, como fases inevitaveis de formação ou de crescimento.

Quinto filho dos dez de um casal de modestos agricultores — Manoel Vieira de Araujo Peixoto e Anna Joaquina de Albuquerque Peixoto — Floriano precisou do amparo de um tio e padrinho — José Vieira de Araujo Peixoto, que foi quem o creou e educou.

Desde logo, impunha-se ao moço alagoano o dever de forjar, no trabalho e no estudo, a propria personalidade. Não tinha, como ao tempo correntemente se dizia, "pai alcaide". Concluidos os preparatorios, no collegio Espirito Santo, de Maceió, e depois no S. Pedro de Alcantara, no Rio de Janeiro, segue a carreira militar, assentando praça, em 1.º de maio de 1857, com 18 annos de idade, no 1.º batalhão de artilharia a pé. Matricula-se na Escola Militar, e começa a percorrer, um a um, os graus da carreira. Cabo e 2.º sargento, em 1861. 2.º tenente em 1862. Vae para o curso de engenharia militar e em 1863 é 1.º tenente. Em fevereiro de 1865 está neste Estado em Bagé, exercendo o primeiro commando da sua vida: o dá 7.ª companhia do 2.º batalhão de infantaria, começando a revelar as suas qualidades de soldado. Veiu a guerra do Paraguay; e elle a faz desde o primeiro ao ultimo dia. Inicia a campanha de fórma original: official de terra, commanda uma pequena esquadilha, no rio Uruguay, que tinha o fim de evitar a junção e communicação das columnas invasoras de Duarte Estigarribia, que avançaram pelas duas margens do rio: dá boa conta do seu recado, Duarte é esmagado em Jatahy e Estigarribia rende-se em Uruguayana. Peleja em numerosos combates, e commanda em campanha os batalhões 9.º, 25 e 44. Em 1865, 1.º tenente; em 1870, em Assumpção, tenente-coronel, posto em que retorna á Patria, depois de ter sido uma das testemunhas do epilogo de Cerro Corá.

Ainda em 1870, está inspector das fortificações de Matto Grosso; em 1871, estaria no Amazonas, commandando o 3.º batalhão de artilharia.

Em 1872 regressa a Alagoas e casa com a sua primeira Josina Vieira Peixoto, filha daquelle que fôra seu pae adoptivo. E ahi está, parece-me, um traço da psychologia do homem concentrado, tenaz — um introverso, da classificação de Jung, que era Floriano Peixoto:

vive longos annos longe da terra natal, da familia, da sua affeição de infancia; constróe pacientemente a vida, a golpes de trabalho e de vontade; e volta, depois, a casar com a prima, a affeição da sua meninice...

E continua a ascensão; em 1874 é coronel e commanda o 3.º regimento de artilharia. De 1879 a 1881 serve como director do Arsenal de Guerra de Pernambuco, indo exercer depois o encargo de inspector dos depositos de artigos bellicos das provincias de Parahyba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe.

Em 1882, porque já fosse notoria a sua intrepidez moral, serviu como delegado especial dos exames de preparatorios, em Alagoas, onde se tinham verificado grandes escandalos.

Em 1883 é brigadeiro e commandante das armas da provincia do Amazonas. Em 1884, commandante das armas de Pernambuco, passando no mesmo anno a exercer as funcções de commandante das armas e presidente da provincia de Matto Grosso. Em 1888, commandava a 2.ª brigada do Exercito. Em 1889, era ajudante general do Exercito e promovido a marechal de campo. Em 1890, tenente-general, ministro da guerra e 1.º Vice-chefe do governo provisorio. Senador por Alagoas, em 25 de fevereiro de 1891 era eleito, pelo Congresso, Vice-presidente da Republica. Com o golpe de Estado do marechal Deodoro da Fonseca, e consequente renuncia do egregio proclamador da Republica, Floriano assumiu a presidencia, que exerceu até o fim do quadriennio, passando-a ao dr. Prudente de Moraes em 15 de novembro de 1894.

Falleceu em 29 de junho de 1895, na estação "Divisa", que hoje tem o seu nome, no Estado do Rio de Janeiro.

Ahi tendes os pontos de referencia da vida de um militar brioso e valente, pontual no cumprimento dos seus deveres, que faz a sua carreira dignamente, galgando todos os póstos da hierarchia por actos de bravura, nos campos de batalha, ou pela correcção modelar com que se desempenhava de quaesquer encargos ou commissões. Númerosos companheiros de armas emparelhariam com Floriano Peixoto, na affirmação desses attributos. Elle seria apenas uma dessas tantas nobres figuras de officiaes generaes, que honram ao Exercito e ao Brasil. Mas a esse homem, que somente pretendia ser soldado, reservava o destino a surpresa de uma prodigiosa projecção no cenario politico. A sua personalidade, extranha e impressionante, de surprehendentes matizes psychologicos, erichada de atordoantes contradicções, invadiria tumultuosamente a nossa historia, como uma figura cyclica de gigante condensando todos os desesperos, todas as angustias, todas as esperanças e todos os enthusiasmos de uma hora tragica da nacionalidade.

Porque carrega o signo dos grandes homens, elle irá despertar dedicações até ao sacrificio, como irá acender odios até a ferocidade. Elle resumirá, em torno de si proprio, a convulsão que desborda pelo

país inteiro, e que lhe cumprirá dominar e vencer, com uma energia assombrosa, em que ninguém mais o igualou. Semi-deus, para uns; traidor, para outros: ali, aclamado como um heróe: acolá, indigitado como frio e perverso mandante de fusilamentos indefessaveis, violador contumaz das leis juridicas e humanas, a individualidade de Floriano Peixoto, na phase culminante da vida, que é a da presidencia da Republica, de tal modo se alteia, entre o fragor das luctas e das paixões, que não ha medida para julgal-a. Ou o dithyrambo, ou o vilipendio. Ou a demasia do epinicio, que era quasi agiologio, ou o ferro candente da injuria e do insulto. Os homens se dividiam entre os que queriam matal-o e os que queriam morrer por elle. E entre todos esses excessos — elle era o unico moderado e prudente, capaz da virtude do meio termo e da conciliação, forrando-se ás exaltações para nellas não perder um átomo sequer da sobrehumana força de vontade que o momento exigia. Tornava-se, assim, incomprehensivel. Um enyigma, uma esfinge, como o descreveu a penna rutilante de Euclydes da Cunha. Em verdade, o homem providencial, o homem necessario, em certas crises agudas da vida dos povos.

Desconcertante, sem duvida elle o era. Um reconcentrado, n'um povo de faceis agitações. N'um povo de loquazes, um silencioso. Entre nós, que tanto dispersamos a acção no enredo das palavras, elle não tinha quasi palavras e desenvolvia uma acção maravilhosa, tentacular, continua, systematica, destruidora. Quanto mais as revoltas deflagravam, quanto maior era o numero de advérsarios, quanto mais apparente era a fraqueza do governo, mais a sua energia de aço se impunha, renascente da propria penuria. Era um homem no significado maximo da expressão, esse caboclo tranquillo e calado que no instante mesmo em que sentia pesár sobre os hombros a ameaça de uma derrota interna, replicava á insinuação dos navios estrangeiros, orgulhosos de seus canhões, com a simplicidade spartana do seu homérico “A' bala...”

Julgal-o e compreendel-o como um homem, eis o que devemos fazer. Elle não transcendeu á condição humana, decerto. Foi um homem, susceptivel de imperfeições e de erros, como todos os homens: pela somma das suas virtudes, porem, pelo desassombro com que serviu e salvou a sua Patria, n'uma das encruzilhadas do seu destino, elle se inscreve em nossa historia, sem duvida, entre os homens maiores do seu tempo.

Em verdade, até hoje não se acertam, historiadores e psychologos, na sentença definitiva sobre a personalidade complexa e subtil de Floriano. O seu mutismo, ainda impressiona; a sua argucia, ainda desorienta; a sua coragem, sem alarde e sem jactancia, ainda assombra; a sua incrível tenacidade, ainda gera indecisões... Ha nevoas de lenda, até hoje, em derredor da figura, physicamente sem re-

levo, do soldado alagoano. E' ainda o sopro das paixões, embora amortecido, que compromette a claridade dos julgamentos imparciaes.

Para avaliar com justiça os homens que ficam na historia, é mister situar-os rigorosamente na atmosphera das suas acções principaes, jogando com os imperativos das circumstancias do momento, dos fins que elles visam e collimam, dos seus recursos e possibilidades, humanos ou materiaes. E' isso que, em regra, não se faz com Floriano Peixoto. E porque elle fosse um silencioso, que não explicava os seus actos, as duvidas persistem.

Traiu o Imperio, em 15 de novembro de 1889, como ajudante general do Exercito, não atirando as forças porventura fieis ao throno, contra as legiões revoltadas de Deodoro da Fonseca — affirmam alguns.

E eu o considero, no transe, o soldado arguto e previdente, que vendo e sentindo, melhor do que ninguem, a impossibilidade da resistencia, como os factos posteriores provaram á saciedade, afasta dos seus companheiros de armas o perigo de um sacrificio de todo o ponto inutil, e que teria apenas o effeito de alastrar no país a incerteza e a desordem.

— Violou a lei, mantendo-se no poder, como vice-presidente da Republica, até o termo do quatrienio, quando determinava a Constituição que nova eleição se fizesse — allegam outros.

Já considerei procedente a accusação. Hoje, tenho-a como infundada. O texto invocado era duvidoso. Um preceito da propria Constituição parecia excluir da regra os eleitos para o primeiro quatrienio, escolhidos de forma especial, pelo Congresso e não pelos eleitores. Não se estava, portanto, em face de um caso liquido e certo. Entre as duas interpretações, Floriano preferiu uma, a que delongava o pleito, prevenindo as consequencias fataes de uma eleição no Brasil, entre a agitação dos espiritos reinante, o choque ameaçador de correntes quasi em delirio. Fel-o conscientemente, com aquella formidavel segurança de acção, que o singularisa. Se treze officiaes generaes protestam publicamente, elle não vacilla, e muito menos retrocede: reforma os generaes, suspende as garantias constitucionaes com o estado de sitio, prende e deporta os revolucionarios. Neste momento elle surge e invade a historia como a figura central da ordem, oppondo-se dominadoramente á onda de anarchia que ameaçava o Brasil. E outras vezes, reconheçamos, Floriano violaria a lei, de facto: agindo numa situação excepçional, não lhe seria possivel governar, e vencer, com os recursos normaes. Mas, observa-e que elle transgride a lei em beneficio da causa, que representa e defende: nunca, em seu proprio beneficio. Mesmo quando se superpõe a tudo, pelas exigencias da luta demorada e feroz, elle resguarda e nos lega a tradiçção de uma honestidade incorruptivel.

— Menospresou a Nação, encarnada no poder civil, que o povo constituiria, não estando no palacio Itamaraty para transmittir a presidencia da Republica a Prudente de Moraes, em 15 de novembro de 1894 — argumentam alguns.

E' ainda, neste passo, o homem que não fala, que não explica as suas attitudes... Quizesse Floriano Peixoto ser dictador, e elle o seria. A somma de poder que então enfeixa em suas mãos é formidavel. Faz, entretanto, com que se realizem as eleições. E por que comprehendesse que, nas ruas e nos quarteis, transbordavam os enthusiasmos, e claramente se affirmava a necessidade da permanencia de um "marechal de ferro" no governo, elle evita e desaponta os seus proprios adeptos com o seu desaparecimento inexplicavel, desorienta-os e desarticula-os com a sua conducta sybillina, e assim o soldado assegura no seu paiz a supremacia da autoridade civil.

— Foi impiedoso e cruel na repressão — é ainda um artigo do libello. Attribuir a Floriano todos os lamentaveis excessos que mancharam de sangue a historia brasileira naquelle tórvo periodo de lucta civil, seria injustiça clamorosa. E' o proprio Euclydes da Cunha que, neste ponto, d'elle se faz advogado, lembrando que em toda a sua existencia, mesmo no ardor das refregas, Floriano sempre se revelou humano, com uma noção perfeita de respeito á vida do seu semelhante, e que ha de se levar assim á conta dos desatinos e dos rigores da propria peleja os tristes factos que macularam a revolução.

Certa vez, conta-nos uma velha chronica, um rei valente e querido marchava á frente do seu exercito, que era todo o seu povo, em terra de inimigos, quando a morte, suprema niveladora que não teme o prestigio das fronte coroadas, colheu na sua rêde o dynasta poderoso. Quizeam os vassallos prestar homenagem solenne e singular, convinhavel á magestade do morto, áquelle que fôra, na vida, o symbolo magnifico da grandesa da sua raça. Depuzeram, por instantes, as suas armas de guerra e, n'um esforço titanico e colectivo, desviaram do seu leito as aguas de um rio e lá, no fundo desse leito, enteraram o seu rei valente e querido. Depois, fizeram as aguas retornar ao seu curso natural para que ninguem mais, neste mundo, pudesse ter o orgulho de contemplar o tumulo do seu soberano.

O teu exercito e o teu povo — Floriano Peixoto — não procuraram, para repouso do teu corpo, nenhum leito de rio, occulto e desconhecido, por onde só as aguas rolassem, na doce cadencia de seu eterno murmurejo. Quizeram-te em plena luz, em pleno sól, revivendo na brancura dos marmores do teu tumulo, ou na patina do bronze da tua estatua, como expressão, que tu és, da gloria da tua raça!

Aquelle rei, que lá ficava, para todo o sempre longe do olhar humano, era o monarcha de um povo desalentado e velho, que presentia a sua decadencia e o seu fim.

Nós não somos, não queremos ser esse povo, que esconde na treva de um leito de rio o symbolo da grandesa passada, porque perdeu a fé na grandesa futura. Nós somos o povo que queremos fazer da nossa mocidade a floração de uma esperança, e da nossa esperança a realidade de um destino de força, de justiça e de felicidade. Os homens, como tu, não valem para nós como marcos perdidos e solitarios de uma evolução que se approxima do termo: valem como acenos de confiança, como estímulos e como exemplos, para uma vida nacional que começa.

Aos ouvidos das gerações brasileiras não sussurra, nestes dias, a dormencia das folhas cadentes do outomno de um mundo: o que lhes grita nos ouvidos é o rumor vibrante da primavera de uma nacionalidade. Não queremos dormir, ao embalo traiçoeiro dos estribilhos do desanimo, que traz a morte: queremos a vigilia dos fortes, á inspiração do trabalho e da solidariedade, que são as fontes da vida. E porque assim somos, e porque assim queremos ser, Floriano Peixoto, os homens como tu, que se fizeram grandes na vida pelo amor ao Brasil, hão de ser na morte os numes tutelares das gerações que luctam, que soffrem, que trabalham e que pensam, por amor do Brasil! Havemos de construir e cimentar a grandesa da Patria, da Patria que é tua e que é nossa — aquella Patria boa e nobre, que tantas vezes te sorriu, com a doçura de uma Mãe enternecida, no emblema da sua bandeira, no fragor das batalhas, nas terras distantes do Paraguay: aquella Patria por cujo futuro tu receiaste tanto em 1889; aquella Patria que tu viste ferida nos flancos, coberta de sangue e de lucto, de 1891 a 1895, e que salvaste, com a tua coragem e o teu patriotismo, de uma provação maior; aquella Patria que decerto desceu sobre ti, em 29 de junho, para meigamente fechar, com a caricia feminina das suas mãos, os olhos cansados do soldado que tombava.

“Amae e defendei a Republica e a Patria”, recommendaste, nas ultimas palavras que escreveste. O povo brasileiro resgatará a divida com o passado, saldará o seu compromisso com o futuro. Nas proprias incertezas e nas proprias luctas, vae haurindo novas forças para amar e defender a Republica e a Patria. Si na vida, Floriano Peixoto, confiaste, desconfiando da contingencia humana, pôdes na morte confiar inteiramente na dignidade da tua gente, nas possibilidades materiaes e moraes da tua terra, na gloria e no porvir da tua Patria. Somos um povo que crê em si proprio, que avança desassombrado para o amanhã, olhando de face os seus heróes, como tu — que não ocultamos em leitos de rios ignorados, como expressão de grandesa passada, mas que conservamos medievos e eternos, como symbolos de grandesa futura, na brancura dos marmores dos seus tumulos, na patina do bronze das suas estatuas, e, mais do que isso, na consciencia modelar do nosso civismo, do nosso dever, do nosso direito e do nosso destino de Nação forte e livre.

Geografia Histórica

ENSAIO TOPONIMICO

J. Tupi Caldas

Realizando a leitura do tomo XL da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, encontramos interessante documento sobre os reconhecimentos topográficos realizados no Brasil, nas primeiras décadas do Seculo XVIII, pelos ilustrados sacerdotes católicos Reverendos Padres Diogo Soares e Domingos Capassi, que realizaram levantamentos das regiões de Laguna, Campos de Viamão, Rio Grande de São Pedro e costa da atual Republica do Uruguai até á Colonia do Sacramento.

Em tal documento lêmos "...que eu* (*El-Rei de Portugal*) hei por meu serviço e muito conveniente ao governo e defesa do mesmo Estado (*do Brasil*), boa administração da Justiça, arrecadação de minha fazenda; e para se evitarem as duvidas e controversias que se têm originado, dos novos descobrimentos, que se têm feito nos sertões d'aquelle Estado de poucos annos a esta parte, fazerem-se mapas das terras do dito Estado, não só pela marinha, mas pelos sertões, com toda a distinção, para que melhor se assignalem e conheçam os districtos de cada bispado, governo, capitania, comarca e doação; e para esta diligencia nomeei dois religiosos da Companhia de Jesus, peritos nas mathematicas, que São Diogo Soares e Domingos Capassi...".

Tal documento que comprova o desenvolvimento de estudos geográficos de parte das autoridades portuguesas, no Seculo XVIII, atingindo o territorio do atual Municipio de Porto Alegre, pois o P. Diogo Soares deixou um mappa da Vila da Laguna e da Barra do Taramana (atualmente chamada Tramandai), indicando, respectivamente as latitudes austrais, de 28° 29' 31" e 29° 51' 57", bem como do vale do Rio Grande, com precisa morfologia dos "Campos de Viamão" e zonas dos rios Gravataí, Sino, Caí e Taquari e "estrada para Lages — Sorocaba"; esse mapa, em original está depositado no Arquivo do

Estado Maior do Exercito, havendo sido divulgadas, copias fotocartográficas fornecidas pelos Ministerios da Guerra, pelos ilustrados historiadores Rego Monteiro e Aurelio Porto.

A ordem real para a organização dos mapas *do Estado do Brasil* foi assinada em “Lisbôa Occidental, em 18 de Novembro de 1729”; o mapa da vila de Laguna e Barra do Taramana (compreendendo a região do atual Município de Porto Alegre) tem a data de mil setecentos e trinta e oito (1738), o que faz supôr que a exploração se fez em data anterior; importa informar que, em carta do Capitão Cristovão Pereira de Abreu ao Padre Diogo Soares, conhecida pelos estudiosos da nossa história, sob nome de “Noticia — 2.^a Pratica da Costa e Povações do do Mar do Sul”, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, paginas 361 e 362, III trimestre, ano de 1929, dizia o seu autor: “... exporei o que tenho visto, e palpado em onze annos que tenho de experiencia destas campanhas, e o que sente a rudez do meu discurso, e *me ficará grande glória*, e desvanimento se limitado, e *aperfeiçoado no util engenho de VRma tirar delle algum fruto*”... *“deitando pelas suas fraldas da parte do mar vistosos e aprasiveis Campos em distancia de 80 leguas desde o Rio Grande até a Villa de Laguna, que crusão tres caudalosos rios, nascidos da mesma Serra. O primeiro chamado Taramandy na lingua do gentio, 30 leguas distante do Rio Grande a que se segue o 2.^o, 20 leguas mais adiante chamado Ibopetuba, e logo em distancia de 15 legoas se segue o Terceiro a que chamão Araranguá, todos d’agôa doce e nestes meios abundancia de lagoas, e mattos com providencia de lenhas e vistosos campos”*.

Infelizmente, a carta de Cristovão Pereira de Abreu foi transcrita sem indicação de data; tudo, no entanto, nos faz supor ser aproximadamente de 1730, posto que o Rev. P. Diogo Soares, deve ter chegado ao Brasil, naquele ano; de qualquer outra data, mais moderna, sempre anterior a 1738, somos obrigados a reconhecer que o mapa de Laguna, do Rev. P. Diogo Soares, S. I., não podia haver sido desenhado sômente com as informações de Cristovão Pereira de Abreu; existem, náquele mapa, indicações astronomicas precisas sobre a região da nossa costa austral e uma bôa representação gráfica do território dos Campos de Viamão e da bacia do atual rio Jacuí, outrora denominado Rio Grande ou Iguacu na lingua amerindia geral.

O Rev. P. Diogo Soares encontrava-se na Praça da Colonia do S. Sacramento, em 27 de Junho de 1731, como se vê da carta que, naquela data, dirigiu ao Rei de Portugal, dizendo: “... me acho impossibilitado a empreender por ora hum caminho de huma acção, que eu tinha pela mais precisa e necessaria ao Real serviço de V. M. *principalmente a do Rio Grande e seu sertão, cuja povoação e augmento nos dominios de V. M. neste America*, principalmente quando se pode temer, que desamparada aquella barra e abertos os 2 caminhos no-

vos, que se abrirão agora nella, tenha Hespanha, e os Padres das Missões huma porta para se introduzirem nos nossos sertões e Minas;...". (in doc. n.º 7623 — Bibca. Nac. Rio de Janeiro — Papeis Conc. Ult. Verbetes de Castro e Almeida. Transcrito: Colonia Sacramento — autor Rego Monteiro 2.º vol. Documentos).

Comprovada a exploração geográfica dos Campos de Viamão e da zona do Rio Jacuí, na terceira decada do seculo XVIII, muito provavelmente no verão de 1731 a 1732, queremos salientar que tais territórios passaram, no fim daquele seculo, a denominar-se "*Continente* de São Pedro do Sul" ou "*Continente* do Rio Grande de São Pedro"; seus naturais receberam o qualificativo de *continentistas*, vocabulo regional que teve a qualidade precisa, na época da revolução republicana de 1835, para indicar distinção politica, pelo amor aos ideais liberais da Nação brasileira.

O Vocabulo — *Continente* — foi usado como substantivo próprio para designar uma circunscrição politica do Estado do Brasil ou nomenclatura official duma divisão territorial administrativa da nossa Patria, no Seculo XVIII.

O substantivo — *Continente* — deu origem ao adjetivo — *continentista*, — sem duvida, porque expressava para o homem português do Seculo XVIII, uma idéa diferente daquela que encontramos nos compendios atuais de geografia fisica.

A palavra — *Continente* — foi uzada para indicar durante um seculo — 1750 a 1850, quer em átos officiais, quer na poesia popular e na imprensa, a extensão territorial do Imperio português que veio a constituir a base fisica do Estado do Rio Grande do Sul, afastando-se do sentido geográfico comum, isto é, de "grande extensão de terra que se pode percorrer sem atravessar o mar", pois a estrutura geofisica da região ocupada, no terceiro seculo de colonização efetiva, extendendo-se desde a barra do Rio Grande de São Pedro, para o Norte até Laguna e para o Sul até Colonia do Sacramento, exigia do homem colonizador a ação continuada de atravessar um mar, muitos rios e uma região lacustre de centenas de quilometros.

Tal situação geofisica levou o homem civilizador europeio e o homem amerindio a utilizar outra nomenclatura, com valor mais expressivo para região lacustre catarinense e riograndense chamando-a — Laguna — em lingua portuguesa, no conceito analogo ao usado em espanhol e, *Paates*, vocabulo quechúa, como substantivo, sinificando terras em que "*hallan pantanos salados, salares, o las lagunas a que los indios dan el nombre de paates*", como ainda, hoje, é empregado na Bolivia e no Perú, para em linguagem amerindia indicar o acidente geográfico que, em vernaculo, denominamos lagôa.

O homem colonizador do Seculo XVIII havendo designado o território, entre os paralelos sulinos de 27.º a 30.º, de "Distrito da La-

guna com sua vila e seu sertão” e, de “Distrito do Rio Grande de São Pedro com sua vila e seu sertão” a área austral ao paralelo de 30.º, não fez outra cousa que traduzir com exatidão dois vocabulos amerindios: Paates e Iguaçu ou Rio Grande.

O vocabulo — *paates* — tem a versão vernacula de *lagunas*; é um substantivo comum, na forma plural; a singular é *paat*; corresponde ainda a marnel, pantano, charco, *tremedal*, lameira, mangue, lagôa e lameirão. Dada a forma proxima, em ortografia portuguesa, do étimo — *patos*, os autores de geografia e história já, no Seculo XVI, haviam traduzido com grave erro o vocabulo amerindio — *paates* = *lagunas*, *lagôas* ou *tremedais*, pelo substantivo masculino *patos*, nome duma ave palmípede.

O étimo amerindio — Iguaçu = ĩ + Guaçu, em vernaculo, corresponde a Rio Grande.

Assim o vocabulo português — *Continente* — usado como nomenclatura dum distrito, comarca e capitania na divisão territorial e administrativa do Estado do Brasil, nos Seculos XVIII e XIX, não foi empregado no sentido geográfico comum, isto é, “grande extensão de terra sem interrupção de continuidade”.

Procuramos, agora, em obediencia ás regras da bela linguagem de Camões e de Rui Barbosa, explicar a sua sinificação.

Os dicionarios costumam indicar a sinificação da palavra continente, no sentido de étimo da geografia física; nada dizem em relação a sua origem; quanto muito informam, que o citado vocabulo é substantivo masculino, usado em conceito matematico para expressar “o que contem alguma cousa”.

Na lingua portuguesa o étimo — *continente* — pode ser usado como adjetivo, exprimindo uma qualidade moral do homem, isto é, “casto”, “que tem castidade”, “puro” e “inocente”. É um étimo de origem latina; teve origem em *continens*, que dá *continentis*, na declinação respectiva, como ensinam os mestres.

No entanto, observando com atenção o vocabulo — *Continente*, — é facil verificar e concluir que o mesmo é formado duma raiz composta — *con* + *tin* — e do sufixo *ente*.

Tal fato, que verificado por alguém, leva imediatamente a intelligencia á reconhecer o valor da terminação para dar a sinificação exacta do vocabulo; é a terminação que completa a idéa e o pensamento, contido fundamentalmente na raiz.

Orientado nesse sentido, procurei realizar a analyse do vocabulo *continente*.

Demorei-me longamente, no exame da raiz e, conclui que a mesma é composta; nela contem-se raizes de dois bons vocabulos portugueses: *conde* e *tenente*; logo, sem erro, podemos dizer:

Continente = *Con* + *tin* + *ente*

O grupo fonético — *con* — é raiz do vocabulo *conde*; lembra titulo nobiliárquico, sempre superior ao de visconde e inferior ao de marquês; recorda um dignatário e comandante militar na organização administrativa do Império Romano do Oriente. Ao espirito e à intelligencia do homem luzitano, o étimo *conde* faz vir à memória a lembrança histórica do glorioso soberano do *condado de Guimarães*, o Conde Fundador da Patria d. Afonso Henriques; o tritongo *con* é uma magnifica notação científica histórica do movimento social e politico de Portugal, como nação soberana e independente há setecentos anos.

O grupo vocálico, em questão, sendo encontrado em vocabulo derivado, V. G., em *condado*, permite lêr a sinificação de “território do conde sob antiga jurisdição”.

A raiz *tin* é modificação de *ten*, em ambiencia ibérica; nada impede o reconhecimento da sua legitima origem latina; o tritongo *ten* é raiz do étmo *tenente*, vocabulo que teve origem no latim, V. G., em *tenens* (... entis); *tenente* é um substantivo masculino, que traz em si a idéa de substituto, o que supre o lugar de outrem, que o encarregou de fazer as suas vezes; em Portugal, a expressão — *tenente de rei* — é o segundo official de guerra, que comandava na ausencia real.

O étimo *tenente* é vocabulo antigo, muito usado em Portugal; na Espanha é escrita com a grafia — *teniente*; em ambos os paizes ibéricos foi empregada como sinificando o “possuinte”, “o que tem” e “o possue”; “possuinte” é adjétivo português, ainda hoje usado, com sinificação seguinte: “que possui”; contem em si as idéas do verbo possuir, isto é, “ter em seu poder”; “fruir”; “gozar um bem”; “ser dotado de direito de propriedade”.

O sufixo *ente* teve origem no afixo *nt*, gerador dos participios do presente, no imortal idioma de Cicero; os participios sempre trazem ideas de natureza verbal e adjétiva; o presente é tempo verbal que indica actualidade de ação.

Assim a raiz *con* indica “jurisdição do conde”; a raiz “*tin*” significa “segundo official de guerra”; o sufixo “*ente*” exprime idea de “que é sob a vista”, melhor será dizer, administrado ou governado.

Logo o vocabulo — *Continente* — foi usado no Seculo XVIII e no Seculo XIX, com nomenclatura duma forma de governo, caracterizada pela jurisdição exercida por delegação real em pessoa de elevada dignidade militar e capacidade administrativa; admito que o vocabulo *Continente* foi usado como analógico de *condado*, como termo de nomenclatura da antropogeografia politica.

J. Tupi Caldas

30-VII-1940

Praça Garibaldi, 68
Porto Alegre

MUSEU "JULIO DE CASTILHOS"

SERVIÇO DO ARQUIVO HISTÓRICO DO ESTADO

CATÁLOGO ADMINISTRAÇÃO DA FAZENDA

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
PROVEDORIA REAL				
Expedientes relativos á expedição de Gomes Freire de Andrade para efe- tivação do Tratado de 1750:				
Portarias	1752	1 — 11	1	1
Requerimentos	"	12 — 24	1	
Expedientes sobre vários assuntos:				
Requerimentos	1753	1 — 25	1	
Diversos	1754	1 — 30	1	
Portarias	"	31 — 81	1	
Requerimentos	"	82 — 123	1	
Portarias	1755	1 — 99	2	
Requerimentos	"	100 — 174	2	
Recibos, credits, etc.	"	175 — 188	2	
Portarias	1756	1 — 33	2	
Requerimentos	"	34 — 52	2	
Diversos	"	53 — 63	2	
Portarias	1757	1 — 27	2	
Requerimentos	"	28 — 61	2	
Diversos	"	62 — 74	2	
Portarias	1758	1 — 50	2	2
Requerimentos	"	51 — 86	2	
Diversos	"	87 — 109	2	
Portarias	1759	1 — 25	3	
Requerimentos	"	26 — 45	3	
Recibos	1759	46 — 57	3	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Diversos	"	58 — 71	3	2
Portarias	1760	1 — 33	3	
Requerimentos	"	34 — 39	3	
Recibos	"	40 — 43	3	
Diversos	"	44 — 64	3	
Officio do Vice-Rei, conde Bobadéla..	"	65 — —	3	
Portarias	1761	1 — 34	3	
Requerimentos	"	35 — 39	3	
Diversos	"	40 — 53	3	
Portarias	1762	1 — 9	3	
Requerimentos	"	10 — 18	3	
Diversos	"	19 — 37	3	
Portarias	1763	1 — 10	3	
Requerimentos	"	11 — 17	3	
Relações diversas	"	18 — 52	3	
Recibos	"	53 — 73	3	
Officio dos Governadores do Rio de Janeiro e Vice-Rei	"	74 — 77	3	
Portarias	1764	1 — 24	3	
Requerimentos	"	25 — 101	3	
Diversos	"	102 — 122	3	
Portarias	1765	1 — 20	4	
Requerimentos	"	21 — 175	4	
Diversos	"	176 — 196	4	
Portarias	1766	1 — 69	4	
Requerimentos	"	70 — 127	4	
Diversos	"	128 — 162	4	
Officio do Vice-Rei (Conde da Cunha)	"	— — 163	4	
Portarias	1767	1 — 63	4	
Requerimentos	"	64 — 96	4	
Diversos	"	97 — 108	4	
Portarias do Governador	1768	1 — 25	5	3
Requerimentos ao Governador	"	26 — 47	5	
Portarias do Provedor	"	56 — 64	5	
Certificados de cirurgiões	"	65 — 73	5	
Diversos	"	74 — 77	5	
Portarias dos Governadores	1769	1 — 44	5	
Requerimentos ao Governador	"	45 — 60	5	
Portarias do Provedor	"	61 — 80	5	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Requerimentos do Provedor	1769	81 — 90	5	3
Diversos	"	91 — 100	5	
Portarias dos Governadores	1770	1 — 66	5	
Requerimentos ao Governador	"	67 — 72	5	
Portarias do Provedor	"	73 — 76	5	
Requerimentos do Provedor	"	77 — 80	5	
Diversos	"	81 — 89	5	
Portarias dos Governadores	1771	1 — 64	5	
Requerimentos ao Governador	"	65 — 71	5	
Portarias do Provedor	"	72 — 78	5	
Diversos	"	79 — 90	5	
Portarias do Governador	1772	1 — 57	6	3
Requerimentos ao Governador	"	58 — 68	6	
Portarias do Provedor	"	69 — 129	6	
Requerimentos do Provedor	"	130 — 132	6	
Diversos recibos	"	133 — 153	6	
Diversos	"	154 — 181	6	
Portarias do Governador	1773	1 — 38	6	
Requerimentos ao Governador	"	39 — 49	6	
Portarias do Provedor	"	50 — 116	6	
Requerimentos ao Provedor	"	117 — 120	6	
Diversos recibos	"	127 — 144	6	
Diversos	"	145 — 176	6	
Portarias do Governador	1774	1 — 72	6	4
Portarias ao Provedor	"	73 — 102	6	
Requerimentos ao Provedor	"	103 — 104	6	
Compra de material	"	105 — 121	6	
Couros quintados. Obras	"	122 — 136	6	
Recibos diversos	"	137 — 179	6	
Diversos	"	180 — 223	6	
Requerimentos ao Governador	"	224 — 243	6	
Portarias do Governador	1775	1 — 37	7	
Requerimentos ao Governador	"	38 — 51	7	
Portarias do Provedor	"	52 — 76	7	
Requerimentos ao Provedor	"	77 — 79	7	
Provisões da Junta	"	80 — 107	7	
Recibos diversos	"	108 — 128	7	
Diversos	"	129 — 196	7	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Portarias do Governador	1778	1 — 19	7	4
Requerimentos ao Governador	"	20 — 48	7	
Requerimentos ao Provedor	"	49 — 58	7	
Provisões	"	59 — 70	7	
Recibos e conhecimentos	"	71 — 101	7	
Diversos	"	102 — 135	7	
Portarias do Governador	1779	1 — 23	8	4
Portarias do Provedor	"	24 — 27	8	
Requerimentos ao Provedor	"	28 — 29	8	
Requerimentos á Junta	"	30 — 94	8	
Officio do Contador	"	95 — 99	8	
Provisões	"	100 — 102	8	
Certificados	"	103 — 106	8	
Recibos e conhecimentos	"	107 — 126	8	
Diversos	"	127 — 143	8	
Portarias do Vice-Rei	1780	1 — 4	8	
Portarias do Governador	"	5 — 45	8	
Requerimentos ao Governador	"	46 — 95	8	
Tutorias do Provedor	"	96 — 100	8	5
Requerimentos ao Provedor	"	101 — 102	8	
Guias de casais	"	103 — 106	8	
Recibos e conhecimentos	"	107 — 120	8	
Diversos	"	121 — 129	8	
Portarias do Vice-Rei	1781	1 — 15	9	
Portarias do Governador	"	16 — 78	9	
Requerimentos ao Governador	"	79 — 78	9	
Portarias do Provedor	"	109 — 112	9	
Requerimentos ao Provedor	"	113 — 114	9	
Guias de Casais	"	115 — 117	9	
Certificados	"	118 — 121	9	
Recibos e conhecimentos	"	122 — 142	9	
Diversos	"	143 — 157	9	
Portarias do Vice-Rei	1782	1 — 6	9	
Portarias do Governador	"	7 — 140	9	
Requerimentos ao Governador	"	141 — 166	9	
Portarias do Provedor	"	167 — 169	9	
Requerimentos ao Provedor	"	170 — 177	9	
Requerimentos diversos	"	178 — 180	9	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Guias de casais	1782	181 — 182	9	5
Offícios ao Provedor	"	183 — —	9	
Recibos e conhecimentos	"	184 — 244	9	
Diversos	"	245 — 257	9	
Portarias do Governador	1783	1 — 73	10	5
Requerimentos ao Governador	"	74 — 105	10	
Requerimentos ao Provedor	"	106 — 110	10	
Requerimento a diversas autoridades.	"	111 — 120	10	
Guias de fornecimento de municio...	"	121 — 133	10	
Guias de quinto	"	134 — 140	10	
Diversos certificados	"	141 — 142	10	
Recibos, conhecimentos, guias.....	"	143 — 173	10	
Férias de jornais	"	174 — —	10	
Diversos	"	175 — 189	10	
Portarias do Governador	1784	1 — 34	10	
Requerimentos ao Governador	"	35 — 48	10	
Portarias do Provedor	"	49 — 51	10	
Requerimentos ao Provedor	"	52 — —	10	
Requerimentos para concessão de li- cenças	"	53 — 111	10	
Guias de municio a diversos	"	112 — 118	10	
Recibos e conhecimentos	"	119 — 121	10	
Diversos	"	122 — 132	10	
Requerimentos ao Vice-Rei	1788	1 — 48	10	6
Portarias do Governador	"	49 — 74	10	
Requerimentos ao Governador	"	75 — 138	10	
Portarias do Provedor	"	139 — 154	10	
Requerimentos ao Provedor	"	155 — 157	10	
Guias de municio	"	158 — 166	10	
Recibos e conhecimentos	"	167 — 195	10	
Diversos	"	196 — 203	10	
Portarias do Governador	1789	1 — 20	11	
Requerimentos ao Governador	"	21 — 29	11	
Portarias do Provedor	"	30 — 36	11	
Requerimentos ao Provedor	"	37 — 39	11	
Requerimentos ao Vice-Rei	"	40 — 95	11	
Requerimentos diversos	"	96 — 106	11	
Guias de municio	"	107 — 115	11	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios ao Provedor	1789	116 — 117	11	
Diversas guias	"	118 — 184	11	
Recibos e guias	"	185 — 207	11	
Diversos	"	208 — 212	11	
Portarias do Governador	1790	1 — 41	11	
Requerimentos ao Governador	"	42 — 49	11	
Portarias do Provedor	"	50 — 55	11	
Requerimentos ao Provedor	"	56 — 60	11	
Requerimentos ao Vice-Rei e Governadores do Estado	"	61 — 62	11	
Guias do Pagador da demarcação de limites	"	63 — —	11	
Guias de município	"	64 — 79	11	
Guias do sal	"	80 — 81	11	
Guias de despacho	"	82 — 183	11	
Provisões	"	184 — —	11	
Autuações e confiscos	"	185 — 192	11	
Diversos recibos e conhecimentos....	"	193 — 205	11	
Diversos	"	206 — 212	11	
Portarias do Governador	1791	1 — 122	12	
Requerimentos ao Governador	"	123 — 150	12	
Portarias do Provedor	"	151 — 156	12	
Correspondencia com o Escrivão da Fazenda Real	"	157 — 172	12	
Officio do Ajudante d'ordens do Vice-Rei	"	173 — 177	12	
Guias de Município	"	178 — 188	12	
Guias do sal	"	189 — 197	12	
Guias diversas	"	198 — 308	12	
Folhas de despesas com as familias guaranis	"	309 — 324	12	
Recibos e conhecimentos	"	325 — 365	12	
Diversos	"	366 — 371	12	
Portarias do Governador	1792	1 — 90	12	
Requerimentos ao Governador	"	91 — 125	12	
Portarias do Provedor	"	126 — 132	12	
Requerimentos ao Provedor	"	133 — 138	12	
Officio do Ajudante de ordens do Vice-Rei ao Provedor	"	139 — 142	12	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios ao Escrivão da Fazenda Real	1792	143 — 144	12	6
Guias de escravos	"	145 — 259	12	
Guias de municio	"	260 — 261	12	
Guias do sal	"	262 — 276	12	
Recibos e conhecimentos	"	277 — 297	12	
Diversos	"	298 — 305	12	
Portarias do Governador	1793	1 — 63	13	7
Requerimentos ao Governador	"	64 — 114	13	
Requerimentos ao Vice-Rei	"	115 — 117	13	
Portarias do Provedor	"	118 — 123	13	
Requerimentos ao Provedor	"	124 — 126	13	
Correspondencia com o Provedor	"	127 — 136	13	
Correspondencia com o Escrivão da Fazenda Real	"	137 — 140	13	
Guias do sal	1793	141 — 152	13	
Guias de municio	"	153 — —	13	
Guias diversas	"	154 — 270	13	
Provisão	"	271 — —	13	
Recibos e conhecimentos	"	272 — 290	13	
Diversos	"	291 — 293	13	
Portarias do Governador	1794	1 — 55	13	
Requerimentos ao Governador	"	56 — 102	13	
Requerimentos ao Provedor	"	103 — 111	13	
Officio ao Provedor	"	112 — 113	13	
Provisões	"	114 — 116	13	
Correspondencia com o Escrivão da Fazenda Real	"	117 — 120	13	
Guias de municio	"	121 — 124	13	
Guias do Sal	"	125 — 136	13	
Guias diversas	"	137 — 216	13	
Despesas com dietas do hospital	"	217 — 238	13	
Recibos e conhecimentos	"	239 — 263	13	
Diversos	"	264 — 273	13	
Portarias do Governador	1795	1 — 70	14	
Requerimentos ao Governador	"	71 — 104	14	
Portarias do Provedor	"	105 — 106	14	
Requerimentos ao Provedor	"	107 — 108	14	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Correspondencia com o Escrivão da Fazenda Real	1795	109 — 122	14	7
Guias de sal	"	123 — 128	14	
Guias diversas	"	129 — 138	14	
Despesas com dietas	"	139 — 151	14	
Férias pagas	"	152 — 154	14	
Provisões	"	155 — —	14	
Diversos recibos	"	156 — 173	14	
Diversos	"	174 — 181	14	
Portarias do Governador	1796	1 — 117	14	
Requerimentos ao Governador	"	118 — 134	14	
Requerimentos ao Provedor	"	135 — —	14	
Officio ao Provedor	"	136 — 137	14	
Correspondencia com o Escrivão da Fazenda Real	"	138 — 156	14	
Guias de municipio	"	157 — 158	14	
Guias diversas	"	159 — 166	14	
Despesas com dietas	"	167 — 177	14	
Provisões	"	178 — 179	14	
Férias de jornais	"	180 — —	14	
Recibos e conhecimentos	"	181 — 200	14	
Diversos	"	201 — 210	14	
Portarias do Governador	1797	1 — 89	15	8
Requerimentos ao Governador	"	90 — 142	15	
Portarias do Provedor	"	143 — 159	15	
Requerimentos ao Provedor	"	160 — —	15	
Officios ao Provedor	"	161 — —	15	
Requerimentos ao Vice-Rei	"	162 — 164	15	
Correspondencia com o Escrivão da Fazenda Real	"	165 — 173	15	
Pagamentos de férias	"	174 — 186	15	
Guias diversas	"	187 — 197	15	
Despesas diversas	"	198 — 209	15	
Despesas de dietas	"	210 — 219	15	
Recibos e conhecimentos	"	220 — 264	15	
Diversos	"	265 — 290	15	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Portarias do Governador	1798	1 — 71	16	8
Requerimentos ao Governador	"	72 — 132	16	
Portarias do Provedor	"	133 — 147	16	
Requerimentos ao Provedor	"	148 — 152	16	
Offícios ao Escrivão	"	153 — 172	16	
Férias	"	173 — 195	16	
Despesas com dietas	"	196 — 210	16	
Recibos e conhecimentos	"	211 — 235	16	
Diversos papéis	"	236 — 247	16	9
Portarias do Governador	1799	1 — 97	17	
Requerimentos ao Governador	"	98 — 156	17	
Portarias do Provedor	"	157 — 165	17	
Requerimentos ao Provedor	"	166 — 171	17	
Correspondencia com o Escrivão	"	172 — 181	17	
Despesas com dietas	"	182 — 190	17	
Pagamentos de férias	"	191 — 200	17	
Recibos e conhecimentos	"	201 — 219	17	
Diversos	"	220 — 245	17	10
Portarias do Governador	1800	1 — 75	18	
Requerimentos ao Governador	"	76 — 95	18	
Diversos	"	96 — 121	18	
Portarias do Governador	1801	1 — 145	18	
Requerimentos ao Governador	"	146 — 189	18	
Requerimento ao Vice-Rei	"	190 — 191	18	
Tropas da expedição de demarcação de limites	"	192 — 199	18	
Despesas com dietas	"	200 — 278	18	
Diversos	"	279 — 302	18	10
Portarias do Governador	1802	1 — 44	19	
Requerimentos ao Governador	"	45 — 172	19	
Portarias do Provedor	"	173 — 176	19	
Representação a Junta	"	177 — 190	19	
Despesa com dietas	"	191 — 202	19	
Guias diversas	"	203 — 256	19	
Guias de municipio	"	257 — 282	19	
Diversos	"	283 — 305	19	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
JUNTA DA FAZENDA REAL				
Portarias do Governador	1803	1 — 169	1	
Requerimentos ao Governador	"	170 — 228	1	
Portarias	"	229 — 254	1	
Requerimentos ao Intendente	"	255 — 258	1	
Requerimentos á Junta	"	259 — 316	1	
Requerimentos diversos	"	317 — 352	1	
Offícios ao Comandante da Fronteira do Rio Grande	"	353 — 360	1	
Officio do Comandante da Fronteira do Rio Pardo	"	361 — 363	1	
Officio da Caixa de Administração dos Indios	"	364 — 367	1	
Offícios ao Governador	"	368 — 371	1	
Offícios ao Intendente de Marinha...	"	372 — 376	1	
Officio da Camara Municipal	"	377 — 384	1	
Correspondencia com a Intendencia de Marinha	"	385 — 400	1	
Representações e informações	"	401 — 403	1	
Dons gratuitos	"	404 — 411	1	
Guias de municipio	"	412 — 428	1	
Guias diversas	"	429 — 461	1	
Provisões	"	462 — 477	1	
Diversos officios	"	478 — 485	1	
Diversos	"	486 — 499	1	
Portarias do Governador	1804	1 — 98	2	
Requerimentos ao Governador	"	99 — 125	2	
Portarias do Tribunal da Junta.....	"	126 — 138	2	
Requerimentos	"	139 — 177	2	
Representações a Junta	"	178 — 186	2	
Offícios dos Comandantes das Fron- teiras de Rio Grande e Rio Pardo.	1804	187 — 192	2	
Offícios ao Escrivão da Intendencia da Marinha	"	193 — 216	2	
Officio ao Intendente de Marinha....	"	217 — 223	2	
Provisões	"	224 — 244	2	
Guias de municipio	"	245 — 260	2	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Dons gratuitos	1804	261 — 308	2	11
Diversos	"	309 — 363	2	
Portarias do Governador	1805	1 — 123	3	12
Requerimentos ao Governador	"	124 — 159	3	
Portarias da Junta	"	160 — 166	3	
Requerimentos	"	167 — 222	3	
Representações a Junta	"	223 — 234	3	
Offícios dos Comandantes das Fron- teiras do Rio Grande e Rio Pardo	"	235 — 240	3	
Offício de diversos ao Intendente da Marinha	"	241 — 251	3	
Requerimentos ao Intendente da Ma- rinha	"	252 — 253	3	
Provisões	"	254 — 265	3	
Processo de desobediência	"	266 — —	3	
Dons gratuitos	"	267 — 376	3	13
Diversos	"	377 — 453	3	
Portarias do Governador	1806	1 — 78	4	
Requerimentos ao Governador	"	79 — 102	4	
Requerimentos	"	103 — 154	4	
Representações á Junta	"	155 — 158	4	
Offícios ao Escrivão da Junta.....	"	159 — 160	4	
Offícios ao Intendente da Marinha....	"	161 — 167	4	
Offícios ao Escrivão da Intendencia..	"	168 — 177	4	
Offícios ao Escriuario dos Armazens Reais	"	178 — 221	4	
Provisões	"	222 — 248	4	
Guias de municio	"	249 — 261	4	13
Dons gratuitos	"	262 — 267	4	
Diversos	"	268 — 303	4	
Portarias do Governador	1807	1 — 81	5	
Requerimentos ao Governador	"	82 — 132	5	
Portarias da Junta	"	133 — 140	5	
Requerimentos	"	141 — 201	5	
Representações á Junta	"	202 — 207	5	
Offícios ao Escrivão da Junta e outros	"	208 — 259	5	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios aos Comandantes das Fronteiras de Rio Grande e Rio Pardo.	1807	260 — 269	5	13
Offícios ao Escrivão da Provedoria...	"	270 — 314	5	
Offícios ao Intendente da Marinha...	"	315 — 329	5	
Requerimentos ao Intendente da Marinha	"	330 — 332	5	
Provisões	"	333 — 345	5	
Juramento de Bandeira	"	346 — 359	5	
Crias de muares	"	360 — —	5	
Diversos	"	361 — 401	5	
Portarias do Governador	1808	1 — 141	6	14
Requerimentos ao Governador	"	142 — 189	6	
Requerimentos ao Intendente	"	190 — 215	6	
Requerimentos	"	216 — 250	6	
Offícios ao Escrivão da Junta.....	"	251 — 267	6	
Offícios ao Intendente da Marinha...	"	268 — 300	6	
Offícios ao Escrivão da Intendencia..	"	301 — 346	6	
Provisões	"	347 — 377	6	
Juramento de Bandeira	"	378 — 389	6	
Dons gratuitos	"	390 — —	6	
Tabelas e balanços	"	391 — 395	6	
Diversos	"	396 — 436	6	
Portarias do Governador	1809	1 — 137	7	14
Requerimentos ao Governador	"	138 — 204	7	
Portarias da Junta	"	205 — 207	7	
Requerimentos	"	208 — 296	7	
Offícios ao Intendente de Marinha ...	"	297 — 323	7	
Offícios á Intendencia de Marinha...	"	324 — 343	7	
Offícios da Junta de S. Paulo.....	"	344 — 348	7	
Offícios dos Comandantes das Fronteiras do Rio Grande e Rio Pardo.	"	349 — 361	7	
Provisões	"	362 — 412	7	
Representações á Junta	"	413 — 425	7	
Tabelas e balanços	"	426 — 432	7	
Guias diversas	"	433 — 571	7	
Diversos	"	572 — 618	7	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Portarias do Capitão General	1810	1 — 99	8	15
Requerimentos ao Governador	"	100 — 315	8	
Requerimentos	"	316 — 393	8	
Offícios ao Intendente da Marinha...	"	394 — 420	8	
Offícios do Escrivão da Junta	"	421 — 429	8	
Offícios de diversas Juntas	"	430 — 431	8	
Offícios da Comissão exploradora de terrenos auríferos	"	432 — 438	8	
Provisões	"	439 — 443	8	
Receituário do Hospital	"	444 — —	8	
Tabelas e balanços	"	445 — 459	9	
Dons gratuitos	"	460 — —	8	
Diversos	"	461 — 566	8	
Portarias do Capitão General	1812	1 — 85	9	16
Requerimentos ao Capitão General...	"	86 — 118	9	
Requerimentos	"	119 — 249	9	
Representações á Junta	"	250 — 275	9	
Offício do Capitão General	"	276 — 279	9	
Offícios ao Intendente	"	280 — 296	9	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	297 — 353	9	
Diversos	"	354 — 492	9	
Portarias do Capitão General	1813	1 — 88	10	
Requerimentos ao Capitão General..	"	89 — 201	10	
Portarias da Junta	"	202 — 204	10	
Requerimentos (Janeiro)	"	205 — 227	10	
" (Fevereiro)	"	228 — 248	10	
" (Março)	"	249 — 298	10	
" (Abril)	"	299 — 321	10	
" (Maio)	"	322 — 360	10	
" (Junho)	"	361 — 393	10	
" (Julho)	"	394 — 418	10	
" (Agosto)	"	419 — 442	10	
" (Setembro)	"	443 — 463	10	
" (Outubro)	"	464 — 497	10	
" (Novembro)	"	498 — 526	10	
" (Dezembro)	"	527 — 535	10	
Representações á Junta	"	536 — 561	10	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	562 — 570	10	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Portarias do Intendente	1818	571 — 582	10	16
Oficio á Intendencia da Marinha....	"	583 — 632	10	
Oficio ao Intendente da Marinha....	"	633 — 661	10	
Officios dos Comandantes das Fron- teiras do Rio Grande e Rio Pardo.	"	662 — 692	10	
Matriculas de equipagens	"	693 — 780	10	
Almoxarifado do Rio Grande	"	781 — 795	10	
Almoxarifado do Rio Pardo	"	796 — 813	10	
Diversos	"	814 — 900	10	
Portarias da Junta e do Capitão Ge- neral	1814	1 — 8	11	17
Requerimentos ao Capitão General...	"	9 — 16	11	
Requerimentos (Janeiro)	"	17 — 34	11	
" (Fevereiro)	"	35 — 66	11	
" (Março)	"	67 — 86	11	
" (Abril)	"	87 — 95	11	
" (Maio)	"	96 — 111	11	
" (Junho)	"	112 — 126	11	
" (Julho)	"	127 — 145	11	
" (Agosto)	"	146 — 183	11	
" (Setembro)	"	184 — 217	11	
" (Outubro)	"	218 — 234	11	
" (Novembro)	"	235 — 278	11	
" (Dezembro)	"	279 — 299	11	
Representações á Junta	"	300 — 365	11	
Oficio do Escrivão da Junta.....	"	366 — 381	11	
Officios ao Escrivão da Junta	"	382 — 388	11	
Portarias do Intendente da Marinha.	"	389 — 403	11	18
Requerimentos ao Intendente	"	404 — 405	11	
Officios ao Intendente da Marinha....	"	406 — 423	11	
Officios ao Escrivão da Marinha	"	424 — 466	11	
Comandante de Fronteiras	"	467 — 519	11	
Matricula de equipagens	"	520 — 560	11	
Almoxarifado	"	561 — 595	11	
Balanços e demonstrações	"	596 — 605	11	
Diversos	"	606 — 663	11	
Portaria da Junta e do Capitão Ge- neral	1815	1 — 5	12	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Requerimentos ao Capitão General..	1815	5 — 17	12	18
Requerimentos (Janeiro)	"	18 — 41	12	
" (Fevereiro)	"	42 — 41	12	
" (Março)	"	52 — 60	12	
" (Abril)	"	61 — 74	12	
" (Maio)	"	75 — 103	12	
" (Junho)	"	104 — 110	12	
" (Julho)	"	111 — 145	12	
" (Agosto)	"	146 — 172	12	
" (Setembro)	"	173 — 179	12	
" (Outubro)	"	180 — 187	12	
" (Novembro)	"	188 — 209	12	
" (Dezembro)	"	210 — 231	12	
Representações á Junta	"	232 — 304	12	
Offícios do Escrivão da Junta	"	305 — 358	12	
Offícios ao Escrivão da Junta.....	"	359 — 369	12	
Portarias do Intendente da Marinha.	"	370 — 388	12	
Offícios ao Intendente da Marinha....	"	389 — 404	12	
Offícios ao Escrivão da Marinha.....	"	405 — 437	12	
Offícios do Tezoureiro das Tropas....	"	438 — 454	12	
Offícios de diversas juntas	"	455 — 462	12	
Comando de Fronteiras	"	463 — 480	12	19
Matriculas de equipagens	"	481 — 536	12	
Almoxarifado	"	537 — 562	12	
Balanços	"	563 — 564	12	
Recibos e conhecimentos	"	565 — 579	12	
Diversos	"	580 — 650	12	
Requerimentos ao Capitão General...	1816	1 — 6	13	
Requerimentos	"	7 — 175	13	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	176 — 307	13	
Offícios ao Intendente da Marinha...	"	308 — 327	13	
Portarias diversas	"	328 — 342	13	
Almoxarifado do Rio Grande	"	343 — 373	13	
Matricula das embarcações	"	374 — 457	13	
Diversos	"	458 — 515	13	
Offícios do Capitão General e outros	1817	1 — 16	14	20
Requerimentos despachados pelo Ca- pitão General	"	17 — 32	14	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Requerimentos ao Capitão General..	1817	33 — 212	14	20
Representações á Junta	"	213 — 240	14	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	241 — 388	14	
Requerimentos ao Intendente da Marinha	"	389 — 392	14	
Requerimentos despachados por diversas autoridades	"	393 — 397	14	
Offícios diversos ao Almojarife dos Armazens do Rio Grande	"	398 — 408	14	
Ordens diversas	"	409 — 438	14	
Matriculas de embarcações	"	439 — 485	14	
Tabelas e balanços	"	486 — 491	14	
Diversos	"	492 — 529	14	
Offícios dos Capitães Generais ao Escrivão da Junta	1818	1 — 5	15	21
Requerimentos despachados pelos Capitães Generais	"	6 — 33	15	
Requerimentos despachados por diversos Generais	"	34 — 39	15	
Requerimentos despachados pelo Tribunal da Junta	"	40 — 177	15	
Representações ao Tribunal da Junta	"	178 — 204	15	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	205 — 273	15	
Offícios da Junta da Fazenda de S. Paulo	"	274 — —	15	
Offícios ao Escrivão da Intendencia da Marinha	"	275 — 284	15	
Offícios ao Intendente da Marinha..	"	285 — 300	15	
Offícios do Commissario Pagador	"	301 — 309	15	
Autos de denuncia	"	310 — 312	15	
Pagamento de selos	"	313 — 320	15	
Plano para o estabelecimento do Correio por José Pedro Cezar	"	321 — —	15	
Matriculas das Equipagens das Embarcações	"	322 — 357	15	
Tabelas e balanços	"	358 — 366	15	
Diversos	"	367 — 418	15	
Portarias	1819	1 — 16	16	22

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Requerimentos ao Capitão General ...	1819	1 — 16	16	22
Offícios ao Escrivão da Junta	"	17 — 26	16	
Offícios do Escrivão da Junta ao Inten-	"	27 — 121	16	
dente da Marinha	"	122 — 134	16	
Offícios ao Comissario Pagador	"	135 — 148	16	
Ordens do Tesouro	"	150 — —	16	
Offícios da Junta de S. Paulo	"	151 — 153	16	
Representações e informações ao Tri-				
bunal da Junta	"	154 — 371	16	
Guias e conhecimentos	"	372 — 387	16	
Tabelas e balanços	"	388 — 395	16	
Matricula de equipagens	"	396 — 449	16	
Dons gratuitos	"	450 — 456	16	23
Diversos	"	457 — 500	16	
Portarias do Capitão General	1820	1 — 12	17	
Requerimentos ao Capitão General ..	"	13 — 22	17	
Portarias da Junta	"	23 — 29	17	
Requerimentos (Janeiro)	"	30 — 49	17	
" (Fevereiro)	"	50 — 61	17	
" (Março)	"	62 — 67	17	
" (Abril)	"	68 — 89	17	
" (Maio)	"	90 — 111	17	
" (Junho)	"	112 — 116	17	
" (Julho)	"	117 — 139	17	
" (Agosto)	"	140 — 166	17	
" (Setembro)	"	167 — 197	17	
" (Outubro)	"	198 — 214	17	
" (Novembro)	"	215 — 231	17	
" (Dezembro)	"	232 — 280	17	
Requerimentos á Junta (sem des-				
pacho)	"	281 — 290	17	
Portarias do Intendente da Marinha	"	291 — 292	17	
Requerimentos ao Intendente	"	293 — 295	17	
Offícios do Governo ao Escrivão da				1821
Junta	1821	1 — 18	18	
Representações á Junta	"	19 — 77	18	
Offícios do Capitão General ao Inten-				"
dente	"	78 — 86	18	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Portarias diversas	1821	87 — 117	18	23
Diversos documentos	"	118 — 172	18	
Tabelas e balanços	"	173 — 183	18	
Provisões	"	184 — 222	18	
Ofícios diversos	"	223 — 292	18	
Ofícios da Junta de S. Paulo	"	293 — 296	18	
Ofícios do Escrivão da Junta ao Intendente	"	297 — 326	18	
Do Capitão General ao Escrivão da Junta	"	327 — 330	18	
Ofícios do Almoxarifado de S. Paulo ao Escrivão da Junta	"	331 — 359	18	
Ofícios do Almoxarifado do Rio Grande ao Escrivão da Junta	"	360 — 399	18	
Requerimentos ao Capitão General....	1821	400 — 425	18	24
Requerimentos ao Intendente	"	426 — 429	18	
Requerimentos	"	430 — 806	18	
Milícias de Índios Guaranis	"	807 — 915	18	
Regimento de Cavalaria de Milícias de Entrerios Guerrilhos e praças da Legião de S. Paulo	"	916 — 937	18	
4.º Regimento de Cavalaria de Milícias	"	938 — 964	18	
Regimento de Cavalaria de Milícias do Rio Pardo	"	965 — 1012	18	
Legião do Rio Grande	"	1013 — 1069	18	
Piquete e mais praças destacadas na Capital	"	1070 — 1083	18	
Regimento de Cavalaria de Milícias..	"	1084 — 1094	18	
3.º Regimento de Cavalaria Miliciana	"	1095 — 1142	18	
Portarias do Governo	1822	1 — 102	19	25
Portarias do Comandante das Armas	"	103 — 106	19	
Portarias da Junta	"	107 — 115	19	
Requerimentos ao Governo	"	116 — 147	19	
Requerimentos ao Intendente	"	148 — 151	19	
Ofícios do Escrivão da Junta ao Intendente da Marinha	"	152 — 199	19	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios de diversos ao Escrivão da Intendencia da Marinha	1822	200 — 222	19	25
Offícios do Governo ao Intendente da Marinha	"	223 — —	19	
Offícios dos Commissarios Pagadores ao Escrivão da Junta.....	"	224 — 226	19	
Offícios da Junta da Fazenda de Pernambuco	"	227 — —	19	
Offícios do Escrivão da Junta ao Almozarife do Rio Grande	"	228 — 285	19	
Offícios ao Almozarife do Rio Grande	"	286 — 303	19	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	304 — 462	19	
Representações á Junta	"	463 — 523	19	
Atestados e certificados	"	524 — 541	19	
Conhecimentos e guias	"	542 — 550	19	
Provisões	"	551 — 555	19	
Tabelas e balanços	"	556 — 559	19	
Feitoria do linho canhamo	"	560 — 569	19	
Dons gratuitos	"	570 — 575	19	
Diversos documentos	"	576 — 617	19	
Requerimentos (Janeiro)	"	618 — 656	19	
" (Fevereiro)	"	657 — 680	19	
" (Março)	"	681 — 712	19	
" (Abril)	"	713 — 763	19	26
" (Maio)	"	764 — 788	19	
" (Junho)	"	789 — 809	19	
" (Julho)	"	810 — 850	19	
" (Agosto)	"	851 — 876	19	
Requerimentos (Setembro)	1822	877 — 909	19 ^a	26
" (Outubro)	"	910 — 940	19 ^a	
" (Novembro)	"	941 — 975	19 ^a	
" (Dezembro)	"	976 — 1012	19 ^a	
Portarias do Governo Provisorio	1823	1 — 136	20	27
Portarias do Comando das Armas....	"	137 — 216	20	
Portarias do Intendente	"	217 — 223	20	
Comando de Fronteiras	"	224 — 267	20	
Offícios diversos ao Escrivão da Junta	"	268 — 414	20	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	415 — 504	20	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios do Escrivão da Junta	1823	505 — 619	20	27
Offícios diversos	"	620 — 664	20	
Almoxarifados do Rio Pardo e Rio Grande	"	665 — 676	20	
Termos de Avaliação, Conhecimentos	"	677 — 702	20	
Provisões	"	703 — 706	20	
Dons gratuitos	"	707 — 734	20	
Diversos	"	735 — 803	20	
Requerimentos (Janeiro)	1823	804 — 833	20 ^a	28
" (Fevereiro)	"	834 — 860	20 ^a	
" (Março)	"	861 — 887	20 ^a	
" (Abril)	"	888 — 905	20 ^a	
" (Maio)	"	906 — 928	20 ^a	
" (Junho)	"	929 — 952	20 ^a	
" (Julho)	"	953 — 975	20 ^a	
Portarias do Governo á Junta da Fazenda	1824	1 — 28	21	29
Requerimentos ao General Comandante das Armas	"	29 — 53	21	
Requerimentos diversos	"	54 — 70	21	
Requerimentos (Janeiro)	"	71 — 105	21	
" (Fevereiro)	"	106 — 123	21	
" (Março)	"	124 — 131	21	
" (Abril)	"	132 — 162	21	
" (Maio)	"	163 — 185	21	
" (Junho)	"	186 — 199	21	
" (Julho)	"	200 — 216	21	
" (Agosto)	"	217 — 232	21	
" (Setembro)	"	233 — 251	21	
" (Outubro)	"	252 — 265	21	
" (Novembro)	"	266 — 282	21	
" (Dezembro)	"	283 — 295	21	
Offícios dos Juizes de Fóra e Ordinarios	"	296 — 304	21	
Offícios da Intendencia da Marinha..	"	305 — 307	21	
Offícios do Escrivão da Junta ao Intendente da Marinha	"	308 — 335	21	
Offícios dos Empregados do Correio..	"	336 — 351	21	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios dos Empregados do Trem de Guerra	1824	352 — 355	21	29
Offícios diversos	"	356 — 601	21	
Representações e Informações	"	602 — 696	21	
Relação da gente empregada na navegação	"	697 — 699	21	
Diversos	"	700 — 754	21	
Dons gratuitos	"	755 — 762	21	
Comando de Fronteiras	1825	1 — 17	22	30
Juntas de S. Paulo e Santa Catarina	"	18 — 22	22	
Ordens do Tesouro á extinta Junta	"	23 — 47	22	
Guias de Militares	"	48 — 53	22	
Diversas portarias	"	54 — 58	22	
Diversos requerimentos	"	59 — 75	22	
Offícios da Presidencia	"	76 — 94	22	
Offícios de autoridades militares	"	95 — 107	22	
Offícios do Escrivão da Junta ao Intendente	"	108 — 147	22	
Diversos officios ao Presidente	"	148 — 161	22	
Diversos officios	"	162 — 239	22	
Diversas representações	"	240 — 318	22	
Colonia de S. Leopoldo	"	319 — —	22	
Almoxarifado do Rio Grande	"	320 — 358	22	
Almoxarifado do Rio Pardo	"	359 — 438	22	
Municio	"	439 — 463	22	
Diversos	"	464 — 507	22	
Requerimentos (Janeiro)	"	508 — 529	22	
" (Fevereiro)	"	530 — 557	22	
" (Março)	"	558 — 575	22	
" (Abril)	"	576 — 603	22	
" (Maio)	"	604 — 633	22	
" (Junho)	"	634 — 661	22	
" (Julho)	"	662 — 694	22	
" (Agosto)	"	695 — 716	22	
" (Setembro)	"	717 — 738	22	
" (Outubro)	"	793 — 776	22	
" (Novembro)	"	777 — 809	22	
" (Dezembro)	"	810 — 847	22	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios diversos ao Presidente	1826	1 — 34	23	31
Offícios de diversas Juntas	1826	35 — 43	23	
Offícios ao Intendente da Marinha...	"	44 — 169	23	
Requerimentos despachados por diversas autoridades	"	170 — 176	23	
Requerimentos despachados pelo Visconde da Laguna	"	177 — 232	23	
Documentos relativos a Antonio Soares de Paiva e Filhos	"	233 — 252	23	
Diversos	"	253 — 310	23	
Almoxarifado do Rio Pardo	"	311 — 364	23	
Offícios ao tesoureiro da Junta.....	"	365 — 373	23	
Offícios diversos ao Escrivão da Junta	"	374 — 545	23	
Offícios da Presidencia	"	546 — 552	23	
Representações á Junta	"	553 — 641	23	
Almoxarifado do Rio Grande.....	"	642 — 728	23	
Requerimentos (Janeiro)	1826	729 — 749	23 ^a	32
" (Fevereiro)	"	750 — 789	23 ^a	
" (Março)	"	790 — 827	23 ^a	
" (Abril)	"	828 — 875	23 ^a	
" (Maio)	"	876 — 905	23 ^a	
" (Junho)	"	906 — 929	23 ^a	
" (Julho)	"	930 — 960	23 ^a	
" (Agosto)	"	961 — 997	23 ^a	
" (Setembro)	"	998 — 1022	23 ^a	
" (Outubro)	"	1023 — 1083	23 ^a	
" (Novembro)	"	1084 — 1130	23 ^a	
" (Dezembro)	"	1131 — 1153	23 ^a	
Offícios da Presidencia	1827	1 — 35	24	33
Offícios ao Intendente de Marinha...	"	36 — 83	24	
Offícios do Escrivão da Junta	"	84 — 93	24	
Offícios ao Escrivão da Intendencia...	"	94 — 105	24	
Offícios ao Presidente	"	106 — 124	24	
Offícios de diversas Juntas de Fazenda	"	125 — 129	24	
Offícios ao Escrivão da Junta	"	130 — 439	24	
Representações das Alfandegas á Junta	"	440 — 447	24	
Representações do Escrivão da Junta	"	448 — 449	24	
Diversas representações	"	450 — 479	24	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Almoxarifado do Rio Pardo	1827	480 — 521	24	33
Guias de militares	"	522 — 546	24	
Dons gratuitos	"	547 — 550	24	
Diversos	"	551 — 674	24	
Comando de Fronteiras	"	675 — 679	24	
Requerimentos despachados pelo Ma- rechal Brown	"	680 — 686	24	
Diversos requerimentos	"	687 — 704	24	
Representações (Janeiro)	"	705 — 721	24	
" (Fevereiro)	"	722 — 754	24	
" (Março)	"	755 — 791	24	
" (Abril)	"	792 — 833	24	
" (Maio)	"	834 — 892	24	
" (Junho)	"	893 — 923	24	
" (Julho)	"	924 — 1011	24	
Representações (Agosto)	1827	1012 — 1059	24 ^a	34
" (Setembro)	"	1060 — 1135	24 ^a	
" (Outubro)	"	1136 — 1194	24 ^a	
" (Novembro)	"	1195 — 1226	24 ^a	
" (Dezembro)	"	1227 — 1241	24 ^a	
Offícios dos Juizes de Fôra	1828	1 — 11	25	35
Correio	"	12 — 30	25	
Offícios do Intendente ao Escrivão da Junta	"	31 — 49	25	
Offícios diversos ao Escrivão da Junta	"	50 — 82	25	
Almoxarifado do Rio Pardo	"	83 — 130	25	
Administração do município	"	131 — 147	25	
Ordens do Tesouro	"	148 — 175	25	
Offícios de diversas Juntas	"	176 — 179	25	
Alfandega do Rio Grande	"	180 — 250	25	
Almoxarifado de S Francisco de Paula	"	251 — 280	25	
Pagadoria do Exercito	"	281 — 308	25	
Almoxarifado do Rio Grande	"	309 — 358	25	
Hospital militar	"	359 — 373	25	
Comissario de transporte	"	374 — 384	25	
Administração do município	"	385 — 400	25	
Offícios ao Intendente de Marinha..	"	401 — 461	25	
Offícios do Commissariado	"	462 — 467	25	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Diversos Ministerios	1828	468 — 483	25	35
Officios do Presidente	"	484 — 529	25	
Diversos	"	530 — 605	25	
Guias e outros documentos	"	606 — 671	25	
Almoxarifado de S. Gabriel	"	672 — 719	25	
Officios e Portarias da Presidencia...	"	720 — 794	25	
Dons gratuitos	"	795 — 797	25	
Atestados e certificados	"	798 — 808	25	
Requerimentos ao Intendente	"	809 — 814	25	
Requerimentos ao Comandante do Exercito	"	815 — 821	25	
Officios de diversos ao Intendente de Marinha	"	822 — 835	25	
Officios ao Presidente	"	836 — 848	25	
Officios do Comando da Guarnição....	"	849 — 877	25	
Representações e informações á Junta	1828	878 — 969	25 ^a	36
Requerimentos (Janeiro)	"	970 — 1012	25 ^a	
" (Fevereiro)	"	1013 — 1050	25 ^a	
" (Março)	"	1051 — 1088	25 ^a	
" (Abril)	"	1089 — 1116	25 ^a	
" (Maio)	"	1117 — 1151	25 ^a	
" (Junho)	"	1152 — 1192	25 ^a	
" (Julho)	"	1193 — 1221	25 ^a	
" (Agosto)	"	1222 — 1280	25 ^a	
" (Setembro)	"	1281 — 1290	25 ^a	
" (Outubro)	"	1291 — 1317	25 ^a	
" (Novembro)	"	1318 — 1351	25 ^a	
" (Dezembro)	"	1352 — 1383	25 ^a	
Representações e informações	1829	1 — 163	26	37
Officios do Intendente ao Escrivão da Junta	"	164 — 179	26	
Officios de diversas autoridades ao Escrivão da Junta	"	180 — 210	26	
Officios do Presidente da Provincia ao Escrivão da Junta	"	211 — 277	26	
Officios ao Presidente	"	278 — 280	26	
Officios do Inspetor do Trem ao Es- crivão da Junta	"	281 — 290	26	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios de diversos juizes ao Escri- vão da Junta	1829	291 — 300	26	37
Offícios do Administrador do Correio ao Escrivão da Junta	"	301 — 322	26	
Offícios ao Intendente	"	323 — 417	26	
Offícios de diversos	"	418 — 424	26	
Offício de diversos ao Escrivão da Junta	1829	425 — 501	26 ^a	38
Reqtos. e officios (Janeiro)	"	502 — 530	26 ^a	
" " " (Fevereiro)	"	531 — 549	26 ^a	
" " " (Março)	"	550 — 568	26 ^a	
" " " (Abril)	"	569 — 585	26 ^a	
" " " (Maio)	"	586 — 598	26 ^a	
" " " (Junho)	"	599 — 611	26 ^a	
" " " (Julho)	"	612 — 624	26 ^a	
" " " (Agosto)	"	625 — 637	26 ^a	
" " " (Setembro)	"	638 — 652	26 ^a	
" " " (Outubro)	"	653 — 671	26 ^a	
" " " (Novembro)	"	672 — 690	26 ^a	
" " " (Dezembro)	"	691 — 703	26 ^a	
Ministerio da Guerra	"	704 — 734	26 ^a	39
Ordens do Tesouro	"	735 — 782	26 ^a	
Diversos documentos á Junta	"	783 — 805	26 ^a	
Diversos requerimentos á Junta	"	806 — 830	26 ^a	
Alfandega do Rio Grande	1829	831 — 902	26 ^b	
Portarias da Junta	"	903 — 904	26 ^b	
Portarias da Presidencia	"	905 — 918	26 ^b	
Do tesoureiro das tropas ao escrivão.	"	919 — 928	26 ^b	
Almoxarifado do Rio Grande	"	929 — 938	26 ^b	
Almoxarifado do Rio Pardo	"	939 — 995	26 ^b	
Hospital militar de Porto Alegre e Rio Grande	"	996 — 1017	26 ^b	
Questões entre o Presidente e o escri- vão da Junta	"	1018 — 1036	26 ^b	
Sobre canhoneiras	"	1037 — 1041	26 ^b	
Diversos	"	1042 — 1068	26 ^b	40
Ordens do Tesouro	1830	1 — 58	27	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Processo relativo a uma rendosa venda de aguardente	1830	59 — 61	27	40
Diversos ministerios	"	62 — 78	27	
Orçamentos diversos	"	79 — 88	27	
Officios ao Escrivão da Junta	"	89 — 260	27	
Trem de Guerra	"	261 — 277	27	
Diversos requerimentos	"	278 — 290	27	
Representações e Informações á Junta	"	291 — 334	27	
Ouvidor e Procurador da Corôa.....	"	335 — 367	27	
Representação e Informações diversas	"	368 — 417	27	
Almoxarifado do Rio Grande	"	418 — 475	27	
Officios do Governo ao Intendente de Marinha	"	476 — 541	27	
Alfandega de Porto Alegre	"	542 — 560	27	
Almoxarifado do Rio Pardo	"	561 — 573	27	
Alfandega do Rio Grande	"	574 — 633	27	
Trem de Guerra Officios	"	634 — 671	27	
Mesa Fiscal do Norte	"	672 — 736	27	
Diversos papeis, cópias etc.	1830	737 — 835	27 ^a	41
Alfandega de Porto Alegre	"	836 — 891	27 ^a	
Representações da Intendencia de Marinha	"	892 — 905	27 ^a	
Officios á Presidencia	"	906 — 909	27 ^a	
Diversas informações estatísticas ...	"	910 — 923	27 ^a	
Diversos officios e portarias ao Intendente de Marinha	"	924 — 1019	27 ^a	
Officios de diversos officiais da Armada ao Intendente de Marinha.....	"	1020 — 1057	27 ^a	
Officios ao Intendente de Marinha....	"	1058 — 1111	27 ^a	
Officios do Quartel General	"	1112 — 1147	27 ^a	
Almoxarifado do Rio Grande	"	1148 — 1164	27 ^a	
Requerimentos (Janeiro)	"	1165 — 1184	27 ^a	
" (Fevereiro)	"	1185 — 1204	27 ^a	
" (Março)	"	1205 — 1220	27 ^a	
" (Abril)	"	1221 — 1229	27 ^a	
" (Maio)	"	1230 — 1243	27 ^a	
" (Junho)	"	1244 — 1258	27 ^a	
" (Julho)	"	1259 — 1270	27 ^a	
" (Agosto)	"	1271 — 1286	27 ^a	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Requerimentos (Setembro)	1830	1287 — 1296	27 ^a	41
” (Outubro)	”	1297 — 1308	27 ^a	
” (Novembro)	”	1309 — 1316	27 ^a	
” (Dezembro)	”	1317 — 1326	27 ^a	
Diversos	1831	1 — 60	28	42
Portarias do Governo	”	61 — 83	28	
Offícios ao Escrivão da Junta	”	84 — 124	28	
Alfandega do Rio Grande (Offícios ao Escrivão da Junta)	”	125 — 219	28	
Alfandega de Porto Alegre (Offícios á Junta)	”	220 — 275	28	
Alfandega do Norte (Offícios á Junta)	”	276 — 333	28	
Offícios ao Escrivão da Junta	”	334 — 525	28	
Ordens Presidenciais	”	526 — 745	28	43
Offícios ao Intendnte da Marinha...	1831	746 — 773	28 ^a	
Camara Municipais (Representações e informações)	”	774 — 792	28 ^a	
Orçamentos de despesas	”	793 — 804	28 ^a	
Atestados e certificados	”	805 — 814	28 ^a	
Diversos termos de exames	”	815 — 819	28 ^a	
Almoxarifado do Rio Grande	”	820 — —	28 ^a	
Sobre divida publica	”	821 — 824	28 ^a	
Ordens do Tesouro	”	825 — 834	28 ^a	
Diversos ministerios	”	835 — 849	28 ^a	
Representações e informações á Junta	”	850 — 1050	28 ^a	
Requerimentos diversos	”	1051 — 1161	28 ^a	44
Requerimentos á Junta	”	1162 — 1190	28 ^a	
Almoxarifados	1832	1 — 8	29	
Mesa fiscal do noster	”	9 — 61	29	
Arrecadação dos direitos do Ouro e offícios ao escrivão tesoureiro e re- presentação á Junta	”	62 — 85	29	
Alfandega do Rio Grande. Offícios ao Escrivão da Junta	”	86 — 196	29	
Alfandega de S. Borja. Offícios ao Es- crivão da Junta	”	197 — 231	29	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Alfandega de Porto Alegre. Offícios ao				
Escrivão da Junta	1832	232 — 281	29	44
Diversos	"	282 — 377	29	
Requerimentos ao Presidente	"	378 — 411	29	
Requerimentos	"	412 — 584	29	
Offícios de diversas juntas	1832	585 — 623	29 ^a	45
Diversos	"	624 — 652	29 ^a	
Offícios ao Presidente	"	653 — 664	29 ^a	
Certidões do ponto	"	665 — —	29 ^a	
Informações do Escrivão da Junta, Contador e outros empregados da mesma	"	666 — 682	29 ^a	
Coletoria do Cerrito	"	683 — 697	29 ^a	
Coletoria da Cachoeira	"	698 — 717	29 ^a	
Arrecadação de direitos alfandega- rios	"	718 — 773	29 ^a	
Mesa de Rendas de Alegrete	"	774 — 830	29 ^a	
Coletoria de Porto Alegre	"	831 — 863	29 ^a	
Portarias da Presidencia e da Junta..	"	864 — 875	29 ^a	
Atestado e certificados	"	876 — 897	29 ^a	
Coletoria de S. Vitoria	"	898 — 905	29 ^a	
Coletoria de S. José do Norte.....	"	906 — 910	29 ^a	
" " S. Antonio	"	911 — 918	29 ^a	
" " Triunfo	"	919 — 928	29 ^a	
" " Pelotas	"	929 — 964	29 ^a	
" " Rio Pardo	"	965 — 977	29 ^a	
Mesa de Rendas de Bagé	"	978 — 1020	29 ^a	
Ordens do dia	"	1021 — 1031	29 ^a	
Diversos Ministerios	"	1032 — 1056	29 ^a	
Mesa de Rendas do Rio Grande	"	1057 — 1110	29 ^a	
Portarias da Presidencia	"	1111 — 1319	29 ^a	
Procurações	1832a			46
	1833	1320 — 2007	29 ^b	
Diversos	1833	2008 — 2104	29 ^c	47
Offícios de Caçapava	"	2105 — 2116	29 ^c	
Offícios dos procuradores fiscaes.....	"	2117 — 2142	29 ^c	
Offícios de Camaras Municipais	"	2143 — 2169	29 ^c	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Informações da Contadoria	1833	2170 — 2190	29 ^e	47
Ofícios de Juizes de Fôra	"	2191 — 2223	29 ^e	
Ofícios do Rio Grande e Viamão	"	2224 — 2239	29 ^e	
Ofícios (Pelotas)	"	2240 — 2268	29 ^e	
Ofícios (Cerrito)	"	2269 — 2299	29 ^e	
Ofícios (Rio Pardo)	"	2300 — 2342	29 ^e	
Ofícios (Porto Alegre)	"	2343 — 2362	29 ^e	
Ofícios (Cachoeira)	"	2363 — 2395	29 ^e	
Diversos	"	2396 — 2420	29 ^e	
Ofícios (Bagé)	"	2421 — 2445	29 ^e	
Ofícios (Triunfo)	"	2446 — 2474	29 ^e	
Ofícios (Ofícios S. Borja)	"	2475 — 2499	29 ^e	
Ofícios (S. José do Norte)	"	2500 — 2501	29 ^e	
Ofícios (Chuí, S. Vitoria)	"	2502 — 2515	29 ^e	
Ofícios (S. Antonio)	"	2516 — 2533	29 ^e	
Ofícios (Alegrete)	"	2534 — 2552	29 ^e	
Requerimentos ao Presidente	1833	2553 — 2565	29 ^d	48
Diversos ministerios	"	2566 — 2587	29 ^d	
Requerimentos (Janeiro)	"	2588 — 2617	29 ^d	
" (Fevereiro)	"	2618 — 2636	29 ^d	
" (Março)	"	2637 — 2670	29 ^d	
" (Abril)	"	2671 — 2717	29 ^d	
" (Maio)	"	2718 — 2754	29 ^d	
" (Junho)	"	2755 — 2780	29 ^d	
" (Julho)	"	2781 — 2820	29 ^d	
" (Agosto)	"	2821 — 2850	29 ^d	
" (Setembro)	"	2851 — 2880	29 ^d	
" (Outubro)	"	2881 — 2916	29 ^d	
" (Novembro)	"	2917 — 2948	29 ^d	
" (Dezembro)	"	2949 — 3199	29 ^d	
INSPETORIA DE FAZENDA				
Despesa militar extraordinaria.....	1834	1 — —	1	49
" " praças avulsas	"	2 — 3	1	
" " diversos	"	4 — —	3	
" " Arsenal de Guerra.	"	5 — —	1	
" " 8.º de Caçadores..	"	6 — —	1	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Despesa militar 4.º Corpo de cavalaria	1834	7 — —	1	49
" " Estado Maior	"	8 — —	1	
" " Of. 2.ª linha.....	"	9 — —	1	
Mesa de Rendas de Porto Alegre....	"	10 — 59	1	
Offícios do Inspetor	"	60 — 72	1	
Mesa fiscal do norte	"	73 — 108	1	
Mesa de Rendas de S José do Norte	"	109 — 147	1	
Despesa militar (janeiro)	"	148 — 195	1	
Diversos ministerios	"	196 — 245	1	
Despesa militar (Agosto).....	"	246 — 278	1	
" " (Julho)	"	279 — 322	1	
" " (Junho)	"	323 — 377	1	
" " (Maio)	"	378 — 413	1	
" " (Abril)	"	414 — —	1	
Despesa militar (Março)	1834	415 — 450	1ª	50
" " (Fevereiro)	"	451 — 483	1ª	
" " (Dezembro)	"	484 — 539	1ª	
" " (Novembro)	"	540 — 546	1ª	
" " (Setembro)	"	547 — 555	1ª	
" " (Outubro)	"	556 — 571	1ª	
Offícios (Camaras Municipais)	"	572 — 589	1ª	
Cópias diversas	"	590 — 621	1ª	
Diversos recibos	"	622 — 665	1ª	
Juizes de Orfãos (offícios)	"	666 — 667	1ª	
Provisões de diversos ministerios ..	"	668 — 688	1ª	
Representações e informações	"	689 — 705	1ª	
Offícios (procuradores fiscaes)	"	706 — 738	1ª	
Offícios ao Inspetor	"	739 — 780	1ª	51
Despesa militar (Pagadoria)	"	781 — 782	1ª	
Offícios (Juizes de Paz)	"	783 — 816	1ª	
Despesa militar (reformados)	"	817 — —	1ª	
Diversos	"	818 — 908	1ª	
Almoxarifado	"	909 — 963	1ª	
Offícios (Alfandega de Porto Alegre)	"	964 — 1021	1ª	
Mesa de Rendas do Rio Grande.....	"	1022 — 1046	1ª	
Offícios (Alfandega do Rio Grande...	"	1047 — 1150	1ª	
Offícios (S Borja)	1834	1151 — 1191	1ª	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Ofícios (Cerrito e Jaguarão)	1834	1192 — 1213	1 ^b	51
Ofícios (Bagé)	"	1214 — 1227	1 ^b	
Requerimentos diversos	"	1228 — 1233	1 ^b	
" "	"	1234 — 1236	1 ^b	
" "	"	1237 — 1250	1 ^b	
Ofícios (Pelotas)	"	1251 — 1279	1 ^b	
" (Piratini)	"	1280 — 1282	1 ^b	
" (Caçapava)	"	1283 — 1315	1 ^b	
" (Rio Grande)	"	1316 — 1322	1 ^b	
" (S. José do Norte)	"	1323 — 1338	1 ^b	
" (Cachoeira)	"	1339 — 1378	1 ^b	
" (Viamão)	"	1379 — 1398	1 ^b	
" (S Antonio)	"	1399 — 1411	1 ^b	
Requerimentos diversos	"	1412 — 1418	1 ^b	
Ofícios (Porto Alegre)	"	1419 — 1432	1 ^b	
" (S. Vitoria)	"	1433 — 1447	1 ^b	
" (Triunfo)	"	1448 — 1469	1 ^b	
" (Alegrete)	"	1470 — 1492	1 ^b	
" (Rio Pardo)	"	1493 — 1549	1 ^b	
Requerimentos diversos	"	1550 — 1565	1 ^b	
" "	"	1566 — 1604	1 ^b	
" "	"	1605 — 1645	1 ^b	
" "	"	1646 — 1652	1 ^b	
" "	"	1653 — 1672	1 ^b	
" "	"	1673 — 1680	1 ^b	
" "	"	1681 — 1755	1 ^b	
Requerimentos a diversas autoridades	1835	1 — 25	2	52
Requerimentos á Presidencia	"	26 — 93	2	
" " "	"	94 — 111	2	
" " "	"	112 — 125	2	
" " "	"	126 — 140	2	
" " "	"	141 — 150	2	
" " "	"	151 — 202	2	
" " "	"	203 — 224	2	
" " "	"	225 — 275	2	
" " "	"	276 — 313	2	
" " "	"	314 — 481	2	
Diversos	"	482 — 572	2	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios da Presidencia (Setembro) ..	1835	573 — 599	2	52
" " " (Agosto)	"	600 — 650	2	
" " " (Julho)	"	651 — 703	2	
" " " (Junho)	"	704 — 737	2	
" " " (Maio)	"	738 — 775	2	
" " " (Abril)	"	776 — 806	2	
Offícios da Presidencia (Março)	1835	807 — 849	2 ^a	53
" " " (Fevereiro) .	"	850 — 898	2 ^a	
" " " (Janeiro) ...	"	899 — 957	2 ^a	
Juizados de paz	"	958 — 979	2 ^a	
Obras da Alfandega do Rio Grande.	"	980 — 988	2 ^a	
Diversas cópias	"	989 — 1049	2 ^a	
Terrenos de Marinha	"	1050 — 1060	2 ^a	
Inspeção das alfandegas	"	1061 — 1085	2 ^a	
Troco de cobre por cédulas	"	1086 — 1172	2 ^a	
Correio (ofícios)	"	1173 — 1189	2 ^a	
Offícios da Contadoria	"	1190 — 1214	2 ^a	
Camaras Municipais (Offícios)	"	1215 — 1234	2 ^a	
Iluminação de Porto Alegre	"	1235 — 1239	2 ^a	
Escolas de primeiras letras	"	1240 — 1254	2 ^a	
Diversos ministerios	"	1255 — 1292	2 ^a	
Offícios, certidões, mapas, relações ..	"	1293 — 1330	2 ^a	
Movimento de coletorias	"	1331 — 1650	2 ^a	
Alfandega do Rio Grande	1836	1 — 53	3	54
Diversas rendas (Porto Alegre)....	"	54 — 87	3	
Coletorias	"	88 — 155	3	
Alfandega de Porto Alegre	"	156 — 223	3	
Requerimentos ao General Chagas ..	"	224 — 232	3	
Requerimentos ao Presidente	"	233 — 261	3	
Alfandega de S. José do Norte.....	"	262 — 269	3	
Diversas rendas (Rio Grande)	"	270 — 281	3	
" " (S. José do Norte) .	"	282 — 300	3	
Requerimentos á Presidencia	"	301 — 316	3	
Offícios da Presidencia (Dezembro) ..	"	317 — 378	3	
" " " (Novembro) .	"	379 — 413	3	
" " " (Julho e	"			
" " " Agosto)	"	414 — 439	3	
" " " (Setembro) .	"	440 — 462	3	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios da Presidencia (Outubro)...	1836	463 — 490	3	54
Diversos ministerios	"	491 — 508	3	
Requerimentos ao Inspetor da Fa- zenda	"	509 — 600	3	
Diversas cópias e documentos	1837	1 — 16	4	55
Offícios da Contadoria ao Inspetor da Tesouraria	"	17 — 128	4	
Pagadoria do Rio Grande	"	129 — 172	4	
Mesa de Rendas de Porto Alegre....	"	173 — 177	4	
Alfandega do Rio Grande	"	178 — 268	4	
Offícios á Contadoria	"	269 — 663	4	
Requerimentos ao Inspetor	1837	664 — 743	4 ^a	56
Diversos ministerios	"	744 — 815	4 ^a	
Requerimentos diversos	"	816 — 841	4 ^a	
Requerimentos ao Presidente	"	842 — 856	4 ^a	
" " "	"	857 — 886	4 ^a	
" " "	"	887 — 931	4 ^a	
" " "	"	932 — 947	4 ^a	
" " "	"	948 — 959	4 ^a	
" " "	"	960 — 971	4 ^a	
Alfandega de Porto Alegre	"	972 — 1080	4 ^a	
Offícios das coletorias	"	1081 — 1174	4 ^a	57
Offícios do Presidente ao Inspetor da Fazenda em:				
Janeiro	1837	1175 — 1289	4 ^b	
Fevereiro	"	1290 — 1385	4 ^b	
Março	"	1386 — 1461	4 ^b	
Abril	"	1462 — 1542	4 ^b	
Maió	"	1543 — 1579	4 ^b	
Junho	"	1580 — 1645	4 ^b	
Julho	"	1646 — 1703	4 ^b	
Agosto	"	1704 — 1747	4 ^b	
Setembro	"	1748 — 1792	4 ^b	
Outubro	"	1793 — 1858	4 ^b	
Novembro	"	1859 — 1939	4 ^b	
Dezembro	"	1940 — 1980	4 ^b	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Ofícios	1837	1981 — 1982	4 ^b	57
Ofícios e portarias	"	1983 — 2286	4 ^b	
Relações de mostra da Guarda Nacional	1838	1 — 76	5	
Guias de vencimentos	"	77 — 155	5	58
Diversos	"	156 — 237	5	
Ofícios á Contadoria	"	238 — 396	5	
Diversos	"	397 — 504	5	
Alfandega do Rio Grande	1838	505 — 588	5 ^a	59
Requerimentos ao Inspetor	"	589 — 660	5 ^a	
Alfandega de Porto Alegre	"	661 — 741	5 ^a	
Coletorias	"	742 — 770	5 ^a	
Requerimentos ao Presidente	"	771 — 774	5 ^a	
Alfandega de S. José do Norte.....	"	775 — 785	5 ^a	
Diversos ministeriis	"	786 — 827	5 ^a	
Ofícios ao Inspetor (Dezembro).....	"	828 — 866	5 ^a	
" " " (Novembro)	"	867 — 892	5 ^a	
" " " (Outubro)	"	893 — 922	5 ^a	
" " " (Setembro)	"	923 — 954	5 ^a	
" " " (Agosto)	"	955 — 989	5 ^a	
" " " (Julho)	"	990 — 1023	5 ^a	
" " " (Junho)	"	1024 — 1038	5 ^a	
" " " (Maio)	"	1039 — 1066	5 ^a	
" " " (Abril)	"	1067 — 1105	5 ^a	
" " " (Março)	"	1106 — 1135	5 ^a	
" " " (Fevereiro)	"	1136 — 1179	5 ^a	
" " " (Janeiro)	"	1180 — 1209	5 ^a	
Guias de vencimentos	1839	1 — 101	6	60
Alfandega do Rio Grande	"	102 — 127	6	
Diversos ministerios	"	128 — 159	6	
Requerimentos á Presidencia	"	160 — 165	6	
Ofícios diversos	"	166 — 167	6	
Comissão da Tesouraria na cidade do Rio Grande	"	168 — 218	6	
Requerimentos	"	219 — 301	6	
Ordens da Presidencia (Janeiro)....	"	302 — 319	6	
" " " (Fevereiro) .	"	320 — 346	6	
" " " (Março)	"	347 — 378	6	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Ordens de Presidencias (Abril)	1839	379 — 414	6	60
" " " (Maio)	"	415 — 427	6	
" " " (Junho)	"	428 — 452	6	
" " " (Julho)	"	453 — 488	6	
" " " (Agosto) ...	"	489 — 520	6	
" " " (Setembro) .	"	521 — 573	6	
" " " (Outubro) ..	"	574 — 617	6	
" " " (Novembro) .	"	618 — 641	6	
" " " (Dezembro) .	"	642 — 671	6	
Alfandega de Porto Alegre	1839	672 — 748	6 ^a	61
Pagadoria do Rio Grande	"	749 — 815	6 ^a	
Alfandega de S. José do Norte.....	"	816 — 820	6 ^a	
Coletoria	"	821 — 852	6 ^a	
Officios da Presidencia	"	853 — 1275	6 ^a	
Contadoria	"	1276 — 1379	6 ^a	
Officios do Inspetor ao contador	"	1380 — 1570	6 ^a	
Officios do Inspetor ao Tesoureiro...	"	1571 — 1575	6 ^a	
Diversos	"	1576 — 1722	6 ^a	
Diversos	1840	1 — 61	7	62
Officios diversos	"	62 — 146	7	
Officios ao Contador	"	147 — 323	7	
Requerimentos ao Presidente	"	324 — 332	7	
Diversos ministerios	"	333 — 353	7	
Diversos ministerios	"	354 — 845	7	
Alfandega de Porto Alegre	"	846 — 912	7	
Diversos officios	"	913 — 1076	7	
Coletorias	"	1077 — 1115	7	63
Alfandega do Rio Grande e S. José do Norte	"	1116 — 1189	7	
Contadoria ao Inspetor	"	1190 — 1311	7	
Requerimentos ao Inspetor	"	1312 — 1364	7	
Guias de vencimentos	"	1365 — 1464	7	
Relações de mostra	1840	1465 — 1603	7 ^a	
Diversos ministerios	1841	1 — 30	8	
Diversos requerimentos	"	31 — 153	8	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Offícios do Inspetor aos arsenais de Marinha	1841	154 — 198	8	64
Offícios da Contadoria	"	199 — 273	8	
Offícios diversos	"	274 — 398	8	
" "	"	399 — 409	8	
" "	"	410 — 434	8	
Offícios do Inspetor ao Contador.....	"	435 — 582	8	
Offícios ao Inspetor	"	583 — 656	8	65
Coletorias	1841	657 — 723	8 ^a	
Alfandega do Rio Grande e Vila do Norte	"	724 — 844	8 ^a	
Offícios da Presidencia	"	845 — 1357	8 ^a	
Diversos ministerios	1842	1 — 17	9	66
Coletorias	"	18 — 157	9	
Contadoria	"	158 — 240	9	
Offícios do Inspetor de Marinha.....	"	241 — 280	9	
Offícios diversos	"	281 — 294	9	
Offícios e portarias do Inspetor.....	"	295 — 495	9	
Diversos officios	"	496 — 665	9	
Diversos requerimentos	"	666 — 837	9	
Alfandegas do Rio Grande e S. José do Norte	1842	838 — 942	9 ^a	67
Alfandega de Porto Alegre	"	943 — 1005	9 ^a	
Offícios da Presidencia	"	1006 — 1531	9 ^a	
Procurações	"	1532 — 1939	9 ^a	
Caixa Militar (Offícios)	1843	1 — 42	10	68
Alfandega de S. José do Norte.....	"	43 — 53	10	
Alfandega de Porto Alegre	"	54 — 108	10	
Offícios ao Inspetor	"	109 — 255	10	
Offícios do Inspetor	"	256 — 447	10	
Requerimentos	"	448 — 900	10	
Offícios da Contadoria	1843	901 — 997	10 ^a	69
Coletorias	"	998 — 1130	10 ^a	
Offícios diversos	"	1131 — 1179	10 ^a	
Requerimentos ao Presidente	"	1180 — 1249	10 ^a	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Diversos ministerios	1843	1250 — 1278	10 ^a	69
Officios	"	1277 — 1832	10 ^a	
Diversos ministerios	1844	1 — 23	11	70
Officios diversos	"	24 — 58	11	
Coletorias	"	59 — 135	11	
Officios ao Inspetor	"	136 — 370	11	
Officios diversos	"	371 — 738	11	
Requerimentos ao Inspetor	"	739 — 1163	11	
Papeis diversos	"	1164 — 1207	11	
Inspetor, requerimentos	1844	1208 — —	11 ^a	71
Requerimento ao Inspetor	"	1209 — —	11 ^a	
Requerimentos ao Tesouro	"	1210 — 1247	11 ^a	
Officios da Contadoria	"	1248 — 1304	11 ^a	
Ordens do Tesouro	"	1305 — 1529	11 ^a	
Requerimentos ao Inspetor	"	1530 — 1745	11 ^a	
Officios diversos	"	1746 — 2038	11 ^a	
Coletorias	"	2039 — 2244	11 ^a	72
Officios diversos	1845	1 — 13	12	
Relações do Hospital Militar	"	14 — 20	12	
Assuntos atinentes á Caixa Militar	"	21 — 54	12	
Alfandegas de Porto Alegre e outras	"	55 — 252	12	
Requerimentos ao Inspetor	"	253 — 312	12	
" " "	"	313 — 350	12	
" " "	"	351 — 438	12	
" " "	"	439 — 499	12	73
" " "	"	500 — 531	12	
" " "	"	532 — 688	12	
Coletorias	1845	689 — 1067	12 ^a	
Procurações	"	1068 — 1470	12 ^a	74
Ordens particulares	1846	1 — 197	13	
" "	"	198 — 486	13	
Requerimentos ao Inspetor	"	487 — 756	13	75
Diversos ministerios	1846	757 — 825	13 ^a	
Diversos requerimentos	"	826 — 1013	13 ^a	
Officios do Governo ao Inspetor.....	"	1014 — 1674	13 ^a	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Requerimentos ao Presidente	1846	1675 — 1726	13 ^a	76
Diversos officios	"	1727 — 2058	13 ^a	
Coletorias	"	2059 — 2357	13 ^a	
Officios ao Inspetor	1847	1 — 479	14	77
Officios diversos	"	480 — 600	14	
Requerimentos ao Inspetor	"	601 — 686	14	
Officios diversos	"	687 — 750	14	
Portarias á Presidencia	1847	751 — 1006	14 ^a	78
Officios ao Inspetor	"	1007 — 1077	14 ^a	
Alfandegas e recebedorias	"	1078 — 1170	14 ^a	
Coletorias	"	1171 — 1554	14 ^a	
Contadorias	1847	1555 — 1813	14 ^b	79
Prcourações	"	1814 — 2474	14 ^b	
Officios ao Inspetor	1848	1 — 99	15	80
Officios e requerimentos diversos ...	"	100 — 360	15	
Coletorias	"	361 — 712	15	
Officios diversos	"	713 — 732	15	
Requerimentos ao Presidente	"	733 — 750	15	
Diversos ministerios	"	751 — 763	15	
Ordens da Tesouraria a Contadoria	"	764 — 822	15	
" " " " "	"	823 — 857	15	
" " " " "	"	858 — 870	15	
Ordens da Tesouraria	"	871 — 900	15	
" " " " "	"	901 — 940	15	
Ordens da Tesouraria a Contadoria	1848	941 — 972	15 ^a	81
" " " " "	"	973 — 1016	15 ^a	
" " " " "	"	1017 — 1042	15 ^a	
" " " " "	"	1043 — 1071	15 ^a	
" " " " "	"	1072 — 1148	15 ^a	
" " " " "	"	1149 — 1180	15 ^a	
" " " " "	"	1181 — 1258	15 ^a	
Requerimentos ao Inspetor	"	1259 — 1915	15 ^a	
Alfandega de Uruguaiana e Recebedoria de S. Borja	"	1916 — 1975	15 ^a	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Guias da Provincia da Baía	1849	1 — 3	16	82
Guias da Provincia de Pernambuco..	"	4 — 14	16	
Officios ao Inspetor (Janeiro).....	"	15 — 43	16	
" " " (Fevereiro) ...	"	44 — 69	16	
" " " (Março)	"	70 — 120	16	
" " " (Abril)	"	121 — 135	16	
" " " (Maio)	"	136 — 160	16	
" " " (Junho)	"	161 — 178	16	
" " " (Julho)	"	179 — 180	16	
" " " (Agosto)	"	181 — 189	16	
" " " (Setembro) ...	"	190 — 192	16	
" " " (Outubro)	"	193 — 198	16	
" " " (Novembro) ..	"	199 — 206	16	
" " " (Dezembro) ..	"	207 — 219	16	
Guias da Provincia de S. Paulo.....	"	220 — 221	16	83
Guias da Provincia de S. Catarina ..	"	222 — 224	16	
Guias da Pagadoria das tropas da Côrte	"	225 — 266	16	
Alfandegas de Uruguaiana (Recebedo- rias de S. Borja e Itaqui).....	"	267 — 423	16	
Relações de mostra do Esquadrão do Rio Pardo	"	424 — 444	16	
Relações de mostra	"	445 — 470	16	
Officios ao Inspetor	"	471 — 616	16	
Requerimentos ao Inspetor	1849	617 — 722	16 ^a	
Recebedoria	"	723 — 792	16 ^a	
Guias diversas	"	793 — 871	16 ^a	
Coletorias	"	872 — 1272	16 ^a	
Requerimentos ao Inspetor	"	1273 — 1384	16 ^a	
Officios diversos	1849	1385 — 1401	16 ^b	84
Ordens da Tesouraria (Janeiro)....	"	1402 — 1475	16 ^b	
" " " (Fevereiro) ..	"	1475 — 1564	16 ^b	
Ordens da Tesouraria á Contadoria:				
Março	"	1565 — 1643	16 ^b	
Abril	"	1644 — 1694	16 ^b	
Maio	"	1695 — 1797	16 ^b	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Junho	1849	1798 — 1878	16 ^b	84
Julho	"	1879 — 1988	16 ^b	
Agosto	"	1989 — 2078	16 ^b	
Setembro	"	2079 — 2164	16 ^b	
Outubro	"	2165 — 2241	16 ^b	
Novembro	"	2242 — 2328	16 ^b	
Dezembro	"	2329 — 2412	16 ^b	
Diversos ministerios	"	2413 — 2457	16 ^b	
Officios da Contadoria	"	2458 — 2538	16 ^b	
Officios ao Inspetor (Catalogação suplementar)	"	2539 — 2693	16 ^b	
Relações de mostra	1850	1 — 29	17	85
Officios diversos	"	30 — 39	17	
Officios ao Inspetor	"	40 — 182	17	
Guias da Pagadoria da Côte	"	183 — 247	17	
Guias da Provincia de S. Catarina	"	248 — 253	17	
" " " " S. Paulo .	"	254 — 255	17	
" " " " Baía	"	256 — 259	17	
" " " " Ceará	"	260 — 261	17	
" " " " Maranhão .	"	262 — 265	17	
" " " " Pará	"	266 — 276	17	
" " " " Pernambuco	"	277 — 281	17	
Procurações	"	282 — 544	17	86
Officios a Pagadoria (Catalogação suplementar)	"	545 — 585	17	
Atestados e declarações	1851	1 — 29	18	
Ordens da Presidencia	"	30 — 193	18	
Officios ao Inspetor	"	194 — 399	18	
Ordens da Presidencia	"	400 — 574	18	
" " " "	"	575 — 706	18	
" " " "	"	707 — 804	18	
" " " "	"	805 — 899	18	
Declarações diversas	1851	900 — 940	18 ^a	87
Officios diversos	"	941 — 979	18 ^a	
Guias de pagamento	"	980 — 1065	18 ^a	
Requerimentos ao Presidente	"	1066 — 1127	18 ^a	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Procurações (Janeiro)	1851	1128 — 1145	18 ^a	87
" (Fevereiro)	"	1146 — 1163	18 ^a	
" (Março)	"	1164 — 1182	18 ^a	
" (Abril)	"	1183 — 1192	18 ^a	
" (Maio)	"	1193 — 1213	18 ^a	
" (Junho)	"	1214 — 1233	18 ^a	
" (Julho)	"	1234 — 1347	18 ^a	
" (Agosto)	"	1348 — 1401	18 ^a	
" (Setembro)	"	1402 — 1445	18 ^a	
" (Outubro)	"	1446 — 1470	18 ^a	
" (Novembro)	"	1471 — 1487	18 ^a	
" (Dezembro)	"	1488 — 1505	18 ^a	
Ofícios do encarregado de pagamentos no sul e norte da Província:				
Janeiro	"	1506 — 1529	18 ^a	87
Fevereiro	"	1530 — 1552	18 ^a	
Março	"	1553 — 1561	18 ^a	
Abril	"	1562 — 1583	18 ^a	
Maio	"	1584 — 1609	18 ^a	
Junho	"	1610 — 1617	18 ^a	
Julho	"	1618 — 1631	18 ^a	
Agosto	"	1632 — 1640	18 ^a	
Setembro	"	1641 — 1653	18 ^a	
Outubro	"	1654 — 1667	18 ^a	
Novembro	"	1668 — 1677	18 ^a	
Dezembro	"	1678 — 1683	18 ^a	
Relações de mostra	"	1684 — 1787	18 ^a	88
Guias diversas	"	1788 — 1908	18 ^a	
Guias da Côte	"	1909 — —	18 ^a	
Despachos marítimos	"	1910 — 1935	18 ^a	
Manifestos	"	1936 — 2059	18 ^a	
Pauta dos generos	1851	2060 — 2065	18 ^b	
Despachos de exportação	"	2066 — 2246	18 ^b	
Rendimentos do sêlo	"	2247 — 2381	18 ^b	
Decreto n.º 777, Abril	"	2382 — 2383	18 ^b	
Relações de mostra	"	2384 — 2797	18 ^b	
Ofícios a Pagadoria (Catalogação su- plementar)	"	2798 — 2874	18 ^b	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Ordens e officios dirigidos á Pagadoria em campanha	1852	1 — 50	19	89
Officios dos encarregados do pagamento	"	51 — 76	19	
Officios diversos	"	77 — 155	19	
Requerimentos ao Inspetor	"	156 — 316	19	
Ordens da Presidencia (Janeiro a Dezembro)	"	317 — 743	19	
Diversos requerimentos e Guias	"	744 — 942	19	
Procurações	"	943 — 1146	19	
Despachos maritimos	"	1147 — 1162	19	
Pauta dos generos	"	1163 — 1168	19	
Manifestos (Janeiro a Junho)	"	1169 — 1286	19	
Rendimento do selo (Janeiro a junho)	"	1287 — 1415	19	
Despachos de exportação	"	1416 — 1551	19	
Relações de mostra (Janeiro a Dezembro)	"	1552 — 1592	19	
Guias da Pagadoria	"	1593 — 1662	19	
Officios a Pagadoria (Catalogação suplementar)	"	1663 — 1691	19	
Relações de mostra	"	1692 — 1698	19	
Officios da Tesouraria (Catalogação suplementar)	"	1699 — 1705	19	
Officios diversos	1853	1 — 69	20	90
Requerimentos ao Inspetor	"	70 — 121	20	
Pagadorias de S. Gabriel, Rio Grande, Rio Pardo, Bagé e Porto Alegre..	"	122 — 170	20	
Officios do encarregado de Pagamentos em S. Gabriel	"	171 — 207	20	
Pagadoria do Rio Grande	"	208 — 291	20	
Requerimentos á Pagadoria	"	292 — 378	20	
Ordens da Presidencia	"	379 — 397	20	
Procurações (Janeiro a Dezembro)..	"	398 — 605	20	
Relações de mostra (Janeiro a Dezembro)	"	606 — 655	20	
Guias da pagadorias das tropas da Côte, Pará, Minas Gerais, S. Catarina e S. Paulo	"	656 — 707	20	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Requerimentos ao Inspetor	1854	1 — 8	21	
Ordens da Presidencia	"	9 — 28	21	
Offícios (Janeiro a Dezembro)	"	29 — 243	21	
Relações de mostra do Piquete do General André (Janeiro a Dezembro)	"	244 — 260	21	
Relações de mostra do 5.º Regimento de Invalidos e Recrutas (Janeiro a Dezembro)	"	261 — 306	21	
Procurações (Janeiro a Dezembro) ..	"	307 — 526	21	
Do Pagador da Comissão de limites ..	"	527 — 575	21	
Guias da Pagadoria, passadas pela Pagadoria da Côrte, Intendencia Fiscal, da Divisão em Montevidéo, da Fazenda da Provincia de S Catarina	"	576 — 637	21	
Requerimentos ao Presidente Luiz M. de Lima e Silva, Manoel Pereira Vargas, José Joaquim Candido de Macedo	"	638 — 779	21	
Requerimentos da Presidencia, Coronel Comandante da Guarda Nacional de Alegrete, David Canabarro	"	780 — 801	21	
Tte. Cel. Comte. Sup ^r . interino da Guarda Nacional de Caçapava, Manoel Ribeiro de Moraes	"	802 — 819	21	
Tte. Cel. da Guarda Nacional José dos Santos Jardim	"	820 — 823	21	
Comandante Superior da Guarda Nacional José Gomes Portinho	"	824 — 841	21	
Offícios sobre a organização da Guarda Nacional	"	842 — 852	21	
Cap. Rafael da Silva Machado	"	853 — 863	21	
Relações de officios de diversos Corpos da Guarda Nacional	"	864 — 879	21	
Conselhos de qualificação	"	880 — 919	21	
Conselhos de Revista da Guarda Nacional	"	920 — 946	21	
Comte. Supr. ^o da Guarda Nacional de Piratini, Manoel Lucas de Oliveira	"	947 — 979	21	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA
Tte Cel. Comte. do Corpo da Guarda Nacional das Dores, patricio Vieira Rodrigues	1854	980 — 985	21	91
Tte. Cel. da Guarda Nacional André Miguel dos Santos	"	986 — —	21	
Tte.. Cel. João Baptista de Oliveira Mello	"	987 — 1000	21	
Cel. Bibiano José da Fontoura.....	"	1001 — 1002	21	
Tte. Cel. José Manoel Correia	"	1003 — 1007	21	
Tte. Cel. Comandante do Corpo da Guarda Nacional de S. Gabriel, Domingos José Alvares da Cunha....	"	1008 — —	21	
Offícios do Presidente	1855	1 — 207	22	92
Guias da Côte e Provincia e Intendencia	"	208 — 277	22	
Relação de mostra do 2.º Corpo.....	"	278 — —	22	
Relação de mostra do 3.º Corpo.....	"	279 — —	22	
Relação de mostra da Destacamento..	"	280 — —	22	
Relações de mostra do 1.º Corpo	"	281 — —	22	
Relações de mostra do 4.º Regimento	"	282 — 292	22	
Comando Superior da G. Nacional...	"	293 — 340	22	
Comando Superior da G. (Rio Grande)	"	341 — 361	22	
Tte. da G. Nacional Manoel Francisco Moraes	"	362 — 386	22	
Cap. Rafael da Silva Machado	"	387 — 392	22	
Conselhos de quilificações G. N.	"	393 — 419	22	
Relações de mostra do 4.º Batalhão...	"	420 — —	22	
Relações de mostra do Corpo de Cavalaria	"	421 — —	22	
Comando Superior da Guarda Nacional	"	422 — 424	22	
Comando Superior da G. Nacional de Piratini	"	425 — 439	22	
Comando Superior da G. Nacional de Caçapava	"	440 — 472	22	
Ordens a Presidencia	"	473 — 476	22	
Diversos requerimentos	"	477 — 548	22	
Offícios diversos	"	549 — 621	22	

	ANO	DOCS.	MAÇO	CAIXA	
Relações de mostra (Corpos provisórios 3.º e 4.º de Piratini).....	1855	622 — —	22	92	
Relações de mostra das praças adidas a Companhia Alegrete	"	623 — 634	22		
Relações de mostra do Corpo Provisorio de Cruz Alta	"	635 — 641	22		
Relações de mostro do Corpo de G. Nacional de Quaraí e do destacamento	"	642 — —	22		
Relações de mostra do 3.º Batalhão da Guarda Nacional do Rio Grande	"	643 — 695	22		
Relações de mostra das praças do 2.º Corpo de Cavalaria da G. Nacional de Bagé					
Relações de mostra do 5.º Regimento de Cavalaria Ligeira					
Suplementar:	"	1 — 78	22		
Portarias e despachos (Janeiro a Dezembro)					
Offícios diversos	1856	1 — 14	23	93	
Comando Superior da G. Nacional de Jaguarão	"	15 — 75	23		
Declarações e atestados	"	76 — 175	23		
Guias diversas	"	176 — 375	23		
Portarias e despachos	"	376 — 536	23		
Declarações e atestados	1857	1 — 150	23		
Guias da Côte	"	151 — 259	23		
Guias diversas	"	260 — 269	23		
Portarias e despachos	"	270 — 488	23		
Offícios diversos	1858	1 — 27	23 ^a	94	
Guias da Côte	"	28 — 87	23 ^a		
Declarações das pagadorias	"	88 — 369	23 ^a		
Procurações	"	370 — 704	23 ^a		
Portarias e despachos	"	705 — 924	23 ^a		
Declarações e atestados	1859	1 — 137	23 ^a		
Portarias e despachos	"	138 — 139	23 ^a		
Procurações	"	140 — 368	23 ^a		

RECAPITULANDO:

N.º de documentos	71.289	
N.º de apensos	27.714	99.003.
N.º de caixas		94.

Secção do Arquivo Histórico, 31 de Julho de 1940.

Rivadavia Coelho

Prof. Adido

Olympio B. Gomes

Oficial adm.

Atravèz da Imprensa

As ambições políticas de D.^a Carlota Joaquina de Bourbon

Desde os tempos heroicos de D. Afonso Henriques, pugnando pela transformação do condado de Portugal em um reino amplo e poderoso, que os reis de Leão e Castela teimavam em manter o pequeno condado sob o jugo castelhano. Apesar de haver D. Afonso Hênriques fundado o reino de Portugal, em 1140, o reino de Castela jámais se conformou com a nova ordem de coisas. Daí a multi-secular luta entre esses dois poderosos reinos pela hegemonia política na península ibérica.

Por isso, as Casas Reais de Bourbon e Bragança, tradicionalmente rivais, difficilmente poderiam conciliar-se, sobretudo após a restauração, em 1640, por D. João IV, que logrou sacudir o jugo de Felipe IV.

Em 1790, parece que os responsáveis pelas duas poderosas Casas Reais sonharam com uma paz definitiva, unindo, pelo matrimónio, dois de seus mais jo-

vens rebentos: o príncipe Dom João, com 23 anos, e a infanta D. Carlota Joaquina, com quinze anos. Temperamentos diametralmente opostos, não poderiam combinar. Embora Dom João fosse filho de D. José I, não lhe herdou senão duas de suas qualidades — o bom senso e a generosidade — pois que a energia, o espirito de inovação e realização, o desprendimento político nada disso o príncipe conhecia. Muito pouco instruído, pois não se lhe cuidára da educação, por caber o trono a seu irmão, D. José, que, vindo a falecer, lhe transmitiu os direitos, mas reservado, de bons costumes, comodista, disciplinado, “teria dado, sem duvida, um excelente tipo de patriarca ou de cardinal” — como afirma Rocha Pombo (*História do Brasil*, vol. III, p. 259). A infanta D. Carlota, pelo contrario, era bem instruída e educada, mas ardente, irrequieta, indisciplinada e ambiciosa.

Passados os primeiros anos de ingresso na Córte de Lisboa, D. Carlota, possivelmente impelida pelas forças atávicas, viu em D. João não um esposo "fiel e amantíssimo", mas um rival político de facil domínio. E começou a trabalhar, primeiro, junto aos conselheiros do Príncipe Regente, depois, perante a realza e a nobreza e o clero, no sentido de conquistar o poder. Nem D. João, nem seus conselheiros, se deixaram influenciar pelas artimanhas da astuta princesa. Porém, o mesmo não aconteceu com os fidalgos, que aceitaram, sob promessas sedutoras, a participação na conjura, D. Carlota espalhou o boato de que D. João estava sofrendo do mesmo mal que afastara sua mãe, D. Maria I, do governo — psicopatia. Era mistér, assim, decretar-se-lhe a interdição, devendo a princesa assumir a Regencia. O príncipe todavia, descobriu a tempo a conspiração, fazendo-a abortar. Puniram-se com o desterro os culpados, escapando, apenas, a cabeça da conjura — D. Carlota Joaquina. O príncipe, temendo o poder do pai da princesa, Dom Carlos IV, e generoso, como era, puniu-a, somente, com a separação perpetua de leito. (Rocha Pombo, ob. cit., p. 260; D. José Presas, *Memórias secretas de D. Carlota Joaquina*, p. 172-173).

Frustrada a primeira tentativa de assalto ao poder, D. Carlota não desacoroçoou. Inteligente, energica e astuta, a princesa não desanimava em seus designios. Separada de leito, residindo no

Palacio de Queluz, enquanto o príncipe morava no Palacio de Mafra, ficava a princesa mais á vontade para agir.

A mudança da séde do governo metropolitano, de Lisboa para o Rio de Janeiro, em face da invasão napoleonica veio-lhe propiciar nova oportunidade para realizar seus intentos politicos, como tambem, e sobretudo, a prisão de Fernando VII e de seus dois irmãos, os infantes D. Carlos e D. Francisco de Paula, por Napoleão I. Acéfala, como estava a Corôa de Espanha, cabia á princesa infanta, segundo o direito de successão monarchico, a Regencia.

O negocio, desta vez, interessava, tambem, ao príncipe Dom João, pelas mesmas razões que impeliam D. Carlota Joaquina. Se esta aspirava á Regencia da Espanha, e, possivelmente, ao trono, na falta de seus irmãos, aquele sonhava com a união dos dois reinos na sua pessoa. Renascia, néles, a eterna luta pela hegemonia politica na Iberia.

D. João convocou o Conselho de Estado, que "resolveu lançar um manifesto apresentando aos espanhóis e a todo o Universo S. A. R. a Serenissima Infante de Espanha, dona Carlota Joaquina de Bourbon, como herdeira da corôa de Espanha na falta de seus irmãos" (D. José Presas, *Memorias secretas de D. Carlota Joaquina*, p. 31).

A princesa estava radiante. Os seus planos politicos iam ás mil maravilhas. O proprio príncipe concordara com éles.

Lançado o manifesto, aliás, re-

digido, em castelhano, por D. José Presas, a princesa tratou, logo — agora, por conta própria — de preparar o espirito de seus patricios americanos para, na primeira oportunidade, ir a Buenos Aires convocar as Côrtes, conforme “os usos e costumes da Espanha”. (Ob. cit., p. 32). Por isso, iniciou viva correspondência, em 1808, com as autoridades espanholas que administravam os domínios de Espanha, na América, no que era auxiliada pelo mesmo D. José Presas, elevado á categoria de “secretario particular” de D. Carlota Joaquina, com o assentimento do Príncipe Regente. As adesões aos desígnios da princesa cresciam dia a dia, e, com elas, a atividade da Sereníssima. Por este bilhete, dirigido a seu secretario particular, poderá avaliar-se: *“Presas — quero prontas as cartas para amanhã, para despacha-las por Cortés e Cerdán depois de amanhã, assim como ambas as cartas para eles, e também a de Abascal, para que eles a levem: a de Goyeneche deve ser bem redigida e ao mesmo tempo agra-decida para o bom exito de nosso negócio; as para eles devem ser honrosas e cheias de expressões que os obsequiem, assegurando-lhes que eu sempre os haverei de considerar como se fossem os primeiros dentre os espanhóis, que aqui vieram ter e como merecem, etc... e mande-me os nomes, porque não os sei, e também o posto; se são capitães ou tenentes, para escrever-lhes os endereços.”* (Ob. cit., p. 36-37).

O Príncipe Regente, que, para o Rio, viêra, sob a proteção da Inglaterra, tinha a seu lado dois representante de S. M. Britânica, o Almirante Sidney Smith e Lorde Strangford. Se o primeiro era simpático aos projetos de D. Carlota, o segundo os repelia: possivelmente manobras diplomáticas. O fato é que a princesa encontrou em Smith um sincero defensor de suas pretensões á regência de Espanha, e, em Strangford, exaltado adversário. Logicamente, Dom João teria de apegar-se a este, tratando com reservas áquele. E o príncipe dava tamanha atenção a Lorde Strangford que, por sua influencia, cassou a autorização dada a D. Carlota para ir a Buenos Aires convocar as Côrtes e assumir a regencia de Espanha. E’ bem verdade que outros fatores atuaram no entendimento do príncipe para tomar essa atitude, como lembra D. José Presas: as intrigas dos áulicos, que temiam a princesa, e o receio do príncipe, de uma segunda alta traição, por parte de D. Carlota, que não hesitaria em levantar um exercito, em Buenos Aires, para depôr D. João e faze-lo seu prisioneiro — fiel aos propositos hegemonicos de Castela. (Ob. cit., p. 41-42).

Não resta duvida de que, se D. Carlota alimentava esses desígnios de união dos dois reinos rivais, na sua pessoa. Dom João, à sua vez, não pensava de modo diverso, bastando lembrar que, em chegando ao Brasil, o seu primeiro cuidado foi cogitar da “anexação amigavel” das colonias americanas

ao reino de Portugal. (Alfredo Varella, *Duas grandes intrigas*, cap. II).

Frustrada mais essa tentativa de poderio e dominio, a princesa D. Carlota Joaquina de Bourbon não desanimou. Auxiliada por seu fiel secretario, prosseguiu nas negociações com as autoridades espanholas da America, orientando-as e auxiliando-as, chegando ao extremo de se desfazer de suas joias, que era o supremo amor de uma princesa, para melhor ampara-las. Tudo, porém, foi em vão. E acabou perdendo seus dois grandes companheiros de ideais: Smith e D. José Presas, o primeiro por haver regressado á Inglaterra, precisamente por sua ligação com D. Carlota, e o segundo por ter sido deportado — tudo mercê da atuação de Lorde Strangford, o inimigo fidalga da princesa, junto ao Príncipe Regente.

Obediente a seu temperamento irrequieto, sedicioso e cheio de animo, D. Carlota aproveita a deportação de Dom José Presas, para manda-lo á Espanha como seu enviado politico, afim de sondar, *in loco*, o pensamento do povo sobre as pretensões da princesa infanta. Apesar dos esforços de seu agente, não conseguiu D. Carlota realizar o seu acalentado sonho de reinar na Espanha e, quiçá, em Portugal. Vencido Napoleão, D. Fernando VII voltou ao trôno espanhol, e Dom João VI restabeleceu a séde do reino em Lisboa.

Não se pensa que isso apagou, para sempre, a chama de ambição, que ardia no peito de D. Carlota Joaquina. Não, com a volta de D.

João VI, deparou-se-lhe novo ensejo para pôr em prática seu plano de poderio e dominio. Ainda que pessoalmente, não pudesse mais exercer o mando, iria faze-lo através de seu filho predileto, D. Miguel.

Por isso, e bem a proposito, recusou-se, a Rainha Infanta, a Jurar a Constituição de Portugal, tendo sido, em consequencia, desterrada da Côte. Iniciou, desde logo, auxiliada por D. Miguel, rebelde e ambicioso como a mãe, as conspiratas contra o Rei D. João VI, conhecidas por “vilafrancada” e “abrilada”, com o objetivo de revogar a Constituição e restabelecer o absolutismo. A ultima, em 1824, levou o Rei a refugiar-se no navio *Windsor Castle*, tal a gravidade da situação, em virtude do que S. A. R. demitiu o infante sedicioso do comando do Exercito do Reino, fazendo-o percorrer a Europa em “viagem de instrução”.

A morte do Rei generoso deu ensanchas á rainha ambiciosa para, ainda uma vez, tentar a realização de seus designios de poderio e dominio, na pessoa de seu filho D. Miguel. Abdicando D. Pedro I do Brasil, a quem cabia a Corôa de Portugal, em favor de sua filha, D. Maria da Gloria, ainda menina, D. Miguel, animado por D. Carlota Joaquina, regressou a Portugal. Através de habeis manobras politicas, logrou “jurar” a Constituição, que, antes, rene-gára, e foi investido nas funções de Regente. Vencida a primeira etapa, e instigado pela mãe, obedecendo, tambem, a seu temperamento, igualmente, rebelde, autoritario e ambicioso, D. Miguel con-

vocou os três Estados, que, por insinuações do Regente, “convidaram-no a proclamar-se Rei absoluto” (D. José Presas. *Memorias secretas de D. Carlota Joaquina*, p. 215: nota do prefaciador).

Isso aconteceu em 7 de Julho de 1828, quando D. Carlota Joaquina viu, afinal, realizados os seus velhos propositos de instituir um regime absolutista na terra indomita do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Parece que, não podendo subjugar, como castelhana que era, a “brava gente lusa”, se conformou com insti-

tuir, através do filho, o seu espirito, um autentico “regime de terror”, em que daria evasão a seus recalcados sentimentos atávicos de rivalidade e despeito contra o povo do heroico Afonso Henriques.

Por fim, D. Carlota Joaquina, não tendo mais contra quem conspirar, mas impelida, ainda, por seu genio revolucionario, acabou conspirando contra a propria vida. Em 7 de Janeiro de 1830, “ingeriu arsenico num chá de diamba”. Mereceu apesar disso e do resto, um encomiastico “elogio funebre” de Frei João de S. Boaventura.

Paulino Jacques

(“Jornal do Brasil” — 14-VII-1940)

A elegancia do Conde de Porto Alegre

O que mais impressiona na figura historica do tenente-general conde de Porto Alegre, — cuja morte, ha 65 annos passados, hoje se commemora — de par com a bravura temeraria, é a elegancia. Não apenas a elegancia com a propria pessoa posta em evidencia no cuidado com os uniformes e com as armas, mas a elegancia moral estadeada nas attitudes que tomava, fossem no sentido de defender as prerogativas que lhe eram inherentes, fossem no resguardo dos milindres patrioticos que os tinha á flôr da pelle.

Quer se entenda o vocabulo *elegancia* como manifestação de sentimento esthetico, quer se lhe tome a significação no sentido da Ethica, elle serve perfeitamente para qualificar o vencedor de Caseros, de Gurúzu e de Tuiuty, para só referir os acontecimentos mais destacados de sua longa vida de guerreiro, iniciada no periodo colonial e finalizada na madrugada da era republicana.

Não foi por outro motivo que Souza Docca, em estudo recente, apontou-o como “o galã refulgente das batalhas, estylizador da bravura riograndense”, a que Alfredo Ferreira Rodrigues, ha mais tem-

po, comparou-o a Bayard, o cavalleiro *sans peur et sans reproche*.

Assemelharia, de facto, a um galã, quando, mesmo, no accessos dos combates, ostentava as condecorações, a banda de seda, as esporas de ouro, a espada luzente como se fôra de crystal polido, e as luvas impolutamente brancas que se tornaram tradicionaes.

As observações que porventura lhe eram feitas sobre o risco de se apresentar á vista do inimigo rancoroso como se fosse para uma parada, não as terá levado em maior conta. Ainda na chamada Segunda Batalha de Tuiuty, quando os assaltantes paraguayos se avizinhavam, aos gritos, da sua barraca de commandante em chefe do 2º Corpo de Exercito, elle, calmamente, pregou todas as suas muitas veneras, afivelou o cinto de que pendia a espada, calçou as luvas, e, só depois disso saiu a montar a cavallo. As balas, nessa occasião, já caíam junto ao Estado Maior que o aguardava ancioso.

Até ahí fôra como o sacerdote que se paramenta para o officio. Tanto mais solenne o acto em que officiará, tanto maior é o cuidado a pôr nas vestes e atavios.

"Subito, a sua physionomia transfigurou-se, e, desembainhando a espada, dando o exemplo de avançar, disse com voz terrivel de emoção:

Hoje morre aqui até o ultimo brasileiro!"

O galã ia ser substituido por Bayard.

No fim da peleja, a meia tarde, vencidos os atacantes que foram

levados á baioneta até junto das proprias trincheiras, Porto Alegre volta ao Quartel-General com as abas da sobrecasaca impecavel de córte, 47 vezes furadas por balas. Dois cavallos lhe haviam morrido...

Repeti, de resto, em Tuiuty, o que já tinha feito em Curupaity, e em Curúzú, isto é, dirigido a luta e lutado elle proprio, commandado o ataque e fornecido o exemplo na arremetida.

Aos 66 annos, que tantos contava nessa data, possuía o mesmo ardor que o animara aos 13 nos combates de Pando e de Manga, aos 15 em Las Piedras, aos 22 no Passo do Rosario, aos 30 em Arroio Grande, aos 31 em Pelotas e em Porto Alegre, aos 46 na Batalha de Monte Caseros.

*

Não ha duvida alguma que são bellos, a mais não serem, esses attributos de coragem calma e de impetuosidade bravia, da personalidade do 3º general Manoel Marques de Souza, herdados naturalmente do pae — o 2º general Manoel Marques de Souza — morto em Montevidéo, e do avô — o 1º general Manoel Marques de Souza — uma das maiores glorias das armas brasileiras, fallecido nesta capital poucos dias antes da Independencia, o sonho querido de sua existencia de campeador.

Não são de molde, entretanto, esses attributos, a sobrelevarem os de outra natureza, expressos no espirito de ordem, de dignidade e de honra militar, que lhe viviam n'alma.

Estes é que constituíam a sua maior elegancia de homem representativo da Nação; que formavam o traço mais seductor de seu perfil moral.

Da mesma fôrma que nunca, ninguém, o viu em posição menos aprimorada, ninguém, em occasião alguma, soube-lhe transigencia com a dignidade da propria posição e menos ainda com a dignidade do Brasil.

Era, nesse particular, impenitente, inamolgavel, irreductivel, abeirando-se da intolerancia. Não desprezava minucia para exigir explicações; não acceitava excusas que não fossem cabaes; não admittia considerações que vizassem atardar os desaggravos que fossem mister.

Depois da victoria de Monte Caseros, Urquiza pretendeu impedir que as tropas brasileiras entrassem em Buenos Aires com as phalanges entrerrianas, corrientinas e orientaes.

A attitude do futuro Barão de Porto Alegre, então apenas o Brigadeiro Manoel Marques de Souza, foi cathégorica: havia decidido a Batalha; tinha de entrar, como entrou, na capital argentina a frente de sua Divisão, bandeiras ao vento, clarins a tocarem...

Mais para diante é a Guerra do Paraguay. Porto Alegre, já visconde, em frente de Uruguayana, oppõe-se terminantemente a que Mitre ou Flôres commandem em chefe no territorio nacional. Ademais, os effectivos brasileiros eram muito maiores do que os dos Alliados (Argentinos e Uruguayos) reunidos. Não acceitou, antes re-

pelliu, o argumento que lhe apresentaram na occasião, para demovel-o, que Mitre e Flôres eram Chefes de Estado e elle simples general.

Na imminencia do ataque a Curuzú repete-se a questão de Commando, não mais com os Alliados, mas com Tamandaré, primo-irmão e amigo caríssimo. Não houve como modificar-lhe a conducta. O commando era seu e elle haveria de exercel-o, como o exerceu.

Vinte vezes mais pugnou pelos melindres da Patria, em incidentes que teriam sido evitados se não fôra seu altissimo sentimento de honra.

Alguem, aliás, examinando a frio, hoje, os acontecimentos da época, segundo um criterio estritamente technico, permittiu-se criticar as attitudes de Porto Alegre qualificando-as como excessivas attribuindo-lhes par na culpa pelo atrazo das operações.

Se não fosse o character technico da critica faria ella pensar naquelle conhecido conselho de um pae para o filho que sahe em busca de fortuna: "*Make money! Honestly if you can. But, make money!*"

Felizmente, porém, o tenente-general conde de Porto Alegre não tinha essa concepção da vida e dahi a sua elegancia a sommar-se com a sua gloria.

*

Nesta hora grave, em que os valores moraes deperecem impressionantemente, cedendo logar aos que se foram de solercia e de au-

dacia, é uma consolação recordar uma figura como a do conde de Porto Alegre, tão máscula que resiste ao desgaste do tempo e tão nobre que não se mistura na caudal das ambições mesquinhas que ameaçam subverter a velha organização social com base na dignidade da creatura humana.

Certo escriptor, quando da inauguração da estatua do grande ge-

neral, na capital do Rio Grande do Sul, disse que o seu exemplo "deveria servir á juventude como um incitador de bravuras quando a Patria em armas, como um exaltador de jubilos quando a Patria em orgulho, e como um estimulador de brios quando a Patria em desalento".

Que assim seja.

Castilhos Goycochea

("Correio da Manhã" - 14-VII-940)

No Rio Grande do Sul não há populações estrangeiras

Como informamos, sexta-feira, ultima realizou-se, sob a presidencia do dr. Coelho de Souza, secretario da Educação e Saúde Publica, uma reunião de todos os delegados regionaes de ensino.

Nessa occasião, foram debatidos assumptos de grande importancia para a instrucção publica no Rio Grande do Sul, principalmente no que se refere á nacionalisação do ensino, problema que vem merecendo especial attenção dos governos do Estado e federal.

Com relação ao trabalho que devem desenvolver os responsaveis pela boa marcha do ensino no Rio Grande do Sul, o secretario da Educação dirigiu, em data de hontem, aos delegados regionaes e á chefia do Serviço de Fiscalização do Ensino Particular, sra. professora Maria José da Cunha, a seguinte ordem de serviço:

— "No Rio Grande do Sul não ha populações estrangeiras.

Ha, sim, agregados de origem ethnica diversas, confundidos, porém, na unidade espiritual da Patria e perfeitamente integrados no destino do Brasil, que lhes possibilita as condições varias da existencia humana, digna e livre.

Do nosso vocabulario politico devem desaparecer, definitivamente, as designações desses nucleos rio-grandenses segundo a sua origem racial, para subsistir, apenas a designação *brasileiros*, que, na realidade, corresponde aos sentimentos dessas populações e aos imperativos nacionaes.

Assim, nenhum estabelecimento de ensino particular, de qualquer gráo, deverá associar-se a homenagens aos representantes de nações estrangeiras no nosso Estado,

sinão quando esses actos forem determinados ou autorizados pelo Governo do Estado, através desta Secretaria.

Deveis estar vigilantes no sentido do cumprimento rigoroso desta determinação e communicardes qualquer infracção registrada.”

(“Do Correio do Povo” de 14 de julho de 1940).

Os Toscaninis

Os jornais já garantiram a proxima vinda de Toscanini ao Brasil, mas os murmurantes filhos da Candinha andam propalando por aí tudo que, sem falar nas fortes despesas da orquestra que com ele vem, o famoso agente ganhará algumas centenas de contos de réis pelos poucos concertos que vae nos dar. Com semelhante combinação e abuso financeiro da genialidade, eu me pergunto meio assombrado, se valerá a pena termos a gloria de ouvir Toscanini...

A situação das nossas orquestras brasileiras é reconhecidamente deploravel. Se é certo que na técnica sinfonica, certos naipes orquestraes, em especial das cordas, já são bastante bons, outros, quando não de todo faltosos, são de uma insuficiência asfíxiante. Isto, mesmo em cidades grandes como Rio de Janeiro e São Paulo.

Já estivemos em muito melhores condições sinfonicas que agora, mas desgraçadamente as orquestras argentinas e uruguayas, organizadas por criterios muito mais racionais e proteção financeira official mais inteligente, chamaram a si varios optimos instrumentis-

tas brasileiros, que lá vivem agora. E a nossa decadencia principiou. Hoje reinam em nossas orquestras a insatisfação, a deficiencia e a indisciplina.

Ora, que valor, que produtividade pedagogica poderá ter para orquestras como as nossas atuaes, a proxima lição de Toscanini? — Creio que nenhum. A diferença vae ser tamanha, que a coletividade nada poderá aproveitar. E é certo que não estaremos tão cedo em condições de apresentar orquestras a que a incomparavel afinação e demais sublimidades técnicas do incrível virtuosismo toscaninesco possam ter alguma utilidade, servir de qualquer incentivo, realizar qualquer ensinamento. E quando chegar essa primavera por demais futura, a tradição da visita deste ano já estará inaproveitavel.

E Toscanini será de alguma utilidade aos nossos regentes? Duvido muito. E' incontestavel que já possuímos alguns regentes brasileiros muito bons. Mas de que lhes serve o que valem e o esforço que fizeram em se educar, se ninguém se lembra de lhes dar

orquestras nem ocasião de adex-
trar na continuidade o valor pro-
prio? Deus me livre negar a pro-
ficiência de alguns regentes ad-
ventícios, mas me dê este já ago-
ra inexplicável complexo de in-
ferioridade nacional, que faz nos
curvemos ante os produtos de im-
portação, a eles dando todas as
possibilidades, esquecidos que o
ouro da casa, mais produtivo já
que o colonial, tem para nós, pelo
menos o instinto da nacionalida-

de e a força da duração. E não
será um verdadeiro martírio de
Tantalo propiciar aos nossos re-
gentes a mirífica lição de Tosca-
nini, e, em seguida, lhes negar a
orquestra em que poderiam se
exercer e pôr em experiência o
aprendido?... Ora, inventemos
um novo provérbio nacional:

*Maestro que Toscanini adextra,
Tem batuta mas não tem orquestra.*

Mario de Andrade

(Revista do Brasil — junho 1940)

Portugueses na América Boreal antes de Colombo

Pretendem pacientes rebuscado-
res de velharias, estribados uns
em vetustas tradições e outros ra-
zoando sobre documentos antigos,
que mais dum navegador foi ter
à América boreal antes de 1497,
quando João Caboto, italiano ao
serviço de ingleses, descobriu pe-
quena parte da sua costa ártica;
e até antes de 1492, em cujo mês
de Outubro Cristóvão Colombo pe-
la primeira vez aportou ao Novo
Mundo. Tais navegações foram po-
rém refugadas pela crítica esclae-
recida para o vasto armazém das
hipóteses inverosímeis, fantasias e
erros que enxameiam nos livros
de história, salvo aquelas em que
as velhas “sagas” islandesas con-
tam ter Leif, filho de Érico o ver-
melho, percorrido no começo do
século XI algumas terras ameri-

canas, de incerta identificação. En-
tre esses percursores de Caboto ou
de Colombo figuram portugueses,
o que não admira, visto como já
meado o século eles se aventura-
vam a velejar para lá dos Açores:
imputam-lhes a descoberta da ilha
da Terra Nova, anos antes de ter
avistado Caboto em 1497.

A primeira visita portuguesa a
terras americanas, que veio a lu-
me, atribuiu-se a João Vaz Côrte
Real, na fé somente de passos das
“Saúdaes da terra”, de Gaspar
Frutuoso, e da posterior “História
insulana”, do padre Antônio Cor-
deiro, que copiou do predecessor
aditando-lhe inexactidões. Do pri-
meiro livro consta que, durante o
povoamento da ilha Terceira por
Jácome de Bruges, chegou ali João
Vaz, vindo da Terra Nova do ba-

calhou que descobrira por mandado de el-rei, de quem recebera como recompensa as capitânicas de Angra, na ilha Terceira, e da ilha de S. Jorge: ora como a mais antiga destas doações é de 2 de Abril de 1474, o descobrimento precedeu um tanto essa data. O segundo livro di-lo feito por Alvaro Martins Homem e João Vaz, galardoado aquêlê com a capitania da Praia, na ilha Terceira; e no mais condiz com o predecessor.

Vários escritores, a começar com Sebastião Trigoso em 1812, fincaram-se na versão de Cordeiro ou na mais antiga e singela de Frutuoso, que prevaleceram até que em 1882 as refutou cabalmente o erudito agoreano Ernesto do Canto. Mostrou ser destituída de fundamento a associação de Alvaro Martins e João Vaz, e que Frutuoso confiou numa vaga e errônea tradição: confundiu João Vaz com o seu filho segundo Gaspar Côrte Real, atribuindo àquêlê a viagem que êste realmente fêz em 1500 à Terra Nova, denominada até tarde Terra de Côrte Real, embora fôsse Caboto o seu primeiro descobridor em 1497. A viagem do navegador português, ignorada de Frutuoso, está comprovada pelas cartas manuelinas de 27 de Janeiro de 1501 e 17 de Setembro de 1506, esta de doação a Vasco Eanes Côrte Real, primogénito de João Vaz, das terras que viesse a descobrir: e nela a doação é justificada dêste modo: "...avendo respyto e lembrança como o dito Gaspar Côrte Reall ffoy o primeiro descobridor das ditas terras...". Esta declaração basta para total-

mente invalidar a pretensa viagem do pai à Terra Nova.

Ela reapareceu contudo à tona há cêrca de dezoito anos, quando o dinamarquês Sofus Larsen anunciou que em 1472 ou 1473 estiveram na América ártica patrícios seus juntamente com portugueses, numa expedição enviada da Islândia a essa parte por Cristiano I da Dinamarca, a qual lhe fôra suggerida pelo nosso D. Afonso V: nela foram marítimos portugueses e supõe Larsen, fiado unicamente na infiel "História insulana", que também Alvaro Martins Homem e João Vaz, participantes portanto do descobrimento então feito de terras americanas, identificadas com a Terra Nova e a do Labrador. Supõe também Larsen que João Vaz fêz da sua descoberta um segredo de família (!), e que também a conservaram secreta as duas corôas interessadas, até que em 1500 Gaspar Côrte Real comandado régio violou o sítio, redescobrimdo a terra avistada há mais dum quarto de século. Aparte a realidade da expedição dinamarquesa, tudo isto é fantasia pura no que se refere aos dois navegadores portugueses, como atrás ficou claro.

A segunda visita précolombina de portugueses à América boreal presumem alguns feita à terra há séculos dita do Labrador, confinante ao norte com o estreito e a baía de Hudson, e ao sul com a ilha da Terra Nova e o golfo de S. Lourenço. Do nome da terra, de origem visivelmente ibérica, propuzeram-se explicações fantasiosas, mas hoje se assenta em

derivá-lo do marítimo português João Fernandes Lavrador, cujo último apelido não se sabe se era profissional, se alcunha ou se patronímico.

De certo João Fernandes da Ilha Terceira, entregue à dura tarefa de descobridor, há menção em diplomas. O mais antigo conhecido é a carta de 26 de Outubro de 1499, onde D. Manuel lhe doa as ilhas que descobrisse, e outro é a carta de 19 de Março de 1501, na qual Henrique VII de Inglaterra as terras, que por sua diligência fôsem descobertas ao consórcio de três negociantes de Bristol e dos escudeiros açoreanos João e Francisco Fernandes e João Gonçalves. Mas há notícia de João Fernandes anterior a 1499, pois de várias fontes consta que partira com João Caboto na sua segunda viagem em 1498 a regiões árticas: e mais consta ter o açoreano avisado antes doutros a terra a que ficou desde logo ligado o seu último apelido, da qual aliás tinha prévia informação.

Antes mesmo de 1498 já andava êle na faina de descobrir. Ernesto do Canto apurou que, no decurso duma demanda acerca da posse de terras, haviada na ilha Terceira, a testemunha Pedro de Barcelos depôs que em certa época "...houve um mandado del-rei (D. João II) para ir a descobrir eu e um João Fernandes Lavrador, no qual descobrimento andamos uns três anos, e quando tornei à dita ilha achei em poder dellas (terras) uns filhos de João Valladam...". Ernesto de Canto demonstrou que a testemunha re-

gressou à ilha entre 30 de Janeiro e 14 de Abril de 1495, e contando para trás três anos concluiu que ela e João Fernandes Lavrador partiram a descobrir nos primeiros meses de 1492, e não se limitaram a uma só viagem, que não podia durar três anos. Considerações verosímeis levaram-no a crêr em que os dois aventureiros se dirigiram para noroeste dos Açores, em busca de ilhas vagamente previstas, e daí a sugestão de que nalguma das viagens descobriram a terra a que chamaram do Lavrador. É antiqüíssima esta denominação, como observa o ilustre açoreano, pois figura nos primeiros mapas onde são representadas terras americanas, tal o da Biblioteca Oliveriana de Pésaro, que imagina ser de 1501, segundo V. Bellio, mas que realmente demonstrei posterior a 1502. Se a viagem de descoberta foi a primeira, precedeu a de Colombo, que partiu em Agosto de 1492, e em Outubro desembarcou em Haiti.

Estes raciocínios poder-se-iam admitir, se de-facto Pedro de Barcelos e o companheiro tivessem feito qualquer descoberta: ora não só êle nenhuma menciona, como seria natural, mas se a houvesse, sem dúvida D. João II tomaria posse da terra achada por seu mandado, o que não consta fizesse. O Labrador fica no coração das terras achadas por Gaspar Corte Real, e se já fôsse domínio português, D. Manuel não diria no diploma atrás citado de 1506 que êste navegador foi o seu primeiro descobridor. Se o primeiro conhecimento do Labrador se

deve a João Fernandes Lavrador, avistou-o em expedição não portuguesa, e em verdade tal succedeu na inglesa de João Caboto em 1498: mas cumpre acrescentar, e este é outro aspecto da questão, que a terra nessa expedição nomeada Labrador não é a actualmente assim chamada, mas sim a Groenlândia, como provou em 1903 H. Biggar. Esta ilha, suposta primitivamente ligada ao continente americano, chamava-se Grenolândia nos mapas até 1498, passou depois geralmente a Terra do Labrador e bem mais tarde recuperou o antigo nome, recaindo o de Labrador à terra fronteiriça ao sul. Se em 1498 já João Fernandes Lavrador tinha dela notícia, como parece, é de admitir que a colhesse na expedição manuelina recordada numa legenda do mapa dito de Cantino (1502); ela teria ocorrido entre 1495 e 1498.

Outra viagem précolombina de portugueses, não propriamente até terras americanas mas até às águas da Terra Nova, assevera Jaime Cortesão ter sido feita em 1452 por Diogo de Teive, escudeiro do infante D. Henrique, depois de na mesma viagem ter descoberto as ilhas açoreanas do Córvo e das Flores; dela teria o navegador regressado com a convicção da existência de terras a noroeste dos Açores. Sem discutir aqui o aserto do illustre historiador, observo apenas que de nada serviu a

Diogo de Telve tal convicção, pois não consta que depois da viagem de 1452 tornasse a procurar a terra entrevista: coisa muito de esperar se o infante D. Henrique aspirava a descobrir o caminho marítimo da Índia pela via do poente, como nos últimos tempos se tem pretendido.

Nem em 1452 com Diogo de Teive, nem em 1472 ou 1473 com João Vaz e Alvaro Martins Homem, nem pouco antes de 1474 com João Vaz, nem entre 1492 e 1495 com Pedro de Barcelos e João Fernandes Lavrador descobriram os portugueses terra alguma da América. Entre 1495 e 1498 é possível que João Fernandes Lavrador tivesse avistado a Groenlândia numa expedição portuguesa, que aliás não desembarcou na terra, conforme a legenda no mapa de Cantino; e daí veio a essa terra o nome de Labrador.

Em 1500 Gaspar Córte Real descobriu as terras do seu nome, o Labrador e a ilha da Terra Nova, já avistadas e percorridas por João Caboto em 1497 e 1498; e esta é a primeira descoberta portuguesa na América boreal de que há notícia certa. Outra expedição portuguesa anterior ao segundo semestre em 1502, esta clandestina, feita à península da Flórida, nos revela o mesmo mapa de Cantino, ficando assim provado que a conheceram os portugueses antes de João Ponce de Leão em 1512.

Duarte Leite

(Do "Primeiro de Janeiro") — Portugal.

Noticiário

Oitavo Congresso Científico Americano

Realizou-se em Washington, no mês de maio, o Oitavo Congresso Científico Americano, sob os auspícios do governo dos Estados Unidos da América do Norte. O programa do cong. foi o seguinte:

SECÇÃO I

CIÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS

Presidente: *Dr. Herbert J. Spinden*
Vice-presidente: *Dr. A. V. Kidder*

SUB-SECÇÃO SOBRE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

A. Arqueologia

1. Problemas fundamentais e áreas de baixo nível de cultura
 - a. O povoamento da América
 - b. Baixos níveis de cultura recentes
2. Arqueologia e Áreas de Alto Nível de Cultura
 - a. Mexicanas e Centro-americanas
 - b. Andinas
 - c. Pueblo e Mound-Builder
 - d. Amazônicas e Antilhanas

B. Ethnologia

1. Povos nomádicos e não-agricultores

2. Comunidades agrícolas
3. Estudos de assimilação cultural por contacto
4. Estudos Especiais
 - Organização social
 - b. Religião
 - c. Tecnologia e arte

SUB-SECÇÃO SOBRE PSICOLOGIA E ANTROPOLOGIA FÍSICA

C. Psicologia

1. Psicologia geral e experimental
2. Psicologia educacional
3. Psicologia social
4. Psicologia clínica e higiene mental

D. Antropologia Física

1. Tipos físicos
2. Mescla de raças
3. População e estatística demográfica

SUB-SECÇÃO DE LINGUISTICA, TRADIÇÕES E LENDAS POPULARES, E CIÊNCIAS REMISSIVAS

E. Tradições e Lendas Populares

1. Mitos índios
2. Mitos portugueses e espanhóis

3. Mitos dos Negros
- F. *Linguística*
 1. Classificações
 2. Estudo de cada língua separadamente
- G. *Ciências Remissivas ou Auxiliares*
 1. Antropogeografia
 - a. Economia primitiva
 2. Etnobotânica
 - a. Plantas usadas e domesticadas pelos índios americanos
 3. Medicina Primitiva
 - a. Doenças existentes na antiga América, etc.

SECÇÃO II

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Presidente: Dr. Edwin G. Conklin
Secretário: Mr. James A. G. Rehn

- A. *Biologia Geral* (Plantas e Animais)
 1. Citologia
 2. Genética
 3. Ecologia
 4. Evolução
- B. *Fisiologia Geral*
 1. Bioquímica e biofísica
 2. Endocrinologia
 3. Comportamento e fisiologia de organismos inteiros
 4. Microbiologia (Protozoários, Bactérias e Virus)
- C. *Botânica* (Plantas Multicelulares)
 1. Morfologia e toxonomia
 2. Fisiologia
 3. Patologia
- D. *Zoologia* (Diferentes Grupos Phylogênicos e Ordens do Reino Animal)

1. Morfologia e taxonomia
2. Fisiologia
3. Embriologia
4. Patologia e parasitologia
- E. *Botânica e Zoologia Econômicas*
 1. Abelhas
 2. Crustáceos e sua cultura econômica
 3. Aves silvestres e sua conservação
 4. Mamíferos úteis e nocivos (fornecedores de alimentação, de peles para abrigo e outros produtos)

SECÇÃO III

CIÊNCIAS GEOLÓGICAS

Presidente:
Dr. T. Wayland Vaughan
Secretário:
Dr. Wendell Phillips Woodring

- A. *Estratigrafia, Paleontologia, Correlação e Distribuição Geográfica das Formações Geológicas*
 1. Paleozoica
 2. Mesozoica
 3. Terciária
- B. *Estrutura e Evolução Fisiográfica*
 1. Características estruturais e história
 2. Características fisiográficas e história
- C. *Crescimento e Distribuição das Faunas e das Floras*

(Provisoriamente planeja-se fazer uma reunião conjunta com a Secção de Ciências Biológicas)

 1. Faunas de mamíferos da era Terciária e do Pleistoceno
 2. Floras terrestres das eras Mesozoica e Terciária

3. Faunas e floras modernas
(contribuições esperadas da Secção de Ciências Biológicas)

D. *Geologia dos Terrenos Petrolíferos e Riqueza Petrolífera*

1. Emprego de métodos geofísicos na exploração do petróleo

2. Sumários por países

E. *Geologia dos Depósitos Metálicos e as Riquezas Minerais*

1. Minerais ditos estratégicos

2. Sumário por países

F. *Vulcanologia*

SECÇÃO IV

AGRICULTURA E CONSERVAÇÃO

Presidente: *Dr. Hugh H. Bennett*
Secretário: *Mr. Ernest G. Holt*

A. *História do Uso das Terras nas Américas*

B. *Relação das Terras Utilizáveis*

C. *Usos atuais das terras e tendências dos mesmos*

D. *Influência das Investigações sobre Agricultura e Conservação*

E. *Fatores Sociais e Económicos que Afetam o uso das Terras*

F. *Programas de Planos para Uso e Conservação das Terras*

G. *A necessidade de novas medidas*

SECÇÃO V

SAÚDE PÚBLICA E MEDICINA

Presidente: *Dr. Thomas Parran*
Secretário: *Dr. A. M. Stimson*

A. *Ensino de Saúde Pública e Medicina*

1. Popular e geral

2. Especial e profissional (inclusive odontologia)

B. *Nutrição*

1. Modernos estudos sobre nutrição

2. Estados de avitaminoses reconhecidos

3. Relação com as moléstias do coração

4. Relação entre o hábito de beber água e a cárie dentária

5. Ariboflavínose

C. *Tuberculose*

1. Fatores económicos e sociais

2. Tipos clínicos

3. Formação dos bacilos dos tubérculos e suas frações antigénicas

4. Modernos métodos de tratamento

D. *Quimioterapia*

1. Química e farmacologia de novas composições

2. Aplicações clínicas em várias doenças

3. Resultados experimentais prometedores

E. *Doença do Coração*

1. Novas concepções sob o ponto de vista clínico

2. Incidência e importância de formas etiológicas

3. Características epidemiológicas do reumatismo cardíaco

4. Considerações fisiológicas sobre a resurreição

F. *Cancer*

1. Cancer de formação experimental e estado atual das experiências

2. Estudo e luta contra o cancer

3. Aspectos da moderna terapêutica

G. *Doenças Tropicais e de outra Natureza de Interêsse Corrente*

1. Febre amarela
2. O "Mal del Pinto"
3. Lepra
4. Febre ondulante
5. Doenças devidas ao raquitismo
6. Peste

Serão feitos preparativos para uma visita ao Instituto Nacional de Saúde onde se oferecerá oportunidade aos Delegados para observar as investigações em curso em muitos ramos desta atividade científica. Aquêles dentre os Delegados que o desejarem, poderão concentrar sua atenção nos assuntos que lhes sejam de mais interêsse profissional.

SECÇÃO VI

CIÊNCIAS FÍSICAS E QUÍMICAS

Presidente:

Dr. Lyman J. Briggs

Secretário:

Sr. Eugene C. Crittenden

A. *Os progressos atuais nas seguintes Ciências*

1. Física
2. Química
3. Matemáticas
- B. *Metereologia*

1. *Expansão dos serviços nacionais*

2. *Novos métodos e instrumentos*
- C. *Astronomia*

1. *Novas descobertas sobre a estrutura do universo*

2. *Recentes estudos, novos métodos e modernos instrumentos*

D. *Os Laboratórios Nacionais e seus Trabalhos, Aparelhagem e Administração*

E. *O Ensino nos Laboratórios e os Seus Métodos de Ensino Profissional aos Estudantes*

F. *Investigações em Laboratórios Industriais*

1. *Utilização do petróleo*
2. *Transporte de frutas e carnes*
3. *Classificação e refinação do açúcar*
4. *Determinação da qualidade e resistência dos têstes*

SECÇÃO VII

ESTATÍSTICA

Presidente: *Dr. Stuart A. Rice*

Secretário: *Dr. Herbert L. Dunn*

A. *Estatística Demográfica, Notadamente do Registro Estatístico dos Nascimentos e Óbitos*

B. *Coletânea de Estudos sobre as Populações das Repúblicas Americanas*

(Reunião conjunta das Secções de Estatística, Agricultura, Ciências Antropológicas, Economia Política e Sociologia, História e Geografia, Saúde Pública e Medicina)

1. *Tendências e característicos da população*
2. *População e saúde pública*
3. *Recursos econômicos e mudanças de lugar das populações*
4. *A população e a nutrição nacional*

C. *Discussão Franca de Tópicos Relativos a Serviços e Atividades Estatísticas nas Vinte-e-uma Repúblicas Americanas*

D. *Estatística Económica, com Especial Referência aos Ramos de Produção e de Comércio*

E. *Metodologia Estatística*

F. *Trabalho das Sociedades ou Organizações Dedicadas a Serviços Profissionais de Estatística*

1. Nacionais

2. Interamericanas

Os que tomarem parte nesta Secção, terão oportunidade de apreciar os trabalhos de levantamento censitário dos Estados Unidos da América, para fazer o Recenseamento de 1940. Serão feitos preparativos para que visitem também o Arquivo Nacional, onde terão ocasião de ver os métodos usados na guarda e conservação dos documentos, inclusive uma demonstração dos adiantamentos mais recentes nêsse particular por meio da filmagem dos citados documentos, método que se poderia denominar de "microfilmagem." Junto à sala em que se efetuarem as reuniões da Secção de Estatística, haverá uma exposição de várias publicações dedicadas a serviços estatísticos.

SECÇÃO VIII

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Presidente: Dr. Clarence H. Haring

Secretário: Dr. Robert C. Smith

A. *História das Explorações e Cartografia*

1. Itinerários de comércio e de viagens nas Américas

2. Cartografia Colonial Americana

3. Problemas e projetos da atualidade

B. *Transformação do Papel Económico das Américas dos Tempos Coloniais para a Época Atual*

1. Plantações agrícolas na América tropical

2. História das minas e dos centros mineiros

3. Progresso da indústria manufatureira

C. *Problemas de População no Hemisfério Ocidental* (Reunião Conjunta com a Secção de Estatística)

1. Tendência e características das populações

2. Recursos económicos e mudanças de lugar das populações

3. População, Saúde pública e alimentação

D. *Ocupação das Terras e Penetração às Fronteiras na História da América*

1. Povoamento das regiões de pastagem nas Américas do Norte e do Sul

2. Limites do povoamento das terras

3. Métodos diversificados de colonização Européia

4. Influência da propriedade de terras na estrutura da sociedade Americana

E. *Transformação Social na América de População Aborígene Desde os Tempos Pre-coloniais até o Presente* (Reunião conjunta com a Secção de Antropologia)

1. Exemplos de povoamento de terras dos tempos pre-históricos e da época da descoberta

2. Origens e distribuição das plantas cultivadas no Novo Mundo e dos animais domésticos

3. Sobrevivência dos modernos Índios e mestiços da América Latina, de formas econômicas pre-históricas

4. Processos de evolução cultural, por contacto, dos Índios Americanos

F. Necessidades Fundamentais em Matéria de Investigações Históricas e Geográficas nas Américas

A Comissão encarregada da Secção de História e Geografia está contemplando a organização de uma excursão a campo para estudo geográfico, e uma exposição de mapas relacionada com o Programa.

SECÇÃO IX

DIREITO INTERNACIONAL, DIREITO PÚBLICO E JURISPRUDÊNCIA

Presidente:

Dr. James Brown Scott

Secretário:

Sr. George A. Finch

SUB-SECÇÃO DE DIREITO INTERNACIONAL

A. *Teorias Contrárias de Direito Internacional*

B. *Princípios Gerais de Organização Interamericana*

C. *Método de Solução de Controvérsias Interamericanas*

D. *Problemas de Neutralidade Americana*

SUB-SECÇÃO DE DIREITO IN- TERNACIONAL PRIVADO, DIREITO PRIVADO E DIREITO PÚBLICO

A. *As Semelhanças e diferenças Fundamentais nos Sistemas Judi-*

ciais Anglo-Americano e Latino-Americano

B. *Métodos pelos Quais poderá Ser Estabelecido Um Entendimento e Unidade Mútuos Entre os Dois Sistemas*

SUB-SECÇÃO DE JURISPRU- DÊNCIA

A. *A Tendência da Filosofia Legal nos Países Americanos*

1. O Passado e a evolução

2. Novas escolas de pensamento jurídico

B. *A Influência do Direito Romano e Direito Comparado*

1. Na América Latina

2. Nos Estados Unidos

C. *Alguns Problemas Gerais*

1. A função do direito

2. Influências políticas e econômicas

3. Direito e a ética

D. *O Fomento da Uniformidade na Jurisprudência e na Legislação*

1. Até que ponto e em que ramos do direito é a uniformidade possível e desejável?

2. Um Instituto Interamericano de Advogados

3. Um Instituto Interamericano de Direito Comparado

SECÇÃO X

ECONOMIA E SOCIOLOGIA

Presidente: *Dr. Harold G. Moulton*

Secretário: *Sr. Benjamin Colby*

A. *Problemas e Condições Sociais Econômicas (Demonstração Por Cada um dos Países Representados)*

B. *Problemas de População no Hemisfério Ocidental* (Reunião conjunta com as Secções de Estatística, História e Geografia, Saúde Pública e Medicina, Antropologia e Biologia)

1. Tendências e características das populações

2. Recursos econômicos e sua influência sobre a população

3. População e nutrição

4. População e saúde pública

C. *Reunião Conjunta com as Secções de Estatística e História e Geografia. Exposição na Diretoria do Serviço de Recenseamento*

D. *Problemas de Transportes e Comunicações no Hemisfério Ocidental*

Transportes —

1. Análise do passado e propostas para o futuro

2. A Importância econômica do desenvolvimento dos meios de transporte na América do Sul

Comunicações: O Que tem Sido Feito e o Que o Futuro Promete —

1. A radiodifusão

2. Intercomunicação simultânea

E. *Os Problemas Comerciais e Financeiros do Hemisfério Ocidental*

1. Efeitos da industrialização

nas relações comerciais e na política nacional

2. Complicações resultantes de vários problemas financeiros e outros correlatos

F. *Será preparada uma Exposição especial no Edifício do Arquivo Nacional*

SECÇÃO XI

EDUCAÇÃO

Presidente:

Dr. Nicholas Murray Butler

Vice-Presidente:

Dr. Isaac L. Kandel

A. *Educação e Cultura Nacionais*

B. *Que é Uma Educação Liberal?*

C. *Questões e Teorias de Educação Atuais*

D. *Problemas de Educação Superior*

E. *A Educação do Adolescente*

F. *Investigações sobre Educação*

G. *Discussão Franca de Materiais Educativos com o fim de Promover a boa Compreensão Entre as Repúblicas Americanas*

Serão feitos preparativos para visita às escolas em Washington e para uma reunião dos membros desta Secção na Sede da Sociedade Nacional de Educação.

Eduardo Duarte

Depois de uma ausência de quasi um ano, regressou do interior do Estado, o Dr. Eduardo Duarte, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geografico do Rio

Grande do Sul e destacado intelectual gaúcho.

O Instituto que tem em Eduardo Duarte uma figura proeminente, registra, com a mais viva sa-

tisfação, sua volta e o faz através desta Revista onde ele empregou por quasi vinte anos, os maiores de seus esforços, ao lado de uma dedicação sem par.

S.S. foi visitado, em nome do Instituto, por uma grande comissão de socios, que lhe levou os cumprimentos de boas vindas.

IV Centenario da Companhia de Jesus

O Instituto Historico e Geografico Brasileiro distribuiu, para todas as corporações culturais do paiz, a seguinte nota:

Em 1940 ocorre o quarto centenario da fundação da Companhia de Jesus, aprovada por Paulo III a 27 de Setembro de 1540. A grande data será comemorada em todos os países, na medida em que o permitirem as dolorosas circunstâncias do momento trágico que vivemos. O Brasil, onde os beneficios da paz permitem a continuidade normal de suas atividades culturais, não poderá faltar com a sua colaboração na grande obra comum. Mais imperiosamente que a outros povos impõe-se-nos este trabalho como um dever de consciência nacional. Nascidos quasi simultaneamente, o Brasil para a vida civilizada e a Companhia de Jesus para as suas incansaveis e multiformes atividades, as duas histórias, — a dos brasileiros e a dos jesuitas — intimamente relacionadas, em muitos dominios parcialmente se identificam. Guardas vigilantes do patrimônio do passado nacional, cabe ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e aos seus congêneres estaduais, e já o disse o illustre Dr. Adroaldo Mesquita da

Costa no sodalício sul-riograndense, a iniciativa de uma comemoração digna da importância do acontecimento e das suas profundas e variadas influências no desenvolvimento da nossa civilização.

Certos de que as grandes instituições responsaveis, no domínio da história, pelos nossos créditos de nação culta, não faltarão à grandeza dessa tarefa, permitimo-nos acrescentar aqui um programa de estudos, investigações, conferências e publicações científicas que, durante o ano comemorativo do 4.º centenario de 1940 ponham em sua verdadeira claridade, a história da Companhia de Jesus nas suas profundas e indestrutíveis relações com a história da formação e progresso da nacionalidade brasileira.

I — A Companhia de Jesus e os INDIOS:

Catequese

Aldeamento

Defesa da liberdade dos selvícolas.

II — A Companhia de Jesus e a FORMAÇÃO CRISTÁ DO BRASIL:

Pregação e ministérios sacerdotais

Defesa e elevação da moralidade pública.

III — *A Companhia de Jesus e a INSTRUÇÃO no Brasil:*

- a) Ensino primário
- " secundário
- " superior
- " técnico profissional.

- b) Escolas
- Colégios
- Ginásios
- Bibliotecas.

c) Alunos notáveis dos jesuítas.

IV — *A Companhia de Jesus e a formação da LITERATURA nacional:*

a) *Gêneros literários:*

- Poesia
- Teatro
- Eloquência
- Historiografia
- Viagens
- Epistolografia
- Escritos morais e religiosos.

b) *Escritores notáveis:* Anchieta, Nóbrega, Cardim, Simão de Vasconcelos, Alexandre de Gusmão, Francisco de Souza, etc. etc.

V — *A Companhia de Jesus e as ARTES no Brasil:*

- Arquitetura
- Escultura
- Pintura.
- Obras de arte executadas pe-

los jesuítas: igrejas, colégios, estátuas, painéis, etc.

VI — *A Companhia de Jesus e a LINGÜÍSTICA:*

Gramática e dicionários das línguas indígenas.

VII — *A Companhia de Jesus e o TERRITÓRIO nacional:*

Viagens de penetração
Descobrimientos e trabalhos geográficos

Cartografia

Fundação de cidades e aldeias

Defesa da integridade territorial do Brasil.

VIII — *JESUITAS ILUSTRES:*

Anchieta — Nóbrega — Inácio de Azevedo — João de Almeida — A. Vieira — Belchior de Pontes — Francisco de Souza — Alexandre de Gusmão — Malagrida, etc. Dêstes homens notáveis, podem publicar-se:

1.º — *Biografias* completas.

2.º — *Monografias* sobre alguns dos aspectos de sua personalidade, por exemplo: *VIEIRA*: a) orador; b) o escritor; c) o diplomata; d) o missionário; e) o defensor da liberdade dos índios.

3.º — *Obras* inéditas ou edição crítica de obras já publicadas, Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1939. *José Carlos Macedo Soares*, presidente.

Emilio A. Coni

Esteve em Porto Alegre, afim de tomar parte no Congresso Agronomico, o brilhante homem de ciencia Dr. Emilio A. Coni, professor da Universidade de Bue-

nos Ayres e membro da Liga das Nações, onde exerce as elevadas funções de assensor economico.

Figura de marcante projecção no cenario intelectual da vizinha re-

publica, Emilio A. Coni tem se distinguido tambem como historiador, alem de notavel economista e publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: "Contabilidad y teneduria de Livros Agricola — Ganadera", "Geografia comercial Argentina", "El comercio Hispano-Argentino", "Verdades y falacias cooperativistas", "Los préstamos de colonizacion del Banco Hipotecario Nacional", "El mercado ordenado del trigo argentino", "El Estado contra la Nacion", "Comercializacion de productos agro-pecuarios" e "Problemas economicos del momento."

Em 1926 profere importante aula inaugural do Curso de Regimem Agrario, na Faculdade de Ciencias Economicas, em Buenos Ayres e que depois apareceu impressa: "Cuestiones Agrarias".

A Instituicion Mitre, em 1927, concede-lhe medalha de ouro pela sua obra: "La verdad sobre la Enfitensis di Rivadavia".

Sobre historia tem "Historia de las Vaquerias del Rio de la Plata" e "Los Gauchos del Uruguay antes y despues de la fundacion de Montevideo."

O Instituto Historico e Geografico do R. G. do Sul, por intermedio de uma comissao, visitou o ilustre escritor argentino, que se achava hospedado, no Grande Hotel e ao mesmo tempo lhe comunicou que a corporação dos historiadores sul-riograndenses desejaria a honra de ter S.S. como seu socio correspondente na grande capital platina.

O Dr. Emilio A. Coni antes de regressar esteve na sede do Instituto.

III Congresso Sul-Riograndense de Historia e Geografia

O Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul realisará, em comemoração ao Bicentenario da colonisação de Porto Alegre, um congresso de historia e geografia. O Instituto Historico deste Estado já realisou dois congressos, um para comemorar o centenario da Republica Riograndense e outro para comemorar o segundo centenario da fundação da cidade do Rio Grande. Reproduzimos o regulamento e o programa do 3.º congresso. Regulamento —

Art. 1.º — O 3.º Congresso Sul-

Riograndense de História e Geografia, patrocinado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, terá lugar na Capital do Estado de 5 a 10 de novembro de 1940.

Art. 2.º — São presidentes de honra do Congresso:

1.º — O Exmo. Snr. Presidente da Republica

2.º — O Exmo. Snr. Interventor Federal do Estado

3.º — O Exmo. Snr. Arcebispo Metropolitano

4.º — O Exmo. Snr. General Com. da Região

5.º — O Exmo. Snr. Prefeito da Cidade de Pôrto Alegre

6.º — O Exmo. Snr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Art. 3.º — São membros de honra do Congresso:

Os Exmos. Snrs. Secretários de Estado

Representantes Consulares

O Exmo. Snr. Sub-Prefeito de Pôrto Alegre

As Exmas Autoridades e os Exmos. intelectuais nacionais e estrangeiros que nos visitarem por ocasião do Congresso.

Art. 4.º — Integram a Comissão organizadora do Congresso:

A Diretoria efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e a Comissão especial, designada pela Grande Comissão de festejos composta dos srs. Dante da Laytano, presidente; coronel Luiz Carlos de Moraes; prof. Walter Spalding; dr. Mario Teixeira de Carvalho; dr. Olinto Sanmartin; padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.; coronel João Pereira de Oliveira e coronel Gastão Hasslocher Mazon.

§ único — Será presidente efetivo do Congresso o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que presidirá as sessões, sendo substituído, no impedimento pelo presidente da Comissão especial. Será Secretário efetivo do Congresso o snr. Secretário Perpetuo do Inst. Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Art. 5.º — São considerados membros ex-officio os Institutos Históricos e Geográficos e as Socieda-

des de Geografia que prestarem adesão por escrito até 20 de outubro de 1940.

Art. 6.º — São considerados membros efetivos do Congresso:

a) os membros efetivos de qualquer categoria do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, independente de ato de adesão;

b) todos os que enviarem teses;

c) todos os demais que aderirem por escrito até 1.º de outubro de 1940.

Art. 7.º — A quota de adesão será de 20\$000 para todos os que aderirem e não estiverem incluídos nos Arts. 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º letras a) e b).

Art. 8.º — A todos os Congressistas serão entregues, no dia da inauguração do Congresso, as teses, memórias e monografias apresentadas, já impressas, para discussão dos pareceres. Estes, serão distribuídos mais tarde em volume especial precedido das atas e relatório do Congresso.

Art. 9.º — Todo o Congressista terá direito a 50 exemplares do trabalho apresentado e caso desejar separata em maior número deverá mencioná-lo na folha de rosto da própria tese, enviando 1\$500 por exemplar.

§ único — As teses serão impressas na ortografia oficial.

Art. 10.º — O número de páginas dos trabalhos que deverão ser inéditas não ultrapassarão de 16 folhas tipo almagô, datilografadas de um só lado, com um espaço.

§ único — Os trabalhos deverão ser entregues até 20 de SETEMBRO DE 1940 E EM 3 VIAS.

Art. 11.º — A revisão do trabalho, sempre que possível será feita pelo próprio autor.

Art. 12.º — É lingua oficial do Congresso, o português. As discussões serão, sempre, em português podendo, porém, as teses, memórias ou monografias de autores estrangeiros ser redigidas também em outro idioma porém, neste caso, acompanhadas da tradução portuguesa assinada pelo próprio autor.

Art. 13.º — Os trabalhos obedecerão ao seguinte programa:

Dia 5 de novembro — às 10 h. a.m. solene abertura do Congresso no Salão Nobre da Prefeitura e leitura da relação de teses apresentadas, autores e comissões julgadoras.

Dia 6, às 18 horas: sessão dos Congressistas para discussão dos pareceres e moções. Local: Salão Nobre da Prefeitura.

Dia 7, às 18 horas: idem, idem.

Dia 8, às 18 horas: idem, idem.

Dia 9, às 20,30 horas solene ses-

são de encerramento no Salão de Conferências da Biblioteca Pública, durante a qual será lido o relatório do Congresso, nomes dos Congressistas e aderentes, títulos dos trabalhos apresentados e respectivos relatores.

Art. 14.º — As opiniões emitidas serão de exclusiva responsabilidade dos autores, não sendo, portanto, nem aprovados nem condenados pelos organizadores do Congresso.

Art. 15.º — Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos, de comum acôrdo, pelos presidentes efetivos e da comissão especial.

Nota: — Tõda correspondência e remessa de trabalhos deverão ser dirigidas ao Presidente da Comissão especial — Sr. Dante de Laytano, Museu do Estado — Pôrto Alegre ou ao Secretário do Instituto Prof. Walter Spalding.

Diretoria do Arquivo e Biblioteca da Prefeitura Municipal — Travessa Araujo, 170. (Ao lado do Hotel Majestic) Pôrto Alegre.

PROGRAMA DE ESTUDOS

O III Congresso de História e Geografia distribue seu programa de estudos em sete secções:

I Secção — Paleontologia, Arqueologia, Etnografia e Antropologia.

As investigações científicas desta secção não estão restringidas a um aspecto puramente regional.

1. Paleontologia: O homem primitivo — Crânios, mandíbulas e outros fragmentos fósseis — Problemas estratigráficos — Vegetais fósseis — Fauna das idades anti-

gas — Pintura rupestre — Pesquisas nacionais, estadual e nos países limítrofes — Bibliografia.

2. Arqueologia: Sambaquis — Estações líticas — Hipogeus e cavernas Mounds-builings — Pala-fitas — Escrita prehistorica — Bibliografia.

3. Etnografia: Os indígenas — costumes, tradições, agrupamentos das tribus, mitologia — O português e suas diferenciações no meio brasileiro — O negro, formação moral e social e aspectos físicos.

— O alemão e o italiano — Outros contingentes raciais: polonês, espanhol, russo, judeu, e etc. — Bibliografia.

4. Antropologia: Caracteres exteriores do homem, esqueleto, posição sistemática, anomalias, doenças, ornatos e deformações artificiais, desenvolvimento físico, sexo. Antropologia cultural — Bibliografia.

II Secção — Povoamento — Entradas — Sesmeiros — Genealogia e heráldica — Biografias.

Esta II Secção bem como as III, IV e V são dedicadas ao Rio Grande do Sul.

1. Povoamento: Século XVII — Sete povos das Missões — Formação dos primeiros núcleos no séc. XVIII — Novos elementos no séc. XIX — Ciclos — Áreas — Fronteiras.

2. Entradas: Caminho dos índios — Bandeiras paulistas — Itinerário dos lagunistas — Fixação dos açorianos — Pôrto do Rio Grande — Zona lacustre — Bacia do Jacuí — Espanhóis do Rio da Prata.

3. Sesmeiros: Origem do latifúndio — Formações do patriciado rural — Cartas de sesmarias — Proprietários — Localização — Significação como célula social.

4. Genealogia e heráldica. Biografia: Descendência das principais famílias sul-riograndenses — Titulares — Brasões — Vidas ilustres — Carreira das armas e sua importância cívica.

III Secção — Geologia, Geografia, Fauna, Flora e Clima.

1. Geologia: Geognosia, litologia e geotectônica — Geodinâmica,

agentes geológicos externos e internos, ação dos seres vivos — geo-história, diversas eras.

2. Geografia: Física — Econômica e Política.

3. Fauna e Flora: Espécies — classificação — Regiões — valor econômico — aplicação científica.

4. Clima: Climatologia — Clima biológico — Clima antropológico — Meteorologia.

IV Secção — Agricultura, Indústria e Comércio.

1. Agricultura: Épocas — Ciclos — Zonas de plantio — Gêneros de cultura — Braço negro — Colonização, pequena propriedade — Trabalhador nacional — lavoureiro — a granja.

2. Indústria: Indústria extrativa — vinícola — fabril — pastoreiro — outras indústrias.

3. Comércio: Importação e exportação — casas de comércio — salários — Problemas do contrabando — Gado — Meios de transporte — Vias de comunicação — correios e telégrafos — Finanças.

V Secção — Ciências, Letras, Artes, Religião e Ensino.

1. Ciências: cultura jurídica — Medicina — Engenharia — outras ciências — Filologia — variações dialetais, fonética riograndense e vocabulário.

2. Letras: Prosa e poesia — Cancioneiro — Imprensa — oratória — Vultos principais.

3. Artes: Artes plásticas — Trabalhos — Mobiliário — Música — Folclore — Dança.

4. Religião: Igreja Católica Apostólica Romana — Missões do século XVII — Oradores sacros — Outros cultos: as igrejas alemãs,

inglesas, ortodoxas, norte-americanas — A sinagoga.

5. Ensino: Primário, secundário e superior. Nacionalização do ensino — assistência escolar — Métodos, etc.

VI Secção — História de Pôrto Alegre.

Esta secção é dedicada á cidade de Pôrto Alegre. Sua origem setecentista — Evolução — Fatos notáveis — Povoamento — Importância social, econômica e política — administração — urbanismo, etc.

VII Secção — Avulsos.

Na presente secção serão incluídas as teses, comunicações ou demais trabalhos cujos assuntos não foram, porventura, previstos nas secções anteriores.

Adesões — Já aderiram ao Ter-

ceiro Congresso História: Artur Ramos, Leví Carneiro, Luiz Felipe Vieira Souto, Afranio de Melo Franco, H. Canabarro Reichardt, J. O. Pinto Soares, Paulino Jacques, Sousa Doca, Aurelio Porto, Eugenio Egas, Fernando Azevedo, Irio do Prado Lisboa, Irmão Gabriel Vitor, Gino Batochio, Alberto de Oliveira, Gaston Englert, Enio Freitas e Castro, José Grossman, Irmão Faustino, Gastão Dias de Castro, Renato Costa, Elpidio Paes, Gustavo Moritz, Aldo Obino, José Obino, Edgard Scheneider, Aristides Bitencourt (Pelotas), Abeillard Barreto (Rio Grande), Anacreonte Avila de Araujo (Tupaceretan), B. Caviglia Hijo, Luiz Morandi, C. Martinez Vigil, contra-almirante José Aguiar, Carlos Vaz Ferreira (Uruguay).

Um estudo riograndense traduzido para o hespanhol

O prof. Jací Tupí Caldas, destacado intelectual patricio, acaba de receber a seguinte carta:

El Cont. Alm. (R), José AGUIAR, saluda con su mas alta consideracion al eminente Sr. Professor Dr. JACY TUPY CALDAS y, en concimiento de su muy interesante articulo "GEOGRAFIA HISTORICA: Rio Uruguai", toma la libertad de molestarlo rogandole quiera autorizarlo para traducirlo y comentarlo, — muy parcialmente, — en la REVISTA MILITAR Y NAVAL nuestra. Si usted estuviera conforme insertaria tambien las reproducciones de al-

gunos otros mapas que usted menciona — (Mapa de Anville de 1748, Mapa de Ernot, Mapa de la Biblioteca d'Ajuda) — Tambien si lo desea no tendria inconveniente en hacerle conocerme traduccion y posibles comentarios antes de publicarlos. A titulo de excelente Embajador confio la entrega de estas líneas a nuestro distinguido y común amigo el Prof. Walter Spalding con la seguridad de que tendré exito. Se haría un folletito de unas diez páginas del que pondría algunos ejemplares a su disposición. Montevideo, julio 8 de 1940.

Posse do Presidente do Instituto Historico Brasileiro Sr. Embaixador José Carlos Macedo Soares

Recebemos um exemplar do boletim da centenaria corporação brasileira de estudos historicos contendo, alem das outras noticias da sessão solene de 8 de janeiro do corrente ano, os interessantes discursos dos Srs. Max Fleuiss e Pedro Calmon pronunciados por ocasião da posse do

Embaixador José Carlos Macedo Soares na presidencia do Instituto Historico.

O brilhantismo dessa reunião do Instituto Brasileiro é mais uma demonstração do prestigio que desfruta a tradicional Sociedade de historiadores do paiz.

Decimo aniversario do Instituto de Estudos Superiores - Montevideo - Uruguay

Completoou dez anos de fecunda atividade scientifica e intelectual o Instituto de Estudos Superiores da capital da republica irmã e publicou, em comemoração á data, interessante memoria.

Administrado por um "Conselho directivo" composto do Ing. Eduardo Garcia de Zuñiga (presidente), Dr. Domingo Giribaldo (vice presidente) e Dr. José C. Montaner (secretario), além de vogaes, comissão fiscal e uma direção geral, o Instituto vem realizando uma grande obra de cultura, tendo, mesmo, se representado em famosos conclaves como no Congresso Tomiseo de Roma em 1936, (Prof. Luiz Coll), III Congresso Sul-Americano de Quimica do Brasil em 1937 (Dr. Domingo Giribaldo e Germán Villar), II Congresso de Historia da America de Buenos Aires em 1937 (Dr. Pivel Devoto), Congresso Internacional de Criminologia de

Roma em 1938 (Prof. Luiz Llombart.), Instit. Intern. de Colaboração Filosofica em Paris (Dr. J. Carlos Mortaner), — Congresso de Criminologia de Buenos Aires em 1938 (Dr. J. Maria Estapé), Congresso Internacional de Horticultura de Berlim em 1939 (Dr. Guilherme Herter), Congresso de Psicologia Experimental de Roma em 1939 (Prof. Luiz Llombart) e o Dr. Curt Lange em missão cultural junto aos governos da Argentina, Chile, Colonia, Mexico e Brasil.

O Instituto mantem diversas notaveis sessões: Investigações musicas dirigidas por Curt Lange, de Filologia e Fonetica Experimental pelo Dr. Adolfo B. Garcia, Criminologia e ciencias afins pelo Dr. Elzear S. Gimfra, Fisico-Matematicas pelo Ing. Walter Hill, Invest. Botanicas pelo Dr. Guilherme Herter, Inv. Historicas pelo Dr. Pivel Devoto, Inv. Metereolo-

gicas pelo Dr. Luiz Morandi, História das Ciências pelo Prof. Pablo Schermann, Filosófica e Ciências da Educação — pelo Dr. José Montaner.

Publica atualmente o Instituto sete boletins: "Boletins de Ciências Naturaes", "Boletín de Filosofía e Historia", "Boletín de Criminología e Ciencias Afíns", "Boletín Latino Americano de Música".

São todas publicações regulares e além disso aparecem muitas outras de caráter periodico.

Para 1940 estão organizados os seguintes cursos: Hebraico, Grego classico, Latim, Arabe, Italiano, Alemão, Guarani, Fonetica-experimental, Literatura alemã, Música contemporanea estado unidense, Harmonia, Comentarios sobre o texto de alguns aspetos da

arte e do pensamento, Literatura Italiana, Historia das Religiões, Astronomia Geral, Historia dos partidos politicos do Uruguay, Quimica Coloidal, Teoria dos pares galvanicos, Constituição quimica e propriedades fisicas, Botanica Sistemática, "Ideário Pedagógico", Comentarios sobre Escolas Novas, Estudo do Inconciente, Antropologia criminal, Filosofia da Conduta, Psicologia Fundamental, introdução á sexologia humana, Fisica Matematica, Fundamentos da teoria de Funções, além de diversos ciclos de conferencias.

O Instituto de Estudios Superiores é um motivo de orgulho para a cultura continental e o Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul, por intermedio de sua revista, cumprimenta os dirigentes da notavel corporação uruguaia.

Bibliografia

GUERRA EM SERTÕES BRASILEIROS

J. O. Pinto Soares

1.^o volume — Papellaria Velha — Rio — 1931.

O autor deste trabalho historico é um illustre coronel do nosso exercito que tem se dedicado com profundo carinho ao estudo dos acontecimentos militares do Brasil.

Nesse trabalho nos aparece a historia do movimento de Santa Catarina, acalorada pelo fenomeno do fanatismo sertanista.

A ingloria campanha que monges espertos e ignorantes, peregrinos de regiões desertas, e que fizeram preciosas vidas se perderem, minuciosamente nos é narrada por Pinto Soares que possui todos os predicados de um autentico historiador.

Toda a obra está saturada de detalhes, de episodios que revelam uma inteligencia forte e habil no manejo da literatura historica. A luta do Contestado incorporou-se à historia nacional como exemplo de uma época de liberalismo demagógico e descontrolado.

Ao que já se conhece a respeito das ocorrencias dos sertões do Sul,

ao que já nos cantou Herculano Teixeira d'Assunção, Pinto Soares nos pinta novos quadros e estuda a ardua jornada que por tanto tempo preocupou os altos poderes do paiz na debelação do pernicioso mal. Dia a dia a literatura historica nacional vae se opulentando cada vez mais e pondo em relevo a cultura dos nossos homens de espirito patriotico.

O. S.

CONFERÊNCIAS — Adauto Câmara — João Cabral — Federação das Acadêmias de Letras do Brasil — F. Briguet & Cia. — Rio 1940.

Neste esplendido trabalho o escritor Adauto Câmara, membro da Academia Norte-Riograndense de Letras estuda a figura empolgante de Nisia Floresta e João Cabral, da Academia Piauiense de Letras, escreve sobre "A vis poetica na literatura piauiense". São duas admiraveis conferencias que sob os auspícios da infatigavel Federação foram proferidas na série que organisou e pôs em execução.

A' tão alta iniciativa não podemos restringir aplausos.

Com esse novo volume de divulgação dos valores mentaes do paiz, a Federação das Academias de Letras do Brasil presta mais um grande serviço à cultura nacional.

Nisia Floresta, esse admiravel espirito feminino que a intelligencia de Adauto Câmara tão bem destacou e pôs em relevo, é uma rara capacidade mental, uma alma que bem merece a consagração da posteridade.

Filha do Norte, viveu longos anos em Porto Alegre e aqui extravasou seus melhores sentimentos afetivos. O destino carregou-a para outras terras e na Europa viveu largos momentos de espiritualidade. As facetas de sua gloria e angustia que a vida lhe deu, de uma felicidade precaria, Adauto Câmara nos revela magistralmente.

João Cabral nos canta outro tanto da via poetica do Piauí. E' um estudo consciencioso dos poetas do culto estado do norte, onde os intellectuais se avolumam em manifestações de legitimas correntes pensantes.

Com isso divulga João Cabral um grupo de poetas os mais brilhantes e os mais inspirados desde os liricos até os parnasianos e mesmo modernistas.

E' um trabalho de critica e de consagração o que nos oferece o illustre homem de letras João Cabral e que muito se recomenda por tudo o que nos conta a respeito dos seus irmãos de arte do glorioso Piauí.

O. S.

HOMENAGEM A MEMORIA DO
CONDE DE AFONSO CELSO —
Boletim do Instituto Historico
e Geografico Brasileiro — Im-
prensa Nacional — Rio — 1939.

Com a morte do Conde de Afonso Celso de Assis Figueiredo occorrida o ano passado perdeu o Brasil não só uma alta cerebração intellectual mas um homem que estava ligado a uma geração historica brilhante. Membro do Instituto Historico Brasileiro ha longos decennios, sendo seu presidente perpetuo e fazendo parte da Academia Brasileira de Letras, Afonso Celso era assim um vulto glorioso que muito honrou a cultura brasileira.

O Instituto Historico Brasileiro prestou-lhe agora a homenagem postuma reunindo em volume tudo o que foi dito pela imprensa e na tribuna a respeito desse nobre espirito do pensamento nacional.

O que se contem nesse "in memoria" representa um material magnifico como subsidio para a futura biografia do saudoso e imortal brasileiro.

Afonso Celso foi um legitimo poligrafo, um honesto e infatigavel investigador de todos os acontecimentos historicos. Exercitou a poesia de forma inescdível Foi tanto poeta como historiador e sua grande sensibilidade se extravasa estuante nos versos que nos deixou.

Com a publicação que temos a vista o Instituto Historico Brasileiro rende a mais legitima das homenagens ao homem cheio de virtudes que nos deixou um lega-

do literario e moral de tanto brilho que a posteridade saberá perpetuar e glorificar dandolhe o volume do seu incontestavel merecimento.

O. S.

MEMORIA DE JOÃO DAUDT F.^o
— II edição — 1938 — Rio.

João Daudt F.^o é um dos raros riograndenses que vive no Rio de Janeiro ha longos anos sob uma intensa espiritualidade de arte e de emoções de beleza. Ligado ao nome desse admiravel Felipe d'Oliveira, João Daudt F.^o quiz, em plena e fecunda maturidade, deixar seu livro intimo, seu livro de saudade, escrevendo suas memorias.

Dai nasceu o escritor que nunca se manifestara, nunca quizera ensaiar-se mas que afinal agora nos dá essa regia contribuição literaria.

Escrever memorias como as escreve João Daudt F.^o não é tarefa facil. O que nos conta o autor em seu precioso livro é de uma forma amena, que encanta o leitor, que parece dissedentar as almas de uma curiosidade que nunca existiu.

Ha depois esse subsidio biografico admiravel ao evocar o infortunado Marcelo Gama, o grande poeta que pela forma e estesia, tanto se distancia dos poetas da sua geração. Quem não se sentirá apaixonado ao lêr as paginas evocativas de uma mocidade que vae longe, quando João Daudt nos fala de Santa Maria a "Morgada Gentil dos Montes Verdes."

E' o ciclo do encanto profundo,

da adolescência, com os episodios da juventude, das maldades ingenuas, dos desejos pueris que se transformam em doces esperanças que afinal são as que oferecem consolação a todas as amarguras e desditas.

João Daudt F.^o nos conta tudo isso, os pequeninos quadros da menepice, até a seriedade dos ideais seguros desfeitos em tempestades divinas, em realidades que orientam e purificam.

Pedaços e inicios de vidas, fins de vidas, retalhos de destinos para, na curva extrema formar essa unidade completa do homem que cresceu, lutou e venceu.

Sendo um livro familiar, pessoal, um relicário de recordações, é simultaneamente um livro que ficará integrado na historia da nossa literatura.

A II edição desse livro não basta. Ha muitos espiritos avidos de possuir esta obra e sua tiragem será repetida para que melhor se divulgue esse curioso trabalho que encerra a historia de uma vida fecunda, de uma grande vida que tanta gente admira e aplaude.

O. S.

"EL CONCEPTO ESCOLASTICO
DE LA HISTORIA"

LUDOVICO D. MACNAB

Monografia Universitaria do Instituto de Filosofia da Universidade de B. Aires

ABRIL DE 1940

Magnifica é a tese doutoral apresentada á Faculdade de Filo-

sophia e Letras da Universidade de Buenos Aires e que obteve o premio "Carlos Octavio Bunge" por Ludovico Macnab.

"O conceito escolastico da Historia" é uma monografia com todos requisitos científicos de uma tese desse feitio. Não contando mais de 75 paginas em tipo medio de tamanho, esse trabalho caracteriza-se pela qualidade de elaboração. Num seculo como o nosso em que o pensamento desmediu-se ainda mais em sequencia de todas as ruturas, de toda a disciplina que dá ordem e unidade, dá gosto ler-se um trabalho como esse de pensamento contido, dentro de uma expansão disciplinada. Mais ainda: embora Ludovico Macnab estude o tema em foco sob a luz da orientação intrinseca e extrinseca da Escolastica, não encontramos uma elaboração exclusivista e estreita. Provamos e verificamos o alegado tendo em vista a bibliografia que o autor nos apresenta no fim da obra. Aí aferimos o lastro informativo, as fontes que compulsou Macnab. Partimos das Sumas de Tomaz de Aquino, passamos por "Varios opusculos" do Mestre Comum da Igreja Catolica, encontramos as obras "A cidade de Deus" e "Confissões" de Santo Agostinho. Ao lado dos dois faróis da sabedoria cristã, Macnab estuda a filosofia de Benedetto Croce, G. Vico e Giovanni Gentile pelos estudos do grande Chiochetti. São arroladas ainda obras de Jacques Maritain, Garrigou Lagrange, Noel, Roland Gosselin, Vitor Cathrein, Grabmann. Lá estão "Opera Omnia"

de Aristoteles e as anotações do curso de Historia da Filosofia de Casares. Encontramos tambem os trabalhos de Vismara sobre a historia na filosofia de Spinoza e o conceito da historia no pensamento escolastico, de Grabmann, de Mercier, Donat, Boyer, Hugon. As historias da filosofia de Gonzales, Klinke, Geny. Sobre o assunto em foco, lá está "Il concetto di Storia nella filosofia scolastica de Besetti. Surgem, mais além, as obras referenciais de Boissier, Brillant a "Teoria e storia della storiografia" de Benedetto Croce, a "Metodologia y critica historicas" de Garcia Villada, a "Storia, filosofia della storia scienza della storia" de C. Ottaviano, "Sul concetto di obbiettività nella Storia" de Padovani, "La filosofia della Storia e la "Città di Dio" de Ruotolo, "La filosofia della Storia" de Sawicki e "The perspective of the history of today" de Sargeant. Não citamos essa bibliografia para encher espaço. Queremos com isso evidenciar que Macnab é um escolastico no sentido pleno da expressão.

Consulta todas as fontes catolicas sem preconceito de escola. Fóra do movimento universalista do cristianismo, vemos o manuseio de obras não cristãs do vulto das de Croce. A não exploração dos veios germanicos compreende-se, pois o crocismo é um néo-hegelianismo e o movimento alemão é, no seu laicismo, exponenciado pelo néo-hegelianismo, que tanto anima as ciencias culturais.

Ludovico Macnab emprega uma metodologia rigorosa e uma logica formal que não se abandona. O

espírito critico vai comandando tudo, levando em conta as fontes, os dados, a interpretação e os criterios de verdade, na sua graduação crescente e decrescente.

Preambularmente, o monografista estuda as concepções da História e define a posição de sua tese que é filosofica, pois tende a determinar o tipo noetico e o valor da historia, seu alcance e seus limites como um determinado conhecimento e disciplina humana. Trata-se de uma trabalho semelhante ao que realisa em outro setor o filosofo, quando na epistemologia busca determinar o tipo genoseologico, o valor, o alcance das ciencias.

O autor esquematiza, em seguida, as varias concepções da historia diferentes da visão escolastica da historia, tendo por criterio de classificação a idéa de liberdade, negada ou admitida de um modo ou de outro nos varios sistemas que sustentam tais teorias.

São passados rapidamente em revista as concepções materialista, positivista, progressista, idealista e a da liberdade exagerada. São elas sustentadas, respectivamente, por Karl Marx, Augusto Comte, Condorcet, Croce e Rousseau, isto só para referirmos os vultos que a caracterizam com uma distinção que basta objetivamente.

Ludovico Macnab propõe, em proseguimento, a concepção que adota: a doutrina escolastica da historia que se funda na realidade humana individual e social, no valor que attribue ao conhecimento

e no estudo de Deus e de seus attributos. Da conjunção destas verdades, com todas suas implicações, surge o conceito critão-escolastico da historia como um processus dos acontecimentos humanos, todos eles com suas correspondentes causas imanentes e transcendentess, não regidos por leis necessarias como os acontecimentos do mundo irracional, sinão determinados (em muitas ocasiões ao menos) pela livre vontade individual, embora regidos por leis de probabilidade baseadas nas naturais inclinações humanas, paixões, hábitos, meio ambiente, educação, etc., que permitem não poucas vezes prever com uma certeza moral os acontecimentos futuros.

Sem prejudicar em nada a causalidade imanente da historia (o homem e os fenomenos da natureza com ele entrelaçados na historia), intervem a causalidade transcendente e livre também de DEUS, que com sua divina Providencia rege os destinos humanos aos fins por Ele concebidos e predeterminados de toda a eternidade.

Macnab esboça as prenoções necessarias para os alicerces de sua construção científica. Expõe o filosofo argentino o sentido escolastico que têm a filosofia e a ciencia considerada em si. Vem, em seguida, o conceito moderno da filosofia e da ciencia. Passamos pelo alcance da necessidade encerrada no principio de causalidade. São fixadas, ainda, as necessidades metafisicas, fisicas e morais. Analises e sumulas precisas são registradas pelo disciplinado e lucido ensaista.

Dadas as prenoções, passamos para a realidade e conhecimento dos fatos históricos. Posto isso, Macnab apresenta a tese de ser o conhecimento histórico irreduzível à ciência, pois que ele não poderia chegar a constituir uma ciência estritamente tal. Interrogando se poderia falar de uma História como ciência no sentido lato, o pensador argentino pondera que História tão pouco é ciência no sentido escolástico e a presciência e a providência, que outorgam a Deus um conhecimento infalível dos fatos históricos, tão pouco constituem um conhecimento estritamente científico.

Ludovico Macnab envereda, aqui, para uma determinação positiva do tipo noético da História. Vem as tres acepções do ser: os de razão, os reais e os morais. Somos introduzidos na estrutura do universal por onde vemos que toda idéia encerra um aspeto real que é seu conteúdo, sua matéria (único) que se atribue à realidade e outro puramente mental, que é sua forma de universalidade, com que se encontra na inteligência. O ensaísta estuda a realidade histórica e seu conhecimento, mostrando que ela é individual, que a história busca as causas e efeitos dos fatos e trata da possibilidade de um conhecimento causal da realidade histórica, e propõe a tese de ser a história um conato de ciência, no sentido escolástico.

E' que a história não pode abandonar o fato individual como as demais ciências. Todas as causas que indaga têm seu ponto de apoio no fato humano da crônica, que

ela trata de esclarecer deste modo. Mesmo que pudesse chegar à penetração perfeita das causas (coisa impossível a uma inteligência conceitual como a nossa, que carece de uma intuição da realidade individual), ideal a que tende a história, ainda assim o fato histórico individual não ficaria perfeitamente determinado de antemão e com absoluta necessidade como nas ciências. Sempre que o homem não renuncie a seu obrar específico se encontrará com um fato, com um resíduo mais ou menos grande de indeterminação causal não redutível e que foi superado pela liberdade. E' claro que ainda então, a história dá ao fato uma explicação causal total ao assinalar a intervenção da liberdade, já que a vontade livre é também uma causa. Porém, em todo caso, semelhante causa só se pode assinalar depois de ocorrido e a partir do fato e não de antemão e como determinando-o inexorável e necessariamente, de direito, como nas ciências.

A aspiração da história para a universalidade das causas, a explicação causal perfeita dos fatos, a um saber científico do desenvolvimento histórico, contrastada sempre e essencialmente pela intervenção da liberdade na posição definitiva do fato histórico, cuja determinação escapa por isso mesmo a uma explicação integral causal, no sentido científico-escolástico (de que postas as causas, deve seguir-se necessariamente o efeito), é o que caracteriza e define o saber histórico como uma aspiração ou conato nunca realizado e além

disso irrealizável até a sistematização e determinação científica do fato por suas causas.

E o grande conceituador da história encaminha-nos para a filosofia da história, propondo primeiramente a possibilidade da mesma. Em seguida, Macnab mostra como a metafísica da história se organiza sobre a causa final do vir-a-ser humano, como o fim último do homem é a norma ou critério de valoração histórica e como se verifica a intervenção de Deus na História.

O ensaio de Ludovico Macnab, de um brilho argentino, é encerrado com uma conclusão em que mergulharemos, afim de caracterizar e bem arrematar esse registro de uma obra sem dúvida vultosa para a literatura internacional.

A história, em definitivo e sob a luz da causa final suprema, aparece como uma obra divina e humana, como a realização do fim último de Deus na criação do homem, mediante a intervenção da mesma atividade humana conduzida sem despreço de sua liberdade por sua divina Providência; e ao mesmo tempo como a tendência da vontade humana e do homem para sua perfeição e felicidade, até seu bem, por caminhos que, às vezes, realmente a ele não conduzem e até se lhe opõem e destroem, porém sempre sob o concurso e positiva moção divina, que, penetrando até o mais íntimo da vontade humana, usa dela como de instrumento para lograr infalivelmente seus designios, sem liquidar ou diminuir por isso sua liberdade.

Macnab analisa a predeterminação divina e a ação livre do homem, respetivamente, a sua necessidade e a sua contingência, finalizando tudo com a reflexão de que a História, que no plano das causas próximas, não pode conseguir erigir-se em ciência por não poder obter um conhecimento dos fatos por suas causas necessárias, no plano metafísico das causas últimas é uma verdadeira ciência no sentido escolástico, enquanto toda ela aparece predeterminada *ab aeterno* até em seus menores detalhes nos decretos divinos e conforme esses e sob a premoção divina, executada no tempo de um modo infalível pela vontade livre humana, como a realização perfeita do fim também "*ab aeterno*" preestabelecido por Deus.

Tal é o magnífico e bem travejado ensaio de um agudo pensador argentino, de formação tomista e, assim, católico no genuíno sentido da denominação.

A. O.

JORGE R. ZAMUDIO SILVA
JUAN MANUEL FERNANDEZ
DE AGUERO

PRIMER PROFESOR DE FILOSOFIA DE LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES

Monografía universitaria do INSTITUTO DE FILOSOFIA da Universidade de Buenos Aires — 1940

Trata-se de uma tese doutoral apresentada á Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de

Buenos Aires e adaptada para servir de Prólogo á edição dos "Principios de Ideologia elemental, abstrativa e oratoria" de Juan Manuel Fernandez de Agüero.

O estudo monografico em fôco é uma contribuição positiva á historia da cultura argentina, com o proposito especifico, de documentar criticamente a vida e a obra do primeiro professor de filosofia da Universidade de B. Aires.

De acordo com a natureza do fim proposto, os elementos historicos predominam sobre os puramente filosoficos, para dar assim as bases que tornem possivel uma apreciação especulativa do sistema de idéas de Agüero.

Esse primeiro trabalho científico de Jorge Zamudio Silva no tema e bases da tese teve a indicação do mestre do ensaísta que formulou um plano para a interpretação sistematica de pensamento filosofico argentino já ha tempos, pelo qual, partindo da investigação serie e previa da historia, ausente em muitas e valiosas contribuições, culmine na critica especulativa, sem deixar de atender ao momento historico e á particular modalidade da evolução argentina das idéas.

Foi por tal plano que se norteou Jorge Zamudio Silva que, além dos ensinamentos de don Coriolano Alberini, contou ainda com a sugestão de don Luiz Juan Guerrero do qual recebeu bastante disciplina mental, dando a seu ensaio a estrutura de um solido ensaio.

O estudo de Jorge Z. Silva começa pela vida de Juan Manuel

Fernandez de Agüero, bosquejo processado com grande contingente de noticias fidedignas obtidas aos arquivos e bibliotecas. Os documentos que faltaram foram compensados, em alguns casos, com as inferencias feitas sobre outros.

Colocado Fernandez de Agüero numa situação singular na historia da cultura argentina, sua vida é esboçada com um zeloso cuidado de fidelidade demonstrado pelas provas arroladas.

Caraterizando Juan Manuel Fernandez de Agüero em relação aos outros Agüero, o ensaio em questão apresenta como resultado da investigação feita que o poeta não é Juan Manuel Fernandez de Agüero professor; que este talvez tenha sido parente do Capelão da Real Armada e que, em todo o caso, nenhum dos dois tiveram outras semelhanças que as do nome, o sacerdocio e a licenciatura na Sagrada Teologia, o que já bastante surpreendente.

A formação intelectual de Juan Manuel F. de Agüero constitue o objeto do Capitulo III da monografia. Contemplada á distancia, a vida de Fernandez de Agüero se apresenta ao estudioso como um produto intelectualizado da terra argentina: ligado á nativa pelo pezo quasi iniludível da mentalidade, se desvincula dela para atender, com vigor e com paixão, á nova e definitiva patria.

Poucos espanhoís como ele sofreram os contrastes da politica nacional. Ainda que a análise de sua obra científica nos revele erros, desvarios e contradicções, não se pode separar, ao estudá-la, do incon-

fundível sentimento de uma total formação revolucionaria.

Si atendemos tão somente aos diversos periodos de sua vida, notamola em constante attitude de captação intelectual. Filho legitimo de São Carlos, perquiridor de idéas até a Revolução, observador e partidario desta, se descobre filosoficamente quando é introduzido pela porta da aula ao periodo historico mais ilogico, si é que a historia está presidida pela logica escolar, porém mais inquietante, desde Maio até a tirania.

Teve a sorte de nascer e viver nas fronteiras do tempo pelo que não é justo exigir, nem numa critica inflexivel, a serenidade nem o metodo do investigador, socegado na amplitude do pensamento. Em verdade, homem de transição, toma a esta como sua posição normal, porque sua psicologia não lhe permitira de ausentar-se da turbulencia, de que ele mesmo era participante.

Seria inutil buscar nele e rasgo heroico, tão carateristico nos que intervieram no labor formativo de Maio até Rosas, porque é o sinal que imprime essa epoca aos que a viveram.

E' bastante dizer que constitue um reflexo fiel e variado das reações que a mentalidade de Buenos Aires sofre desde o fim do seculo 18 até 1830, não só emquanto homem de ciencia e homem politico, mas tambem como sacerdote, entregue desde 1810 á propria interpretação canonica, membro de sociedades literarias suspeitas, regalista e baluarte da reforma ecclesiastica de 1822, heretico por ha-

ver atuado contra o regime do Index e sobretudo por sua orientação filosofica, nos limites inconfessados do cisma e no fundo cismatico.

O tema das atividades poeticas e docentes de Juan Manuel F. de Agüero nos mostra que ele não foi poeta nem deu mostras de tal vocação.

De sua passagem pela cathedra de filosofia do Colegio de São Carlos, ha a noticia do manuscrito em que fixou o ensino daquela epoca. E', sem duvida, lamentavel seu desaparecimento ou desconhecimento do logar em que possa achar-se o manuscrito ou copia, pois não foi impresso. Este documento revelaria o valor de suas afirmações de 1822, com respeito a suas idéas filosoficas e politicas e nos permitiria apreciar o gráo de sua evolução, desde maio de 1810. Só conhecemos seu titulo, nas variantes que nos dá Gutierrez, mencionadas anteriormente.

Desde essa manifestação inicial e filosofica para uso escolar, transcorreram 17 anos até que volva a escrever outra com o mesmo objeto e 19 para que seja publicada a primeira parte. Dela occupa-se o autor mais adiante.

A analise da atividade legislativa de Juan M. Fernandez de Agüero nos revela que nem uma só vez reluz nas suas intervenções politicas o professor de filosofia, nem ha um só traço em que transpareça o gesto de dominio. A constancia de seu labor o mostra, na função legislativa, como um ideologista sem estridencias e sem

desprendimento da realidade concreta. Seus principios são formulados com amplitude de doutrina, porém limitados á sua possível applicação pelo meio pratico da lei.

Nada afirma o ensaista sobre seu estilo e sua oratoria. Sua palavra está ligada á redação impessoal e descolorida do registro. Só reflete a emoção que o leitor supõe adequada ao assunto e reduzida a uma serie de clausulas separadas por meio de uma ortografia e uma sintaxe de antanho.

O Capitulo VI versa sobre os "Principios de Ideologia Experimental, Abstrativa e Oratoria". Trata-se de uma descrição bibliografica de sua obra em 4 tomos: a Logica, a Metafisica, a Retorica e o Extrato Analitico.

A documentação da vida e da obra de Fernandez de Agüero é completada com os juizos que mereceu sua posição e ensino filosoficos. Com o mesmo criterio com que ordenou os documentos, Jorge Zamudio Silva dispõe todas as criticas em ordem cronologica.

Os juizos criticos se dividem em: 1.º referentes á primeira obra de Fernandez de Agüero, de 1805, quando foi professor; 2.º os officiais, contidos nos documentos governamentais e ecclesiasticos; 3.º os periodisticos e 4.º os bibliograficos, a) de ordem geral e b) de ordem especial ou que têm esse caracter, ainda em obras gerais. Zamudio Silva os reproduz objetivamente de modo sinotico quasi, ainda ressaltando a possibilidade da existencia de outros juizos menos importantes.

Tal é a primeira parte da monografia em resenha.

A segunda parte inicia-se com o estudo do pensamento Ideologico na epoca de Rivadavia.

Aí Jorge Zamudio Silva entra a historia de Fernandez de Agüero, até então circumscriita á junção de datas e de juizos criticos, na historia geral do pensamento de sua epoca.

A Ideologia, escola franceza do sec. 18, é estudada na sua penetração no Prata no começo do sec. 19. Reação poderosa contra o racionalismo, este proporciona-lhe, sem embargo, fundamentos serios para constituir-se.

De toda exposição, a consequencia é a sugestão da penetração no pensamento intimo que presidiu a mentalidade argentina nos momentos iniciais, para observar de perto o fenomeno do choque de idéas de sua assimilação e das formas concretas que têm tido no ato mesmo em que o governante as applica em suas funções.

Uma exemplificação feliz da afirmação é essa de Alberini que mostra como a geração de 1810, institucionalista inspirada em Montesquieu, foi combatida pela geração romantica que se nutre no historicismo, acentuado pelos criticos do iluminismo. Os primeiros vêm a organização politica teorica, com seus poderes separados e harmonicos; os outros descobrem a realidade local, com seu homem, com sua terra, com seu clima, que particularisa o progresso dentro das proprias condições teluricas e humanas.

Durante muito tempo na interpretação da historia argentina, os pensadores viveram nos extremos de sua construção: ou simples documento ou simples conjectura especulativa. São singulares, entre estes dois tipos, Paul Groussac, que ignora agressivamente o pensamento filosofico e Alexandre Korn, que ignora desdenhosamente a historia documental. O primeiro é um formoso exemplar da clareza gauleza e o segundo uma bela conversação sobre a filosofia de uma historia que desconhece.

Passamos, depois, para a análise critica dos "Principios de Ideologia". Escritas com fins didaticos e politicos, as lições de Fernandez de Agüero podem ser consideradas sob cinco aspetos importantes: seu conteúdo filosofico, sua posição religiosa, seu conceito politico, suas idéas educacionais e, por ultimo, sua expressão literaria, tudo isso explicado só pelo objetivo simplificador pois suas idéas religiosas, politicas e educacionais, derivam de sua posição filosofica e esta, em muitas partes, seria incompreensível si não atendessemos ás particulares contingencias historicas.

A filosofia é estudada com muito realismo critico nos motivos a Logica, a Metafisica e a Retorica. Compreende-se plenamente como surgiu e desdobrou-se o pensar de Agüero.

A Religião é um topico que nos mostra foi apostada e desejou um cristianismo primitivo, ligando-se á interpretação da filosofia racional e fisiologista de Cristo.

A Politica é um traço que nos

revela Agüero como o ideologo: constroe um Estado de governo culto, presidido pela liberdade, iluminada pela instrução; os deveres do cidadão se diluem no unico anelo de realizar sua felicidade.

As idéas educacionais de Agüero constam em sua propria doutrina. E' iluminista, e o progresso indefinido não se obtem sinão com o aumento do saber, que em essencia o proporciona a escola, cuja evolução lancasteriana merece elogios altisonantes.

Em sua obra predomina a urgencia da clareza e a resolução das maneiras latinas em formas castelhanas, acessiveis aos discipulos; escrita para ser lida em voz alta, seu tom medio é declamatorio porém agradável e em geral não tem obscuridades gramaticais. Ele domina o instrumento verbal.

Conclusões. Lafinur, Fernandez de Agüero e Alcorta.

Lafinur é antes um amante da Ideologia do que um ideologo. Seu entusiasmo é maior do que seu saber. Lafinur é ecletico mais por não estar informado do que por simpatia.

Fernandez Agüero, por seu largo e constante comercio espiritual, de fundas raizes na filosofia escolastica, aprendida e ensinada com agudeza de filosofo, realiza uma critica ativa e defensiva da Ideologia, sem convicção intima, se bem que muito bem informado da concepção.

Agüero é o que mais se aproxima de um professor moderno de filosofia.

Alcorta representa o equilibrio ideologista em Buenos Aires. O seu tom medio é medido, sem labirintos bibliograficos. O que ensina é o produto de uma convicção sensata e livre de enigmas. Para ele, ideologo organico, os problemas estão resolvidos por sua mesma escola e não se inquieta pela origem, pelas derivações ou parentesco do que vai ditando.

Lafinur é o ecletico por falta de informação. Aguero é o critico sem convicção, porque encontra na Ideologia armas para suas posições religiosa e politica e Alcorta é o ideologo puro e textual.

Os dois primeiros são, sem duvida, os que mais interessam, pela luta interna das idéas, que suas lições manifestam; ás vezes esta pugna toma aspecto de "corpo a corpo", quando o influxo renovador cai sobre as formas tradicionais do pensamento. Em Lafinur se resolve num amalgama, que embora pareça infantil, é uma concessão ultima á escolastica e em Fernandez de Aguero, num silencio quasi acusador.

Alcorta, livre, diremos, não tem aquelas reservas, integralmente ideologista transmite as lições sem apuro e sobressaltos. A escola se fez órgão e o professor a ensina como axioma.

Tal é, em sintese extraida dos sulcos mais profundos da obra de Jorge Zamudio Silva, a monografia sobre "Juan Manuel Fernandez de Aguero", que é encerrada com uma referencia ligeira aos dois ideologos chilenos: J. Miguel Varas y Ventura Marin.

Concluindo: Fernandez de Ague-

ro não foi um creador filosofico; não elaborou, mas só adotou e adaptou bem a filosofia iluminista ao ambiente intelectual de sua época.

E' ele um ideologo reticente e um espiritualista "vergonzante".

Não podemos, entretanto, desconhecer que seu ensino da Ideologia constitue a melhor exposição desta corrente, até então hermetica, por um pensador de formação intelectual americana.

Sua capacidade educadora, de transmitir principios filosoficos, deu-lhe autoridade para desempenhar com suficiencia a cathedra universitaria. E recordemos que na historia da cultura argentina, é o primeiro professor de filosofia da Universidade de Buenos Aires.

Tal é a tese magnifica de Jorge R. Zamudio Silva estruturada com um vigor cientifico optimo e cimentada por um espirito rigorosamente reflexivo e critico e clarificada por uma lucida e sobria inteligencia argentina.

A. O.

TRANSCENDENTALIZACIONES

MATEMATICAS ILEGITIMAS, — por Carlos Vaz Ferreira. — Instituto de Filosofia — Buenos Aires, 1940.

A Universidade de Buenos Aires tem, ultimamente, publicado notaveis trabalhos pela Faculdade de Filosofia e letras — Filosofia Contemporanea. — O livro que

nos remeteu ultimamente — *Transcendentalizaciones matematicas ilegítimas*, do ilustre diretor daquela Faculdade, Dr. Carlos Vaz Ferreira, é trabalho magnífico que tem por fim estudar a “nova lógica denominada *não aristotélica*”, lógica falsa que o autor estuda e examina com proeficiência notável.

E', este trabalho, digno dos mais acurados estudos dos competentes e dedicados, especialmente mestres, — à lógica e à filosofia em seus variados aspetos.

W. Sp.

MACHADO DE ASSIS, — Estudos e ensaios de diversos. — Publicação da F. A. L. B. — Rio de Janeiro, 1940.

Trata-se de magnífico volume com ensaios de José de Mesquita, O. Martin Gomes, Focion Serpa, Lindolfo Gomes, Ciro Vieira da Cunha, Ari Martins e Caio Tacito, sobre Machado de Assis.

Estudaram esses ilustres intelectuais a vida e a obra do grande autor de Dom Casmurro sob os mais variados aspetos: José de Mesquita consagra seu trabalho às mulheres na obra de Machado; Martin Gomes examina-lhe a vida e a obra; Focion Serpa estuda o cronista de “A Semana”; Lindolfo Gomes consagra-se ao vocabulário do autor de Quincas Borba; Ciro Vieira da Cunha dedica-se ao exame da correspondência; Ari Martins estuda o teatrólogo, e Caio Tacito o humor machadeano.

São capitulos magistraes esses

que valem, cada um, por alentado volume resumindo, como resumem, com precisão e clareza não só o que se tem escrito sobre Machado de Assis, mas ainda aspectos novos descobertos por cada um desses brilhantes ensaistas que a Federação das Academias de Letras do Brasil reuniu em volume.

W. Sp.

BARÃO DE ANTONINA, apontamentos genealogicos de *Frederico de Barros Brotero* — S. Paulo, s/d.

O Barão de Antonina, figura eminente do Brasil Imperio bem merece o estudo metuculoso e consciencioso que, através a genealogia do insigne politico brasileiro.

A genealogia é fonte perene da historia e é nela que se encontra o mais puro filão psicologico para a interpretação da história, mormente quando esses estudos genealogicos são feitos com carinho e exatidão e firmados por um Brotero, um Mesquita um Negrão, um Felizardo, um Teixeira de Carvalho, um Moya, um Bueno de Azevedo ou outros criteriosos genealogistas como os citados a esmos.

E' por isso que, sempre, louvamos os estudos genealogicos, e em especial quando tem como este, a perfectibilidade e a assinatura e a garantia de um nome que é padrão glorioso nos estudos genealogicos do Brasil — Frederico de Barros Brotero.

W. Sp.

DISCURSOS, por *Adhemar de Barros*. — Edição da D. P. P. S. P. — (São Paulo, 1940)

Encerra esse volume, nas suas 222 paginas os discursos pronunciados pelo Dr. Adhemar de Barros na interventoria de S. Paulo, de 1938 a 1939.

Discursos magnificos, cheios de fé e de são patriotismo, esses do Dr. Adhemar de Barros são verdadeiros modelos, paginas encantadoras que bem merecem a consagração das antologias para ginasios e collegios.

Todos os assuntos, inclusive literatura, educação, diplomacia, vida operária e religião aborda o sr. interventor paulista com precisão deixando, sempre, à mostra seu espirito profundamente patriótico.

Um belo e excelente livro.

W. Sp.

MEMORIA que al honorable presidente de la Republica Dr. M. J. Troncoso de la Concha, presenta el Mayor General *José Garcia*, M. M. — Ciudad Trujillo — Rep. Dominicana, 1940.

Trata-se do relatorio apresentado ao presidente da Republica Dominicana pelo Secretario de Estado do Interior e Policia, da Republica irmã, do mar Caribe.

Através esse Relatorio nota-se o grande desenvolvimento da Republica de S. Domingos não só material, como espiritual e intelectualmente. Não é em vão que S. Domingos forma na vanguarda das

Republicas do antigo "mar dos Sargaços".

E' um trabalho digno de nota, que honra seu autor e o país.

W. Sp.

ATAS DA CAMARA DA CIDADE DE SÃO PAULO — 1853 — 1854 — Vol. XL. — S. Paulo, 1940.

Enorme e digna de todos os encomios é a atividade do Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo. Suas publicações, valiosas e preciosas, — desde a Revista do Arquivo, às atas da Camara e demais obras e documentos que divulga, — bem, merecem do Estado de São Paulo e da Patria comum pelo sentido e pelas preciosidades documentais que encerram.

Para se estudar um estado, sua cultura, desenvolvimento e sentido historico, nada melhor do que as Atas das Camaras. Por isso é que S. Paulo é dos Estados mais conhecidos do Brasil: divulga seus cimélios e incumabulos e ensina a seus irmãos do Norte e do Sul o valor da documentação não só para a historia, como para o presente.

W. Sp.

REVOLVENDO O PASSADO — pelo general *Augusto Tasso Fragoso*. — Rio, 1940.

Folheto formato grande, de 22 paginas em duas colunas, encerra as reminiscencias do então cadete

Tasso Fragoso, sobre a proclamação da Republica. Depoimento de grande valor, não se poderá dispensa-lo para escrever a historia do 15 de novembro, pois o sr. General Tasso Fragoso, dá-nos alguma novidade e retifica erros que a exaltação do momento divulgára e a preguiça de "historiadores" sancionara sem pesquisar ou, pelo menos, perquirir.

E', por isso, valiosa esta contribuição.

W. Sp.

O CEARÁ, por *Raimundo Girão* e *Antonio Martins F.º*. Fortaleza, Ceará, 1939.

Do governo do Estado do Ceará recebemos um exemplar desta magnifica publicação que encerra, em suas paginas, não só a historia do Ceará, como, sob todos os aspetos, a vida passada e presente do estado nordestino. E' obra de grande merito feita com cuidado, bem colaborada, de forma a fornecer ao leitor o mais perfeito conhecimento daquele Estado. Não seria demais organizar cada Estado do Brasil uma publicação semelhante.

W. Sp.

JOHN STEINBERCK — "RATOS E HOMENS" — Coleção Nobel — EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO — Porto Alegre.

Deve-se á Editora Globo o contato intelectual do famoso escritor norte-americano, John Steibenck, com o grande publico brasileiro.

Os leitores do nosso pais vão pouco em pouco conhecendo os valores reaes da literatura universal atraves de honesta seleção bibliografica.

Estamos deante de um estilista vivo, agil e compreensivo, sem nebulosidade e envolvente pela pintura do verdadeiro. O enredo desse livro é dum sabôr humanamente tragico porque narra a aventura de um homem possante que ao acariciar apenas por sentimentalismo volutuoso transforma um gesto numa desgraça.

O cinema yankee nos deu essa encantadora novela com o titulo de "CARICIA FATAL".

A tradução portuguesa do livro de John Steinbeck é de Erico Verissimo, o que basta para recomendar a edição. D. de L.

ERNST GLAESSER — "O ULTIMO CIVIL" — Coleção Nobel — Edição da LIVRARIA DO GLOBO — Porto Alegre.

Romance palpitante que tem por cenario a Alemanha surgindo para o nacional socialismo.

Ernst Glaesser traçara, com cores imensamente vivas, a terra de Goethe num outro grande livro sobre a guerra de 14: "Classe 1902". Escritor de um senso notavel para interpretação estetica dos fastos historicos, Glasser usa a ficção apenas como pretexto porque no fundo ele é o analista seguro de uma sociedade e de um povo, suas idéias, principios e conduta.

Estamos deante de um livro cheio de movimento e onde nos aparece uma Alemanha que começava a criar seus mitos civicos para se salvar da crise economica, chomage, capitalismo, krachs na bolsa, etc.

É uma obra de mestre "O ultimo civil" e de uma concepção litteraria raramente atingida por romancistas modernos.

Primorosa tradução de Maria Jacinta. D. de L.

JAMES HILTON — "NÃO ESTAMOS SÓS" — Coleção Nobel — Edição da LIVRARIA DO GLOBO — Porto Alegre.

James Hilton já nos tinha aparecido em lingua portuguesa, tambem nas edições Globo, no "Adeus, Mr. Chips", historia de uma vida pura de mestre escola.

Para quem conhece esse, poema de aventura e sonho que Hilton denominou de "Horizonte perdido", fabula da felicidade e da juventude eternas num encontro de filosofismo orientaes e occidentaes, o lê prevenido de se defrontar sempre com um grande escritor mesmo que ainda não estejamos intimos dos autores de lingua inglesa.

Nesse sentido o Globo realisa importante programa cultural.

"Não estamos sós" é o romance de um modesto doutor inglez, bom e sonhador David, "numa pequena cidade inglesa, a que na Inglaterra se dá o nome de "Catedral town".

E em torno de um caracter cheio de intenções fraternaes, numa humilde Calderbury, desenrola-se suavemente o esplendido romance de Hilton.

A tradução de Erico Verissimo valorisa ainda mais a edição. D. de L.

LOUIS BRONFIELD — "AS CHUVAS VIERAM" — EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO — Porto Alegre.

Se a intensidade dramatica, o exotico em literatura, o revolucionarismo ideologico fazem de um romance um grande livro, temos "As chuvas vieram" de Louis Bromfield como uma das mais notaveis obras de literatura estrangeira apparecidas entre nós nestes ultimos anos.

A India é uma sugestão permanente para a construção de temas literarios e os ingleses bem a conhecem através de um Rudayrd Kipling.

Agora um novo escritor nos revela esse paiz de mistério, paiz das tradições e de uma poesia de seculo e seculos.

"As chuvas vieram" é o romance de uma paisagem tragica onde as creaturas se agitam entre o fatal e o sonabulismo, onde a natureza é severa e os homens são escravos dos deuses e da terra.

Depois de uma sêca desesperadora, um diluvio que arrasa e destrói.

Para descrever asses dois instantes, Louis Bomfield joga com seus

personagens de uma maneira comovente e admiravel.

Livro esplendido.

A tradução foi confiada a de Sousa Junior que deu á edição portugueza toda a elegancia do original. D. de L.

O ROMANCE DA FEITIÇARIA —
Sax Rohmer — Edição da
LIVRARIA DO GLOBO — Porto
Alegre.

Curioso estudo de divulgação da arte da magia. Escrito em linguagem popular para atender ao gosto do grande publico, é um livro agradável. Autor dos mais famosos de novelas de misterio, a seára em que entrou não lhe é extranha, mostrando mesmo uma bôa dose de erudição.

O trabalho começa por uma introdução sobre a Feitiçaria e os Feiticeiros onde se trata das sibilas, paizes dos djinns, os elmentais, oráculos orientaes, a esfinge etc. para chegar ao romance de Apolonio de Tiana, impressionante figura de mago do tempo de Domiciano.

Depois o autor nos mostra Michel de Notre Dame, chamado Nostradamus, que encheu de espanto o seculo XVI e o Doutor John Dee, astrologo londrino de grande fama.

Cagliostro ocupa maior atenção desse ameno escritor e se tem uma esplendida biografia do misterioso "feiticeiro" italiano.

A ultima personagem tratada no livro é Madame Blawatski, a

moderna sacerdotisa dos misterios orientaes e notavel teosofista tão discutida no mundo moderno.

O livro finalisa com um capitulo sobre a feitiçaria e a lei atravez das bruxas em França, o Sabath, os descobridores de bruxas, a fogueira, os processos de feitiçaria, o incubo de Pavia, etc.

O "Romance da Feitiçaria" merece ser lido. D. de L.

A INVASÃO PARAGUAIA NO
BRASIL — *Walter Spalding* —
Brasiliana — Vol. 185 — Comp.
EDITORIA NACIONAL — São
Paulo.

Walter Spalding é entre os historiadores jovens do Rio Grande do Sul talvez o mais operoso deles, tendo dado ás letras gauchas curiosos e importantes documentarios sobre a evolução social e as tradições da gente do pampa.

Dirigindo o Arquivo da cidade de Porto-Alegre com competencia, zelo e entusiasmo, W. Spalding destacou-se logo como senhor de optimas qualidades de historiador.

As pesquisas dos fastos sociaes se processam hoje somente deante do exame dos documentos e ninguem ousa deduzir ou concluir sobre historia sem estar amparado diretamente nas fontes.

A "Brasiliana", famosa serie da Bibliotéca Pedagogica Brasileira, dirigida por esse humanista que é Fernando de Azevedo, publicou agora um esplendido volume de Walter Spalding: "A Invasão Pa-

raguaia no Brasil", edição da Companhia Editora Nacional de S. Paulo.

O livro está dividido em nove partes, uma introdução e a bibliografia. Na introdução o autor traça uma síntese muito precisa da grande tragédia guerreira da America e tem palavras serias e comovidas para os acontecimentos e os homens.

As nove partes da obra compreendem o seguinte: correspondencia do Presidente da Provincia de S. Pedro do R. G. do Sul, correspondencia do Tenente-general João Frederico Caldwell, relatorios da Comissão de Engenheiros do Exército em operações na Provincia do R. G. do Sul, correspondencia do Brigadeiro honorario David Canabarro, correspondencia do Marechal de campo Manoel Luiz Osorio, Diversos documentos, rendimento da Vila de Uruguaiana,

avisos expedidos pelo ministerio da guerra e os paraguaioes em Mato-Grosso.

Toda essa vasta documentação vem interessantemente anotada, repleta de comentarios historicos.

A documentação é quasi toda inédita, o que dá maior valor á obra

Walter Spalding, com o seu notável livro "A invasão Paraguaia no Brasil", presta-nos inestimavel serviço cultural.

Trata-se de um volume necessario nas estantes das nossas bibliotecas.

São 600 e tantas paginas de abundante material de consulta, abundante e preciosa. A grande casa editora de S. Paulo lança no mercado, com exito, o recommendavel volume de W. Spalding, porque felizmente, já se pode falar num publico para temas brasileiros. — D. de L.

Indices de Revistas

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Abril de 1940 — Rio de Janeiro

SUMARIO

Bandeira Anhanguera — 1937 —
relatorio do eng. Arnaldo Otavio
Nebias, com apresentação
do eng. Luiz de Moraes Rego,
membro do Diretorio Regional
de Geografia de São Paulo.

O Acre e suas possibilidades — pelo
Tenente-Coronel Lima Figueiredo,
Consultor Técnico do Conselho
Nacional de Geografia.

Geografia dos Transportes do Brasil — pelo eng. Moacir F. Silva,
Consultor tecnico do Conselho
Nacional de Geografia.

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

Euclides da Cunha.

Auguste De Saint-Hilaire.

INQUERITOS GEOGRAFICOS

Fotogrametria — pelo General Ali-
pio di Primio.

COMENTARIOS

Exposição de Mapas Municipais —
pela Redação.

Nova Divisão Territorial do Brasil — obra do Conte. Thiers Fleming
comentada pelo Tte.-Cor. Lima Figueiredo.

Toponimia Fluvial Tanabiense —
pelo dr. Sebastião Almeida Oliveira.

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

O Gaucho.

Campos de Criação no Rio Grande do Sul.

NOTICIARIO

IX Congresso Brasileiro de Geografia.

Campanha de Coordenadas Geograficas.

Abertura das Aulas na Escola de Geografos do Exercito.

1.º Aniversario da Instalação do Serviço de Geografia e Estatística Fisiografica.

3.º Aniversario da Criação do Conselho Nacional de Geografia.

General José Maria Moreira Guimarães.

*Doutor Luiz Saído de Bulhões
Carvalho.*

*Professor Luiz Cantanhede de Car-
valho e Almeida.*

**RELATORIOS, RESOLUÇÕES E
LEIS**

*Decreto N. 5.265, de 16 de Feve-
reiro de 1940, que "aprova o Re-
gulamento para a Escola na Geo-
grafia do Exercito."*

*Decreto: Lei N.º 198 de 25 de Mar-
ço 1939, do Governo do Estado
de Minas Gerais, que "cria o
Departamento Geográfico".*

*Decreto-Lei N.º 483 de 25 de Março
de 1939, do Governo do Estado
de Minas Gerais que "aprova o
Regulamento Dapartamento Geo-
grafico e dá outras providências."*

BIBLIOGRAFIA

*Publicações sobre Geografia Edita-
tadas no Brasil no Ano de 1939
(continuação) e Primeiro Tri-
mestre de 1940.*

**"BOLETIN DE HISTORIA Y AN-
TIGUEDADES"**

*Orgão da Academia Colombiana
de Historia — Bogotá — N.º 305-
306 — Março — Abril de 1940 —
Sumario: Documentos del Archi-
vo de Indias — El virrey ezepeleta
y la fundacion de Cunday por Ani-
bal Henao Duque — José Maria
Hernandez por Fabio Lozano y
Lozano — Alcaldes de Tocaima*

*por Alejandro Carranza — La
vuelta al redil por J. M. Restreppo
Saenz — Don Benito Perez, virrey
del Nuevo Reino de Granada por
Hector Conte Bermudez — Acta
revolucionaria del Socorro — Cons-
titucion de la Escuela Militar por
Francisco José de Caldas — Me-
moria sobre la guerra magna por
J. M. Vergara Kzano — Autobio-
grafia por Santos Acosta — Infor-
mes de Comisiones (El Teatro del
Arte Colonia. Biografia compen-
diada del general Santander —
Puntadas de Historia e Servicios
de R. P. Focay Eugenio Ayape)
— Descubrimiento y fundacion de
Buenaventura por E. Otero D'Cos-
ta — Doctor Juan Gualberto Gu-
tierrez por Ulisses Rojas — Ex-
tracto de actas.*

BOLETIN DE FILOGIA

*Instituto de Estudios Superiores
— Tomo II — N.º 12 — Set. 1939
— Montevideo — Sumario: S. Pe-
rea y Alonso — "Inventario del
acervo linguistico conocido de los
indigenas de la Banda Oriental
del Uruguay y de las tribus afi-
nas de las regiones adyacentes".
Julio Storni — "Hortus guara-
nencis". Sergio Washington Ber-
mudez — "Lenguaje del Rio de
la Plata". A. Berro Garcia —
"Elzear S. Gingra" — Notas Bi-
bliograficas — Noticias — Acuer-
dos de la junta de colaboradores.*

REVISTA DA UNIVERSIDADE
CATOLICA BOLIVARIANA

Fevereiro-Março

Manoel José Sierra — Travesía
histórica de nuestra Universi-
dad.

Werner Beinbauer — El carácter
español, II.

Gonsalo Restrepo Jaramillo — Co-
loquio de la civilización.

Augusto Malaret — Los america-
nismos através de los siglos.

Julio Enrique Blanco — Historia
comparativa de los principales
sistemas de la filosofía.

Pedro Troncoso Sanchez — Temas
axiológicos. Existen los valo-
res negativos?

Lewis Hanke — El Papa Paulo III
y los indios de América.

BIBLIOGRAFIA

A. Naranjo; V.: Sabiduría pri-
mitiva de los Italianos, por J. B.
Vico. — *E. Giraldo Z.*: Tratado
de Lógica, por Felix Henao Bote-
ro. — *A. Cock*: Ciudadani y na-
turalización. — *G. Hena M.*: Chil-
le, su tierra y su gente, por A.
Mac. Bridge. — *R. Carrillo*: Elo-
gio de la vigilia, por A. Vasailo.
— *J. L. Arango*: Jorge Manrique
and the cult of death in the cua-
trocientos, por A. Kraus.

REVISTAS DE AMERICA

Epilogo de Don Quijote, por E.
Robiedo, — Hispanidad entre ras-
cacios, por J. Ruiz Giménez. —
Nuestra cultura en el exterior, por

G. H. M. — Biblioteca de cultura
peruana., por J. L. A. — El pen-
samiento filosofico através de los
libros. — El ultimo libro de Car-
los Garcia Prada. — Una traduc-
cion hungara del Poema de Job.
Edicion especial de nuestra Re-
vista.

INFORMAÇÃO UNIVERSITARIA

Cuadernillos de poesia Colom-
biana, N.º 4. — *Porfirio Barra*
Jacob, *Estudio de Rafael Maya*.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE
LETRAS

Rio de Janeiro — Junho

SUMARIO

Ari Martins — Entidades litero-
culturais do Brasil.

Camara Cascudo (L.) — Almino
Afonso.

Carlos Chiacchio — Castro Alves
e o americanismo.

Carlos Chauvin — N. S. do Carmo.

Ciro Vieira da Cunha — Saudade.

Deoclecio Duarte — Rio Grande
do Norte literario.

Eloi de Sousa — Almino Afonso.

Focion Serpa — Poesia colombiana.

Jose de Mesquita — Evangelho do
artista.

Leoncio Correia — A boiadeira.

Luis Lamego — A psicologia mor-
bida através da literatura.

Mário Melo — "Dia das Américas"

Martins de Oliveira (D) — Poe-
sia moderna.

Raul Monteiro — São João Batista.

Valdemar de Vasconcelos — Antero de Quental.

Bibliografia.

Federação (A) nas suas ultimas sessões.

Intercambio Panamericano.

Vida Academica.

Vida (da) e da Obra de Patronos (Almino Afonso).

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS

Rio de Janeiro — Julho

SUMARIO

Afonso Schmidt — As sacrificadas.

Ari Martins — Entidades litero-sociais.

Carlos Chauvin — N. S. do Carmo.

Carlos Rubens — Rosalvo Ribeiro.

Carvalho Junior (F.M.) — Fone-
ma inarticulado.

Deoclecio Duarte — Um selvagem irreverente.

Francisco Leite — Paquetá.

Heráclito Amancio Pereira —
Poeira do passado.

José de Mesquita — Ser poeta.

Mario Linhares — "Ritmos do novo continente".

Raul Monteiro — Amor.

Vitor Coelho de Almeida — No cimo da montanha.

Bibliografia.

Federação (A) nas suas ultimas sessões.

Intercambio Panamericano.

Variedades.

Vida Academica.

Vida (da) e da Obra de Patronos (Amancio Pereira).

SELECCION BIBLIGRAFICA DE OBRAS ALEMANAS

En traduccion española y Portuguesa — publicado pelo "Ibero Amerikanischen Institut Berlin" e "Deutsch — Ausländischer Buchtausch" — Sumario. A. traduccion es-
pañolas — 1. Filosofia, obras de filosofos classicos, Historia de la filosofia, Filosofia contemporanea, Metafisica, Filosofia Natural, Psicologia, Logica, Etica e Estetica, Ocultismo. 2. Religion — 3. Ciencias matematicas y naturales: Matematicas, Biologia, Fisica, Quimica, Geologia y Minerologia — 4. Geografia — 5. Historia y Politica Actual: Historia, Politica Actual. — 6. Derecho — 7. Ciencias politicas y sociales — 8. Técnica y industria — 9. Pedagogia — 10. Deponte — 11. Ciencias medicas — Medicina y Fisiologia, Odontologia, Veterinaria, Farmacologia — 12. Filologia — 13. Historia literaria — 14. Literatura, Antologias, Poesias, Prosa, Teatro, Belas Artes, Obras Militares.

B. Traduções Portuguesas — Filosofia, Religião, Ciencias naturais, Geografia e Turismo, Historia e politica atual, Tecnica, Ciencias medicas, Literatura e Obras Militares.

REVISTA DO INSTITUTO
HISTORICO E GEOGRAFICO DE
SÃO PAULO

Vol. XXXVII

SUMARIO

*Posse do Dr. Afonso de Escrag-
nolle Taunay na Presidencia
Honoraria do Instituto — Dis-
cursos.*

*Gastão Madeira, Pioneiro da Avia-
ção.*

*A primeira casa da moeda do
Brasil. — Afonso de Escagnolle
Taunay.*

*Produção de ouro no Brasil —
Alvaro de Sales Oliveira.*

*Valores Permanentes — Afonso
José de Carvalho.*

*O Talleyrand de 1817 — Vicente
Temudo Lessa.*

*São Roque de Outrora — Joaquim
Silveira Santos.*

*Subsidios Genealogicos — Carlos
da Silveira.*

*Um Artista Notavel — Paulo Au-
risol Cavalheiro Freire.*

*Instituto Historico e Geografico
de São Paulo.*

*Cadastro Social — Elogio dos
Socios falecidos durante o ano so-
cial de 1938-39, pelo orador ofi-
cial Dr. José Carlos de Ataliba
Nogueira — Atas das sessões rea-
lizadas no periodo de Julho a No-
vembro de 1939.*

REVISTA DA ACADEMIA
PARANAENSE DE LETRAS

Janeiro — Março

INDICE

*Relatorio — apresentado pelo
Presidente da A.P.L., referente
ao periodo social de 1.º-1-39 a
31-12-39.*

*Sapatos de noivado — sainete dra-
mático em 1 ato — de De Sá
Barreto.*

*Ao sabor do sonho — sonetos —
de J. Cadilhe.*

*Discurso pronunciado no Senado
em 1936 — por Flavio Guima-
rães.*

*Morte — soneto do poeta indú
Sada Caiáfa (tradução de J.
Gelbeck).*

*Lapa — A salvadora da democra-
cia brasileira — prosa — de
Raul Gomes.*

*“Seria o caso de treinar” — (Cap.
I do romance “Corpus Cristi”
em elaboração) de Valfrido Pi-
loto.*

*Ditluculo Matutino — poema — de
Leoncio Correia.*

*Estudos Pascalianos II — prosa
— por J.F. Mansur Guerios.*

*Recordando... — versos — de
Virgilio Moreira.*

*Ciro Sans Duro — discurso — de
B. Nicolau dos Santos.*

*Esfinge — sonetos — de Rodrigo
Junior.*

*Candelabros de ouro que se acen-
dem na Catedral da Posteridade
— oração de J. Loureiro Fer-
nandes.*

Mudam os tempos.

*Boneca de Natal — versos — de
Ciro Silva.*

Maldade.

Nossa Estante — critica.

Noticiario.

Intercambio Cultural.

Bibliografia.

Quadro Social.

REVISTA DO ENSINO
ESTADO DO RIO G. DO SUL

Porto Alegre — Junho

SUMARIO

Educação: O Curriculo Secundário e a Historia da Civilização — Prof. Juanthas Serrano; Sociologia — Tipos Sociaes — Prof. Darcí Azambuja; Instituições Escolares — Prof. Ida Silveira; O Jornal Escolar — Prof. Amneris Fortini; Pedagogia Lassaliana — Ensino de Trigonometria na Escola Primária — Prof. Irmão Teodoro; Organização de Trabalho na Escola Elementar — Prof. Goulart Bueno; O Teste de Rute — J. M. Mackinnon — Trad. da Prof. Pepita de Leão; Plano para organização de um "Circulo de Estudos" — Prof. Geci de Castro Costa; Casa Paterna — Torrão Natal — Prof. Lahidy Zapo; A Bondade, na Educação — Prof. Mariinha Noronha; Fora da Escola — Prof. Angelo Patri; O Problema do Ensino Rural — José Guedes de Azevedo; Como escrever em português os nomes geograficos estrangeiros — Prof. Raja Gabaglia; O Seguro de Vida — Uma lição que frutificou; O Gabinete de Historia do Colegio Universitario de Porto Alegre — Prof. Ala-

rich Schultz; A Instrução Publica Municipal de São Leopoldo; Administração do Ensino no Estado — Atos e iniciativas da Secretaria da Educação e Saúde Publica; Atos do Governo Federal interessantes no ensino.

Saude: Editorial — Dr. José Bonifacio Paranhos da Costa; Saneamento — Dr. Amaro A. O. Batista; A Campanha contra os entorpecentes — Dr. José Barros Araujo; Doenças Transmissiveis — Dr. Leonidas Soares Machado; Profilaxia Mental — Dr. Jacinto Godoi; Pela Educação Sanitaria da Criança — Dr. Maya Failace; O Novo Modelo de Ficha Medica Escolar — Dr. Poli M. Espirito; A Raiva — Dr. Hugo Ribeiro; Não Me Beije! Dr. Heitor Silveira; Da propaganda contra a lepra e os meios efficientes de realiza-la — Drs. Gilberto Mangeon, J. Pessoa e A. Mercio Xavier; Valor Alimentar e importancia economica do "pão mixto" — Dr. J. Maya Failace; O Sarampo — Dr. Leonidas Machado; Tipos de Merendas — Conselhos sobre alimentação — D. N. S.

ESTUDOS

ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO DE
PROFESSORES CATOLICOS

Porto Alegre — Junho

INDICE

Editorial:

Programa de "Estudos".

Um Apostolo da Inteligencia:

O Padre Werner — P. Balduino Rambo, S. J.

Estudos:

A Hierarquia dos Seres — Dom João Becker.

Só a Universidade Católica pode trazer contribuições valiosas á Ciencia — José Corrigan, Reitor da Universidade de Washington.

Naturalismo e Cristianismo — P. Balduino Rambo, S. J.

O Naturalismo e o direito — Prof. Darcé Azambuja.

O Naturalismo e a Historia — Prof. Francisco Machado Carrión.

A Revolução Renascentista — Prof. Aldo Obino.

Cristo no Congresso de Agronomia de Porto Alegre.

Professor Gastão Dias de Castro.

Os Grandes Mestres Contemporâneos:

Paginas de Filosofia — A indução incompleta — Prof. Augusto Brunner.

Paginas de Arte:

Canto de Gratidão — Paulo Corrêa Lopes.

Fragmento — Paulo Corrêa Lopes. Contra o Virtuosismo — Raoul Laparra.

Good Bye, Mr. Chips! — Bernardo Gavoty.

Aspetos da nossa vida Artistica — Angelo Guido.

Informações:

As atividades da Associação dos Professores Catolicos do Rio Grande do Sul.

BOLETIM MUNICIPAL

Publicado pela diretoria geral do expediente da Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Janeiro — Abril

SUMARIO

1) Gloria.

Decretos-Lei e Decretos do Prefeito.

Indice.

Materia do Arquivo:

1) Independencia.

2) Correspondencia avulsa de José Feliciano Fernandes Pinheiro.

3) Campanha da Cisplatina e Buenos Aires.

4) Governo do Municipio de Porto Alegre:

III — Imperio — A) 1.º Imperio.

5) Ascendencia do Dr. José Loureiro da Silva.

Procuradoria.

Noticiario:

1) Bi-Centenário da Colonização de Porto Alegre: Programa dos Festejos.

2) Dr. Getulio Vargas (Discursos).

3) Plano Diretor.

4) Pequenas Notas.

5) Como somos recebidos.

6) Datas expressivas para Porto Alegre.

REVISTA DO INSTITUTO
HISTORICO DE MATTO GROSSO

Ano XXI — 1939 —
Tomos XLI e XLII

SUMARIO

- D. Aquino Correa* — Centenario do Instituto Historico e Geografico Brasileiro (sermão de acção de graças, na Candelaria)
José de Mesquita — O sentimento de brasileiros na Historia de Matto-Grosso (discurso de posse no I.H.G. Brasileiro)
V. Correa Filho — Luis de Albuquerque — o fondeiro insigne
J. F. Velho Sobrinho — Marinheiro de dois imperios (elogio de Antonio Claudio Soido)
Firmino Rodrigues — Hospital dos Lazaros de Cuiabá .
José de Mesquita — Genealogia cuiabana (Titulos Mesquita — Moniz e Pinhos e Azevedos)

CINCOENTENARIO DA REPUBLICA EM CUIABÁ

- D. Aquino Correa* — A Igreja, a Republica e o Estado Novo (allocução na Missa Campal)
Firmino Rodrigues — Discurso na Romaria ao Cemiterio da Piedade (homenagem aos republicanos historicos de Cuiabá)
José de Mesquita — Oração á Democracia (discurso na sessão commemorativa, na casa Barão de Melgaço).

BIBLIOGRAFIA

- Feijo Bittencourt* — Rumo da Literatura acercadas fronteiras do Brasil.

IBERO — AMERIKANISCHES
ARCHIV

Outubro — 1939 — Berlim

Hunsche, Carl Heiriche: Richard Wagner und Brasilien.

Sapper, Karl: Die Dominikanerprovinz Vera Paz in Guatemala als Vorbild der sudamerikanischen Missionsstaaten.

Aus dem Tätigkeitsgebiet des Ibero-Amerikanischen Instituts.

Literaturbericht: Portugal — Spanien.

Ibero-Amerikanische Bibliographie XXXVIII.

Verzeichnis der deutschsprachigen Literatur, Rearbeitet von Hans Praesente.

BOLETIN DEL ARCHIVO
GENERAL DEL GOBIERNO

Abril — Guatemala

SUMARIO

Fray Lucas González, rinde al Provincial de los PP. dominicos, informe de la reduccion del Manché.

Don Jacinto de Barrios Leal, comunica a la Audiencia su llegada al pueblo de Ntra. Señora de los Dolores de El Lacandon.

El Cap. Gaspar Raymundo de Baraya, informa al Presidente de la Audiencia, del estado de las milicias encargadas de la vigilancia de los indios Socmoes y Lacandones.

Informe de la calidad del paraje nombrado Ipchia, para efectuar el traslado de los Lacandones. Autos en que consta que indios Payas, pretendian invadir el pueblo de Catacamas.

Basilio de Andino, residente en Yoro, da cuenta que varios indios infieles, fueron reducidos. Su Majestad solicita que la Audiencia informe de las misiones de Talamanca y Atirro de la provincia de Costa Rica.

Su Magestad solicita que la Audiencia informe de las misiones de Matagalpa, de la provincia de Nicaragua.

Su Majestad vuelve a pedir informes acerca del estado de las misiones de Talamanca.

Informe dela reduccion de indios caribes.

Testimonio del informe que rindió Fray Francisco Xavier Ortiz, relacionado con el estado de las misiones a cargo de los frailes del Colegio de Cristo.

BOLETIM DEL ARCHIVO
GENERAL DE LA NACION

Abril — Republica Dominicana
— Ciudad Trujillo

SUMARIO

El Significado Historico del 23 de Febrero del 1930, por el Dr. Gustavo Adolfo Mejia Ricart.

Apuntes sobre Arqueologia Quisqueyana, por el Dr. Guido Despradel Batista.

Documentos Históricos.

Apuntes para la Cartografia Dominicana, por Luis E. Alemar.
La Revolucion de los Alcarrizos, por el Lic. Emilio Rodrigues Demorizi.

Colecion Lugo (continuacion).

Indice Gral. de los libros copiadores de oficios de Relaciones Exteriores (continacion).

REVISTA DO INSTITUTO DE
ENGENHARIA MILITAR

Maio — Junho — Rio de Janeiro

SUMARIO

Brasil, e o Mercado Americano — Solução para os Problemas Nacionais — A neutralidade Brasileira — A Instrução da Tropa da 1.^a R.M. — Epitome Geobelico da Historia do Paraguai — A Tomada de Almourol — Os Saldos e a Exportação — S. Paulo e o Estado Novo — Corsarios das Antilhas e Outros — Visão Eterna — Quid Est Veritas? — A Fundação Sorio — Estado e Trabalho — O Problema da Siderurgia — Sentimento do Dever — Pelo Reflorescimento do Brasil — A Riqueza Mineral do Norte — No Reino dos Psittacideos — A Nova Estação D. Pedro II — Petroleo — A Verdade e a Lenda — Almirante e Marques de Tamandaré — Inauguração do Edificio da Escola do Estado Maior do Exercito.

BOLETIM DO GABINETE DE
ESTUDINHOS GEOGRAFICOS E
HISTORICOS DA PARAIBA

15 de Junho — João Pessoa

SUMARIO

Palavras da Redação.
Alfa.
Mocidade de Outrora.
Livros de Paraibanos.
Convite.
As Antigas Rodovias da Paraiba.
Família Medeiros, do Seridó.
A Divisão Territorial do Estado.
Lendas Paraibanas I.
Jurema.
Divisão Judiciaria e Administra-
tiva da Paraiba.
Lendas Paraibanas (Continuação).
Carta Regia 704.
Aristides Lobo.
Alcides Bezerra.
Breve Noticia Sobre o Estado da
Paraiba.
Centenario de Maciel Pinheiro.
Os Primeiros Chafarizes.
O Cabo Branco.
Tacos.
Toda Correspondencia.
Família Oliveira Ledo.

NATURAL HISTORY

The Magazine of the American
Museum of Natural History —
New-York — Volume XLV n.º 5
— May, 1940

Lady Spipers (Photograph by
Hery B. Kane) Cover Desing.
Letters, 257.

Close-Up of a Chameleon (Photo-
graph by Ewald Gnilk) Fron-
tispiece 260.

*The Most Amazing Tongue in Na-
ture* (How the agre-like cha-
meleon shoots his rapid insect-
catching tongue) Robert Cush-
man Murphy 261.

Adventures in Puffin-Town (Ob-
servations on the life of a
puffin colony) Olin Sewall Pet-
tingill, Jr.

Northern Lights (One of Nature's
most awe-inspiring spectades),
Clyde Fisher.

The Odyssey of Uncle Sam's Eagle
(The "King of Birds" as an
emblem of power) Lucy Em-
bury.

*The Fossil Man of Circe's Moun-
tain* (The "murder story" of
a Neanderthal man) Albert
Charles Blanc.

*World-Wide Hunt For The Mar-
lin* (Five American Museum Ex-
peditions secure data on the
marlin) William K. Gregory and
G. Miles Conrad.

An Insect Jeky-Hyde (A picture-
story of a marauding wasp)
George Elwood Jenks.

Pigeon \$183/14 A. F. (An epic
fight of the Great War) Sidney
Moorhouse.

The Vanishing African (How ci-
vilization has affected the na-
tives of the Dark Continent) D. R.
Barton.

Tall Truth (Anchorite of the
rock) John E. Hill.

Information Test.

Your New Books.

Lonng Shots.

NATURAL HISTORY

The Magazine of the American
Museum of Natural History —
New-York — Volume XLVI N.º 1
— June, 1940

Colobus Monkey (From a painting
by Joseph M. Guerry). Cower
Desing.

Letters.

Cicada-Killer (One of Nature's
efficient "mechanized units")
C. H. Curran.

Jumbo (The animal who conquere
d the hearts of two continents)
Leonard J. Bolger.

*Chichen Itza-The Thrice Conque-
red Maya* glory-architectural
geniuns of our tree aristocracy)
George C. Vaillant.

Wild Palms in Arizona (A myste-
rious rarity in one of arizona's
hidden canyons) Sherman Ba-
ker.

*Seeing Natures Through The Co-
lor Camera's Eye* — Florence
Stuck and Frederick H. Pugh.

Our Friend The Earthworm (Uni-
versal soilmaker) Herbert S.
Ardell.

The Ghost Crab (Investigating
the life of a curions creature)
Alexander M. Phillips.

The Sea-God's Patchwork (New
Zealand's remarkable geologic
pattern) William K. Gregory
and G. Miles Conrad.

Dogrib Treaty (Games and feasts
enliven the keeping of a Go-
vernment pledge) Richard Fin-
nie.

He Brought The Stars to America
(A biographical sketch of Cly-
de Ficher) D. R. Barton.

Information Test.

Your New Books.

Sea hell Shots — Charles H. Coles.

"THE GEOGRAPHICAL REVIEW"

Vol. XXX — Julho de 1940 — N.º 3

New-York

John Huston Finley 1863-1940 —
Isaiah Bowman.

*Hawaii And The Pacific: A Sur-
vey of Political Geographi* —
Stephen B. Jones and Klaus
Mehnert.

*Toledo: A Tropical Refugee
Settlement in British Honduras*
— Desmond Holdrige.

*Rivers of The South Shore of
Lake Melville, Labrador* — Ale-
xander Forbes.

Finland in The Sixteenth Century
— W. R. Mead.

*A Great Lakes-to-ulf Profile of
Dispersed Dweling Rypes* —
Robert Finley and E. M. Scott.
*Stokholm: Its Streture and De-
velopment* — W. William-Ols-
son.

*The Susquehanna Corridor: A Ne-
glected Trans-Appaia Chian
Route* — H. F. Raup.

The World's Petroleum — John
W. Frey.

*A series of Population Maps of the
Colonies and the United States?*
1625-1790 — Herman R. Friis.

*Early Maps of the United States:
the Ebeling-Sotzmann.*

*Maps of the Northern Seaboard
States* — Ralph H. Brown.

*Depositional Environments of Se-
dimentary Rocks: A Review* —
Henry C. Stetson.

*American Geographical Society.
Geographical Record.*

Geographical Reviews.

*The Geography of the Monroe
Doctrine and Limits of the
Western Hemisphere* — La-
wrence Martin.

Outras publicações

“Biblioteca del Poder Legislativo”
— “Lista de obras incorpora-
das” — Julio — Set. 1939 —
Montevideo-Uruguay.

Idem — octubre e diciembre —
1939.

Idem — “Diarios y Periodicos”
—que se reciben atualmente —
1939.

Idem — “Anales, Boletines y Re-
vistas” — 1939.

“Brasile” — Ns. 5-6 — Milano
— Italia.

“Boletin de Literatura” — cata-
logo — Livraria Panamerican
— Buenos Ayres — 1940.

“Boletim do Instituto do Ceará”
— Intercambio 1.º Trim. de
1940.

“ICE” — Orgão de Propaganda
do Instituto de Ciencias Econo-

micas — Ano II — N.º 10 —
Porto Alegre.

“Boletin de Instituto de Cultura
Latino — Americana de la Fa-
cultad de Filosofia y Letras”
6 pgs. — Ano IV — N.º 20 —
Buenos Ayres — Março — Abril
— 1940.

“Tradição” — Suplemento — Per-
nambuco — Ano VI — N.º 67
— Junho de 1940.

“Diario Oficial” — S. Luiz —
Maranhão — Numero de maio
e junho — 1940.

“Boletim Meteoro-Agricola” —
Serviço Metereologico — Porto
Alegre — junho — 1940.

“Ibero-Americanische Rundschau”
— Hamburgo — Maio — 1940.

“Estandarte Cristão” — Ig. Epis-
copal Brasileira — Ano XLVIII
— N.º 1081 — P. Alegre.